

**CONGREGAÇÃO DOS OBLATOS DE SÃO JOSÉ
PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DO ROCIO**

Capítulo I.

QUEM ERA JOSÉ MARELLO

“Levanta a voz, e eu sentirei aquilo que você diz”.

BIOGRAFIA DO

BEM-AVENTURADO JOSÉ MARELLO

1. Aproximando-nos da vida do Bem-aventurado Marello, tornamo-nos como navegantes que devem conduzir o barco ao alto mar, procurando evitar os escolhos do egoísmo e da superficialidade, que impedem uma navegação tranqüila. Jesus diz a São Pedro: “conduza o barco para o largo e lance as redes” (Lc 5,1-11). Nós respondemos: “Trabalhamos a noite toda e não pescamos nada; nos cansamos, suamos e estamos sempre no mesmo ponto; mas no teu nome, Senhor, lançarei as redes”. Também nós já navegamos muito, mas talvez com pouco resultado. Não é verdade, queridos confrades, que todos os regulamentos já escritos, incluindo a Ratio Formationis; tão caprichados e perfeitos, não têm tido grande efeito em nossa vida prática? Se nos examinarmos um pouco, percebemos que nos referimos bem pouco aos regulamentos, mesmo àqueles que reformulamos há poucos anos e que deveriam ser a bússola certa para a nossa navegação josefina. Dizemos que o mundo caminha com rapidez e que tudo passa depressa, também as regras que aprovamos e que pareciam constituir a estrada mestra para o futuro. “Lançamos as redes e não pegamos nada”. A verdade é que em nossas atitudes de hoje prevalece o subjetivismo, que dificulta a referência a normas escritas e nos leva a preferir o nosso critério do momento. Temos que admitir que existe muita superficialidade neste modo de agir, que sem dúvida não é sinal

Pe. Severino Dalmaso, OSJ
Roma- Itália 1998

de progresso espiritual, mas é, ao contrário, um procedimento dos tempos que vivemos, nos quais não conseguimos ainda nos livrar completamente das influências de algumas ideologias passageiras. Este novo tipo de individualismo leva cada qual a moldar a formação e os métodos de apostolado de acordo com os próprios parâmetros pessoais e portanto, não pode ser tomado como modelo de renovação da nossa vida. O individualismo sempre foi indicado como o principal inimigo da vida de comunidade; falou-se muito disso no passado e em parte essa tentação foi superada graças a um grande desejo de unidade e de comunidade. Tanto é verdade que nunca se falou tanto de comunidade como nesses últimos anos. Mas ainda existe o perigo que o individualismo, expulso pela porta - como se costuma dizer - entre pela janela com nova roupagem, ou seja, com o afastamento dos modelos aprovados pela experiência do passado e construindo outros sempre novos, de acordo com a moda e os ares do tempo. Nós respiramos a mentalidade relativística de hoje, a qual um pouco é new age e um pouco é vazia superficialidade. Neste clima, que sentido tem hoje falar da redescoberta do espírito Marelliano para o viver em profundidade, quando a profundidade mesma é um elemento que entrou em grande crise na mentalidade moderna? Se paramos para pensar neste fenômeno, também o espírito Marelliano se torna um rótulo bom para vender a mercadoria, a mercadoria josefina, mas não é útil para mudar radicalmente a nossa vida e oferecer-nos uma identidade forte e segura. "No teu nome eu lançarei as redes".

2. É preciso trabalhar em nome do Senhor. Reafirmemos portanto com clareza alguns princípios fundamentais, para nos orientar no trabalho que estamos fazendo. Vêm ao nosso encontro as

palavras da Exortação Apostólica "Vita Consecrata", que todos bem conhecem.

- a] – “As dificuldades atuais, que vários institutos encontram em algumas regiões do mundo, não devem induzir a colocar em dúvida o fato de que a profissão dos conselhos evangélicos é parte integrante da vida da igreja, à qual presta um impulso precioso para uma coerência evangélica cada vez maior. Historicamente poderá haver uma sucessiva variedade de formas, mas não mudará a substância de uma opção que se exprime na radicalidade do dom de si mesmo por amor do Senhor Jesus e, Nele por amor de cada membro da família humana. Sobre esta certeza que animou inúmeras pessoas ao longo dos séculos, o povo cristão continua a esperar, sabendo bem que, da ajuda destas almas generosas, pode receber um apoio muito válido no seu caminho para a pátria celestial" (VC, 3). O Documento fala do radicalismo do dom de si e afirma que tal valor continua sempre válido para nós e para aqueles dos quais nos aproximamos no apostolado. A vida consagrada é, portanto, o primeiro fundamento que devemos resguardar em nosso comportamento como Oblatos de São José.
- b] - "Exige-se a fidelidade ao carisma de fundação e ao sucessivo patrimônio espiritual de cada instituto. Precisamente nessa fidelidade à inspiração dos fundadores [...], dom do Espírito Santo, se descobrem mais facilmente e se revivem com maior fervor os elementos essenciais da vida consagrada" (VC, 36). Conseguimos assim explicar porque devemos nos interessar pelo Fundador: para permanecermos fiéis ao nosso carisma josefino, que é um dom do Espírito Santo, que nos foi comunicado por meio do Bem-aventurado José Marelllo.

c] - Tão grande dom não pode permanecer estático, como pura recordação do passado, mas deve tornar-se fonte de novidade na fidelidade, como acrescenta ainda o Documento VC: "Os Institutos são convidados a repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e a santidade dos fundadores... como resposta aos sinais dos tempos visíveis no mundo de hoje. Este convite é, primariamente, um apelo à perseverança no caminho da santidade, através das dificuldades materiais e espirituais que marcam as vicissitudes diárias. Mas é também um apelo a conseguir a competência no próprio trabalho e a cultivar uma fidelidade dinâmica à própria missão, adaptando, quando for necessário, as suas formas às novas situações e às várias necessidades, com plena docilidade à inspiração divina e ao discernimento eclesial" (VC, 37). Sublinhamos duas frases que serão para nós de grande ajuda: "competência no próprio trabalho" e "fidelidade dinâmica à própria missão".

3. Com estes princípios já nos podemos considerar preparados para o encontro com a pessoa amável do Bem-aventurado José Marelló. Falamos de encontro, não de simples conhecimento; e vem-me na mente aquilo que escrevia o jovem sacerdote Marelló no dia 12 de janeiro de 1869 ao seu amigo sacerdote Delaude, o qual, quatro meses após a ordenação, lhe havia escrito da paróquia onde fora enviado como vice-pároco, lamentando-se por causa da monotonia da nova vida numa aldeia periférica da diocese como era Castell' Aliero. O Pe. Marelló enviou-lhe a carta mais longa do seu período sacerdotal, com o intuito de encorajá-lo e dar-lhe orientações oportunas, conforme um contrato que haviam feito no seminário de se auxiliarem sempre na vida espiritual. Ele diz entre outras coisas: "Não te inquietes com esta passageira sonolência que é sinal de um próximo

despertar; no silêncio a alma se prepara para aquele grito altíssimo que deverá ressoar em todo o horizonte católico; o herói forma-se no segredo, assim como desabrocha um germe na natureza; no silêncio cristalizam-se os grandes gênios, assim como na obscura concha vai endurecendo a gota de orvalho que se transforma em pedra preciosa". E depois de lhe ter transmitido bastante coragem, dá-lhe oportunos conselhos e termina mostrando-lhe os amplos horizontes da Comunhão dos Santos, com os quais podemos entrar em comunicação toda a vez que nos recolhemos em oração: "Quando você estiver cansado, levante os olhos, coloque a mão direita no coração; você está na presença de Deus, você está com os amigos, você está com o mundo católico. A comunhão dos Santos é um grande dogma. Erga a voz, eu ouvirei aquilo que você disser. Pai, filhos e irmãos uma cadeia única de amor. Amém". Assim fala também a nós hoje o Fundador e nos convida a caminhar pela estrada que ele projetou. Também a nós ele diz: "Erga a voz, eu ouvirei aquilo que você diz". Portanto, um encontro entre nós e ele, encontro do qual tiraremos muitos benefícios.

4. *Quem era José Marelló.* Na biografia publicada no ano passado, eu começo apresentando-o com vinte anos de idade, quando já estava na juventude e tinha saído há poucos meses da crise que o levava para fora do seminário para o imergir na vida agitada da cidade de Turim. A escola que ele freqüentava naquele período era uma importação dos modelos escolares do norte da Europa, onde o ambiente protestante liberal havia substituído os modelos de escola clássica e humanística por aqueles de caráter técnico e econômico para preparar os jovens para o mundo industrial que estava nascendo naqueles anos. De fato, em Turim estava-se formando a indústria italiana. Mas este modo de se inspirar no

pensamento liberal trazia consigo os germes do positivismo e do anticlericalismo. No texto de Economia e Política em que José Marelo estudava em Turim (e que conservamos) lêem-se estas palavras: “Abandonado o caminho ilusório das hipóteses arriscadas e das generalidades indefinidas (ou seja, da filosofia teórica), o espírito humano, cansado com os sistemas metafísicos incoerentes, e todavia desejando consolar-se com o raio de alguma certeza, agarrou-se à guia lenta mas eficaz e segura da experiência (eis o positivismo). E depois de ter inutilmente procurado chegar à verdade sobre as asas da divinação (ou seja, da filosofia ou teologia), com mais humildade tentou descobri-lo com a busca cuidadosa de uma descrição paciente”. Eram os princípios indiscutidos do positivismo, o qual dava importância suprema ao que se pode provar cientificamente, colocando de lado toda e qualquer forma de pensamento abstrato e racional.

5 - José Marelo cresceu neste ambiente durante um ano escolar inteiro (1862-1863) e mais dois meses do ano seguinte; saiu em Dezembro de 1863 por graça de Nossa Senhora da Consolação, que o havia curado de repente de uma doença grave de tifo petequial. No dia 9 de Janeiro de 1864 ele recebia o hábito clerical na igreja de San Martino Tanaro e, depois de um mês de convalescença, entrava no seminário de Asti, recebido entre festas pelos superiores e pelos colegas. O seu irmão Vitorio lembra a emoção e a alegria com que repetia a si mesmo: "Deus me quis clérigo de novo, Deus me quis clérigo de novo". O encontro com as suas primeiras cartas (duas do outono de 1864) provam que ele estava sereno e seguro de si como quem havia reencontrado a sua identidade, e trabalhava com afinco nas festas da padroeira Nossa Senhora do Rosário, que se celebravam na aldeia. Mas nas cartas o seu pensamento ainda voltava para

Turim e para as experiências ali amadurecidas. No dia 15 de setembro fora decidida a transferência da capital do Reino italiano de Turim para Florença, com uma secreta esperança dos liberais de que esta fosse uma sede "provisória", com vistas de Roma como capital. E eis o comentário atrevido do jovem Marelo, então com vinte anos: “A questão da capital provisória foi na verdade uma cacetada terrível que me acertou na dupla personalidade de politiquero e de interessado no assunto. Como politiquero e amador de economia política ficaram desequilibradas as minhas teorias de revezamento econômica; como interessado e dono de uma casa em Turim, fiquei apavorado com a baixa nos aluguéis das casas”. Vemos aqui um jovem ainda ligado às teorias econômicas e políticas que havia aprendido na escola; mas observamos também que as sabe ir purificando numa visão cristã, com a mistura daquelas noções com os princípios da fé reencontrada. Surpreendendo-o naquela situação toda especial dos seus vinte anos de idade, podemos entender os seus grandes interesses e as suas potencialidades como pessoa, embora estivesse apenas no início daquela vertiginosa ascensão rumo à santidade, que caracterizou o resto da sua vida. Nas duas cartas de 1864, como declara o Pe. Angelo Rainero nos Processos, “ressalta uma virtude generosa e ardente, mas na qual ainda aparece muito de humano e a natureza, embora sadia e com tendências ao bem, ainda tem uma parte predominante. Na idade madura, ao contrário, a virtude aparece na sua grandeza sobrenatural” (SSV, 964). Ninguém nasce santo; mas todos podemos nos tornar santos com a graça de Deus e com a nossa boa vontade. Esta é a lição que nos dá o nosso Fundador na flor da sua juventude. Este é um tema tão fascinante que ainda voltaremos a ele, pois merece ser aprofundado à luz de um

caminho de formação que tome o Marelo desde os primeiros anos de seminário até ao sacerdócio.

6 - Por enquanto vamos nos contentar com este primeiro encontro com o Marelo nos seus vinte anos, um encontro que nos permite intuir as suas grandes qualidades humanas, que podiam ter feito dele um grande homem de negócios, como desejava o seu pai, ou um político, um jornalista, um economista, como sonhava José nos meses em que estudou fora do seminário. Segundo as suas palavras, em Turim tinha “a cabeça cheia de concepções políticas e o coração repleto dos mais doces afetos pela pátria-mãe”. Mas quando tudo havia passado e Nossa Senhora o havia reconduzido ao seminário, ele condenava aqueles sentimentos, chamando-os de “ilusões... fantasmas de juventude... lastimosas desilusões... desventurados afetos”. Agora tinha diante de si “novos pontos de vista... novas e mais elevadas convicções... fé mais bonita e robusta”; e ele se lançava numa fascinante aventura do espírito, onde “o homem se transfigura com a sua vontade e se torna em algo de divino que, apesar dos impedimentos da carne, nos levanta e nos sublima até ao nosso centro”, que é Deus.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

I - QUEM ERA JOSÉ MARELO

1 - Até que ponto as Regras escritas (Constituições,

Regulamentos, Ratio formationis) influem realmente na nossa vida?

2- Uma reflexão sobre dois pontos de partida da Vida consagrada: o radicalismo do discípulo e a fidelidade ao carisma de fundação.

3 - Qual idéia tendes do jovem Marelo? Qual caráter e quais inclinações ele revela na sua juventude?

Capítulo II.

O NOSSO ENCONTRO COM ELE

*“Podemos tanto quanto queremos;
e queremos só aquilo que conhecemos”*

Os santos que Deus suscita na Igreja têm sempre uma missão que desabrocha do âmago da sua vida pessoal, do seu compromisso de corresponder ao chamado de Deus. Se esta afirmação é verdadeira para todos os santos, o é de maneira particular para os Fundadores, que Deus designa a uma imensa paternidade espiritual com a fundação de novas Congregações na Igreja. Desta maneira o Bem-aventurado José Marelo torna-se para nós uma fonte abundante de espiritualidade, à qual podemos atingir constantemente, para que o carisma que animava a sua

vida se derrame cada vez mais sobre nós, seus filhos. Lemos no Decreto conciliar “Perfectae Caritatis”: “A renovação da vida religiosa requer uma volta constante às fontes de toda a forma de vida cristã e à inspiração original dos institutos e, ao mesmo tempo, a adaptação dos próprios institutos às mudanças dos tempos... Por isso devem ser conhecidos e observados com fidelidade o espírito e as finalidades dos Fundadores, assim como as boas tradições, porque tudo isso constitui o patrimônio de cada instituto” (PC, 2). Estes princípios conciliares foram bem aplicados por nós na renovação das Constituições, feita entre os anos 1969 e 1987. Mas tiveram também a consequência de suscitar um novo interesse pela pessoa e pelos ensinamentos do nosso Fundador. Tanto é que em 1978 obtivemos a declaração das virtudes heróicas e finalmente no dia 23 de setembro de 1993 conseguimos a graça da sua beatificação. Carecíamos porém de um conhecimento mais profundo, que levasse em conta todos os documentos que possuímos no arquivo, para poder assim enquadrar a vida do Bem-aventurado José Marelllo no contexto histórico, social e religioso do tempo em que ele viveu. Lembro que um Consultor das Causas dos Santos, após ter estudado a prática heróica das virtudes do nosso Fundador, manifestou-se assim a um confrade nosso: “você possui um quadro maravilhoso, falta-lhes a moldura”. E queria dizer que ainda não havíamos feito o enquadramento histórico capaz de o apresentar com dignidade. A Biografia que pude concluir em Outubro de 1997 constituiu um esforço, há tempos esperados pelos confrades, de oferecer uma moldura ao quadro, ou seja, de apresentar a figura do Bem-aventurado Marelllo com todas as possíveis referências a lugares, tempos e circunstâncias em que ele viveu. Assim ela faz parte daquela volta às origens que foi requerida pelo Concílio Vaticano II e, como consequência,

compromete cada um de nós a conhecê-lo cada vez mais e a colocar em prática os seus ensinamentos.

- 2 - Além das razões gerais apresentadas, há ainda outros motivos nossos que tornam mais urgente este estudo. Refiro-me aos motivos históricos e aos motivos geográficos que fazem parte da evolução histórica da congregação e da sua difusão no mundo.

Motivos históricos. Até aos meados deste século, o espírito do Fundador era vivido e “apresentado” pelos confrades que o tinham conhecido ou que haviam crescido na escola dos seus primeiros discípulos. Não é mais assim. Já são poucos e cada vez menos os confrades da segunda geração (a primeira já desapareceu) que hauriram diretamente o espírito dos primeiros Oblatos. Para nós, idosos, era suficiente olhar para eles, especialmente para aqueles que eram cópias vivas das virtudes do Marelllo e das tradições da Congregação. Lembro-me bem do Padre Lourenço Franco, que foi meu Mestre de Noviciado; ou então do Padre Luís Garberoglio; de ambos se dizia que imitavam à perfeição o Fundador. Os confrades que hoje se aproximam do ano 2.000 não dispõem de outro modo de conhecê-lo senão através de “memórias escritas” para ajudá-los a reviver a graça das origens e a colocá-la em contato com as realidades do tempo presente.

Motivos geográficos. É preciso levar em conta a grande expansão da Congregação nas décadas deste século. Para entender este problema, procurem imaginar como seria mais fácil um estudo da espiritualidade Marelliana e possuir urna única metodologia no apostolado se todos os membros da Congregação trabalhassem dentro da mesma área geográfica, por exemplo, na mesma Diocese: teríamos um único Noviciado, urna única Casa de Estudos, uma cultura única, uma língua comum, etc...O fato

de estar espalhados em muitas nações constitui certamente uma riqueza e é fruto daquela disponibilidade ao chamado da Providência que é característica do nosso espírito. E hoje devemos dar graças a Deus por ter realizado em nós esta difusão, que se tornou fonte de vocações e graças a elas a Congregação cresce e se desenvolve. Houve porém um tempo, logo após o Concílio, em que esta difusão criou grandes problemas nas várias Províncias, pois elas ainda não estavam preparadas para se administrar sozinhas e não podiam receber ajuda do exterior por causa da crise que existia na Itália. Mas hoje, graças a Deus, as Províncias alcançaram a meta de uma certa estabilidade interna, com suas próprias casas de formação e com próprias profissões e ordenações sacerdotais.

3 - Agora que esta meta foi atingida, as Províncias têm diante de si um novo desafio, que consiste em reforçar o lado formativo, que os qualifique no campo da espiritualidade e do trabalho pastoral, que os identifique sempre mais como Congregação dos Oblatos de São José. Seria demais chamar de PROJETO CULTURAL JOSEFINO-MARELIANO esta nova meta a ser atingida? Seria demais se quiséssemos falar apenas em termos intelectualísticos, separados de um discurso espiritual e carismático que nos é devido como Filhos do Bem-aventurado Marelo. Nestes encontros falaremos do nosso Bem-aventurado Fundador com o intuito de o conhecer melhor e descobrir com ele um projeto formativo-cultural indispensável para olhar o futuro cheios de confiança. Ao convidar-me para animar estes encontros, o vosso Provincial me escreveu assim: “Em vista da preparação que vários segmentos da humanidade e mais particularmente a Igreja (e eu acrescento: a Congregação) estão fazendo rumo ao novo Milênio, achamos oportuno, nós como Província, não perdermos

a oportunidade que este clima psicológico de expectativa quanto ao novo século está nos proporcionando, a fim de fazermos um estudo mais sério como confrades reunidos, sobre nossa pertença josefina na grande família do Marelo, ou seja, queremos tornar visíveis e luminosos aqueles marcos indicativos que balizam a nossa caminhada como Religiosos Oblatos, filhos do Marelo. Infelizmente com o passar do tempo e as múltiplas preocupações que constituíram o tecido do nosso organismo como Oblatos nestes 120 anos de existência, muitas coisas ficaram despercebidas e sem dúvida alguns daqueles pontos indicativos ou marcos orientativos se desbotaram e quem sabe até não brilham mais porque deles nós não mais cuidamos”. Vejo nestas palavras a confirmação da análise que fiz da necessidade urgente de retornarmos ao Padre Fundador para adquirir uma consciência profunda do nosso ser de Oblatos e prepararmo-nos para enfrentar os tempos novos, como o Bom Deus pede a cada um de nós.

4 - Tudo isto nos questiona com perguntas que supõem uma complexidade de problemas com que nos deparamos: que tipo de jovens estamos preparando para o futuro da Congregação? Em outras palavras, qual é a qualidade da formação que estamos oferecendo em cada uma de nossas casas de formação? Qual é a qualidade de nossa presença no mundo contemporâneo, no limiar do 2.000? Há gestos, há opções que parecem religiosas e modernas, mas que na realidade estão mais de acordo com o espírito do mundo do que com a sensibilidade evangélica. Existe uma maneira de pensar, de ser e de agir no qual nós não nos exprimimos segundo o pensamento de Deus, mas segundo a mentalidade relativista e efficientista de hoje. Portanto, nos devemos interrogar sobre os critérios que nos devem orientar

para criar um projeto de vida josefina válida sob o ponto de vista cristão, seja para a formação dos nossos alunos, seja para o nosso trabalho apostólico. Assim escrevia o Papa João Paulo II em sua Mensagem por ocasião da I Jornada da VC no dia 2 de Fevereiro .de 1997: “É verdadeiramente urgente que a vida consagrada se apresente cada vez mais cheia de alegria e de Espírito Santo, que se lance com arrojo nos caminhos da missão, que se corrobore com a força do testemunho de vida”. Vivemos em tempos que exigem simplicidade de vida e coragem evangélica. Já passou o tempo de conversar e discutir sobre o que se deve fazer e sobre a importância de projetos e sobre as ideologias que os inspiram. O homem de hoje precisa encontrar Aquele que sara as feridas, cura os corações endurecidos, testemunha com a própria vida o amor que nos faz sentir filhos e irmãos, que nos oferece a possibilidade de construir uma nova sociedade, digna da pessoa humana. Não é preciso ir muito longe. A resposta já está presente nas nossas tradições, nos ensinamentos e nos exemplos do nosso Fundador. A resposta é Jesus Cristo, feito homem no seio de Maria e confiado aos cuidados de São José. Digamos com o nosso Fundador: “Tu, ó José, ensina-nos, auxilia-nos, torna-nos dignos membros da Sagrada Família” (L. 35).

5 - Também o Bem-aventurado José Marello teve que enfrentar este tipo de problemas quando, ainda jovem, encontrou-se mergulhado nas ideologias humanitárias do seu tempo e abandonou por algum tempo a vida de seminário, e se encontrou encravado na vida atropelada de uma cidade liberal-maçônica, como era então Turim. Mas conseguiu vir à tona graças à ajuda de Maria, quando reencontrou dentro de si os valores que havia esquecido: o valor da fé e da caridade cristã- Esta experiência marcou também o início da sua missão na Igreja, porque lhe fez

compreender as necessidades do mundo e sobretudo da juventude “por demais abandonada às próprias forças... por demais caluniada ou pelo menos asperamente julgada” (L. 29). E talvez seja oportuno referirmo-nos a esse tempo para compreender também a origem e a finalidade da nossa Congregação. Numa sua carta de 1866 ele declara que se encontrou "num ambiente de cepticismo desolador... Renunciando a se entregar a Deus, começou a se entregar a um ídolo de carne e depois a um outro ídolo bem mais ciumento e exigente: a ambição. Os aspectos encantadores e as promessas acariciadoras desta enganadora divindade me haviam convencido ao ponto de não pensar, de não desejar senão uma só coisa: o apostolado humanitário... Nisto a inteligência tinha que desenvolver uma tarefa muito ampla, a força de vontade tinha que corroborar a fé, e a capacidade humana tinha que concretizar uma grande obra. O primeiro degrau teria sido o jornalismo, e daqui se teria passado ao palanque popular (isto é, à política), do palanque ao proselitismo doutrinal e deste ao proselitismo prático, que devia ser a última fase da propaganda e o princípio do novo sistema de economia social”. Mas eis que, tendo superado a provação, ele não hesita em chamar tudo isto de “fantasias de juventude” e exclama: “Ó, quisesse Deus que, assim como fui laborioso e astuto em examinar e em percorrer os caminhos da iniquidade, assim pudesse eu ter agora a vontade e a coragem para realizar todos os contra-projetos, para estudar uma tática oposta... para descobrir novos pontos de vista... para depois despertar de repente para encontrar convicções novas e mais reforçadas, uma fé mais linda e mais vigorosa, um apostolado que poderia chamar humanitário por excelência (porque católico)...”(L. 5).

6 - Qual foi o segredo daquela transformação que o levou de uma exaltação de si mesmo ao descobrimento de Deus e do próximo? “É preciso buscar a nossa força lá em cima. ... sem fé não existe caridade, e sem caridade não existe nada, absolutamente nada. Por isso, renovemo-nos a cada dia e a cada hora; o homem consegue elevar-se, como os fluidos, porque podemos tanto quanto queremos e queremos tanto quanto conhecemos”. Aos vinte anos de idade o clérigo Marelló tinha conseguido tomar aquela grande decisão que o erguia da mediocridade até à fortaleza cristã, da ambição pessoal à fé viva, do humanitarismo populista e ideológico à caridade universal. Desde então ele tinha superado toda a forma de dependência do mundo para caminhar expeditamente nos caminhos da santidade e preparar-se assim a novos horizontes apostólicos. Na sua caminhada espiritual nós podemos ler a história de uma autêntica conversão, que o colocava nas vias de Deus, segundo as orientações da Igreja, crescendo cada vez mais nesta direção.

7 - Temos como prova disto as duas regras de vida de 1868. Nota-se nelas, sobretudo, a importância que dava à oração: “a oração - diz ele - é caminho certo para chegar à perfeição”. Já como neosacerdote notamos nele um crescimento constante na vida espiritual, e o refrão é sempre o mesmo: a oração. “A oração vem antes de tudo. ... Reza, reza e reza; não sei aconselhar-te outra coisa” (L. 23). “Rezemos bastante e de coração; rezemos mesmo sem ter inclinação; rezemos mesmo sentindo aridez espiritual. Peçamos ao Bom Deus que nos ensine a amá-lo e que ponha fim, um dia, à nossa tibieza” (L. 33). Nós poderíamos apresentar a objeção de que nos falta tempo para rezar. O sacerdote José Marelló responder-nos-ia: “(Santo Inácio) tinha um mundo em cima dos ombros, tinha no coração e na mente o

peso da maior Instituição que homem algum já tenha concebido a serviço da humanidade; todavia ele rezava sete horas por dia (parece-me)” (L. 23). Mas vamos adiante. Quando um grupo de Irmãos de São José foi até Strevi para ficar com o Bispo Marelló por algumas semanas, ele escreveu ao Pe. Cortona: “Todo mundo faz questão... de meditar, de salmodiar, de rosariar, etc. Tanto é que nestes dias a casa de férias poderia ser chamada residência de Religiosos e a Capela, um santuário” (L. 269). Em verdade encontramos aqui um modelo de seminário josefino, no qual nos deveríamos inspirar pelo menos um pouco para não sermos muito diferentes daqueles primeiros Irmãos. Por outro lado, o próprio Fundador nos deu o exemplo, como recorda o Irmão Antônio Zappa, que em Asti ficava ao seu dispor: “entrando no seu quarto à noite, encontrei-o várias vezes ajoelhado no chão, perto da cama, rezando o terço ou extasiado em oração tão fervorosa que fiquei profundamente edificado” (SSV, p. 965). Podemos na verdade afirmar que a oração lhe dava força para poder trabalhar intensamente. E também para nós ela é o segredo do sucesso e o princípio de toda renovação sincera.

8 - De fato, a renovação supõe um trabalho constante e bem intencionado, que fazendo parte da nossa vida quotidiana, a santifique e a qualifique diante de Deus e dos homens. O Fundador dizia: “Sede extraordinários nas ações comuns”. Esta é uma sentença muito eficaz, pois produziu santos mas que não conseguimos fazer totalmente nossa por causa daqueles resíduos de humanidade (ou de mentalidade mundana) que se infiltram sempre em todas as nossas ações. A vida diária pode se tornar para nós como uma casca de banana na qual escorregamos e sem perceber vamos perdendo o valor da nossa existência; quando ao

contrário, ela deve nos ajudar a construir, dia após dia, o edifício da nossa santificação. E então porque não começar por aqui a realizar um novo projeto cultural, como fez o Bem-aventurado Marelo quando, aos 28 anos de idade, pensou em fundar a “Companhia de São José para promover os interesses de Jesus”? Assim escrevia ele naquela ocasião: “Não existe lugar nem tempo em que não se pode fazer algo; cada palavra, cada passo, cada desejo... pode se tornar a matéria-prima dos interesses de Jesus. O Reino de Deus é destruído numa assustadora variedade de modos; com a ajuda dos céus, esforcemo-nos para fazer o nosso trabalho de restauração em todos os lugares”.

9 - Para ser eficaz, um bom projeto cultural precisa, antes de mais nada, da “ajuda dos céus”, pois “nas obras de Deus, qualquer palpite de prudência humana serve mais de estorvo que de ajuda”. E ainda é necessário ter fé, laboriosidade, simplicidade absoluta e abandono total à Providência de Deus, porque “a obra do Espírito Santo nas nossas almas é fundamentalmente um trabalho de simplificação. A maior parte das nossas ações perde o seu fruto por causa da complicação dos elementos que contribuem para o formar [...]. As obras dos Santos, que os séculos veneraram foram sempre marcadas por este caráter de simplicidade. ... vale mais um pensamento de caridade crescido no coração do santo Cotolengo do que mil projetos filantrópicos que pretendem fazer propaganda à força de milhões extorquidos das veias do povo”. Notamos aqui como também naquele tempo havia quem se deixava tentar pelas ideologias burguesas e não concluía nada em benefício do povo: apenas os santos sabem construir sempre. Uma última pincelada neste projeto de retomada espiritual e apostólica nô-la dá o Fundador com estas palavras: "A caridade é o vínculo da unidade e a obediência é a

sua salvaguarda”. Portanto, “a única base, o princípio fundamental da Companhia de São José é a submissão ilimitada às disposições superiores, harmonizando a iniciativa pessoal à iniciativa suprema”. Evocamos o princípio da solidariedade entre nós, sob a orientação dos Superiores, para termos a certeza de descobrir um caminho de retomada pessoal e comunitária e para lançar a Congregação rumo aos novos horizontes que a ação do Espírito Santo e os tempos novos requerem. O grande perigo é o de transformar uma montanha, que deveríamos escalar, num banquinho para colocar debaixo dos pés e assim acostumarmos com a idéia de que já chegamos ao vértice sem nenhum esforço. Para realizar uma boa caminhada é necessário compromisso por parte de todos; antes de mais nada é preciso convertermo-nos sinceramente a Deus, e Ele nos coloca no caminho da busca e da escuta; é indispensável também o debate comunitário e uma grande preparação pessoal; é indispensável a fé, a esperança, o amor, a sensibilidade espiritual e a escuta da Palavra de Deus, que fala à Igreja e à Congregação. Nesta caminhada guia-nos a pessoa do Bem-aventurado José Marelo, que Deus colocou à nossa frente para nos servir de exemplo e para o imitarmos. Podemos em verdade dizer: quem encontra um amigo, encontra um tesouro.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

II - O NOSSO ENCONTRO COM ELE.

1 - Vocês notam um interesse crescente e eficaz pela

figura do Bem-aventurado José Marelllo? Em que modo a Biografia pode concorrer para dar respostas às nossas expectativas?

2 - A difusão atual da Congregação pode ser causa de pobreza cultural? Em que modo pode-se superar este perigo?

3 - Quais notas características deveria ter um projeto cultural josefino-marelliano? Sobre quais valores podemos nos basear?

Capítulo III

A SUA FORMAÇÃO

*“Considera-me como um pobre cristãozinho,
que aspira sim ao próprio melhoramento,*

mas que caminha com passo fraco e instável”.

1. Nós sabemos que a formação é um caminho que o candidato ao sacerdócio ou à vida religiosa toma com uma disposição inicial fundamental e que o conduz aos poucos num projeto de crescimento até ao amadurecimento humano e cristão para depois se tornar um bom servo de Deus. Este caminho tem como sujeito o próprio candidato, mas sobretudo nos primeiros anos suponho uma guia capaz em um ambiente comunitário verdadeiramente fraterno. Percorrendo as etapas da formação do jovem Marelllo, por quanto nós nos esforcemos de conhecê-las, não nos é possível individuar todos os elementos que até agora enunciamos; sobretudo não podemos conhecer o seu caminho progressivo durante todo o período da sua formação, porque existiu no meio dos anos do seminário a famosa crise da qual já nos ocupamos da palestra anterior. José Marelllo entrou no Seminário de Asti no outono de 1856 com doze anos de idade. Ele aí ficou até o verão de 1862 e aí voltou no mês de fevereiro de 1864 para a última etapa em direção ao sacerdócio, que ele atingiu no dia 19 de setembro de 1868. Ele ficou ali então durante quase onze anos, dos quais seis antes da crise e quase cinco depois. Esta constatação nos obriga a examinar parte por parte os anos anteriores à crise e aqueles que aconteceram depois da sua volta ao Seminário. Na primeira etapa ele concluiu quatro anos de estudos humanísticos e dois anos de Filosofia. Na segunda, já firme na sua vocação, ele frequentou o estudo de Teologia até a sua ordenação sacerdotal.
2. Tudo começou graças a um pároco muito piedoso e animado, o Pe. João Battista Torchio, sacerdote que o formou desde criança,

que o mandou para o Seminário e o acompanhou com amor naqueles anos; que o apresentou de novo ao Reitor do Seminário depois da sua volta de Turim, que organizou a festa da sua primeira missa na cidadezinha de San Martino que o seguiu até Roma quando foi consagrado Bispo e que esteve presente em Ácqui na sua entrada na Diocese.

Dom Marelllo disse dele: “Ele é muito querido para mim, mais que um pai e a gratidão me obriga a tornar evidentes os meus desejos: Foi ele que por primeiro me apresentou ao Menino Jesus, me mostrou o caminho do bem, me sustentou com seus sábios conselhos, me ajudou sempre nas minhas necessidades e me cumulou com a sua venerável afeição” [Scr. p. 337]. Um pai assim é raro na vida de cada um de nós, pelo menos se considerarmos o tempo em que ele ficou perto do nosso Marelllo. Nos quatro anos em que o menino José viveu em San Martino antes de entrar no Seminário, sem dúvida ele foi a pessoa que mais influenciou na sua educação cristã. Certamente não lhe faltou o cuidado da família do pai e dos avós paternos; assim também não devemos esquecer do seu professor da escola primária, o sacerdote Ernesto Ponzo, do qual ele escrevia no seu caderno de escola: “Nunca poderei esquecer do amor e da bondade com que o senhor me demonstrou e me demonstra constantemente; eu lembro do senhor cada dia com afeto e gostaria de poder-lhe demonstrar com os fatos quanta obrigação eu sinto para o senhor e quanto seja o afeto que eu levo no coração e que levarei constantemente”.

Todavia, não há dúvidas que o influxo sobre ele do Pe. João Battista Torchio foi decisivo seja nos quatro anos em San Martino, seja indiretamente durante os primeiros anos no Seminário de Asti.

3. No Seminário de Asti não aparece nenhuma pessoa ao lado do Marelllo, tanto quanto tinha sido o seu pároco em San Martino. Quando ele entrou no dia 31 de outubro de 1856, foi entregue a um clérigo que era prefeito, João Boeri, que o colocou num dormitório juntamente com outros vinte e cinco companheiros, entre os quais estava o futuro Dom José Fagnano, que terá uma crise pior do que a sua, tendo-se inscrito entre os soldados de Garibaldi, mas isso não lhe impediu, uma vez que entrou entre os Salesianos de Dom Bosco, de se tornar missionário e o primeiro Prefeito Apostólico da Patagônia e da Terra do Fogo [morreu em Santiago do Chile em 1918].

José Marelllo fez os primeiros anos de seminário suficientemente bem. Dois fatores concorreram para isto: a educação fechada e metódica, imposta pelo regime daqueles tempos e a formação que tinha recebido do seu pároco nos anos anteriores. Mas depois de três anos estes dois motivos acabaram, porque o pequeno seminarista entrava na adolescência com seus quinze anos de idade e depois teve que hospedar-se em uma casa fora do seminário, quando este foi requisitado para os soldados franceses, durante a Segunda Guerra de Independência Nacional. O Marelllo foi seminarista externo na segunda metade do terceiro ano e depois durante os outros três anos consecutivos até o fim dos estudos de Filosofia: um período de três anos e meio.

Muitos dos seus companheiros tinham-se perdido naqueles anos. Além disso, aqueles da sua classe no fim do quarto ano de seminário tinham sido transferidos para Turim, na Escola Dom Bosco, enquanto ele permanecia em Asti por vontade de seu pai, perdendo, portanto, também os companheiros de classe e sendo admitido para frequentar a Filosofia com os colegas mais idosos. O que é que o salvou naquele longo período sem a vida

comunitária? Provavelmente foi o seu amor ao estudo e o fato que tinha sido considerado como o primeiro da classe, mas sobretudo o seu caráter reflexivo e prudente que não lhe permitia de fazer ações inconsideráveis. Mas isto não era suficiente para um jovem de dezoito anos, idade esta em que a vocação deve consolidar-se e tornar-se cada vez mais uma escolha consciente e iluminada. Permanecia nele vivo o grande desejo de se tornar útil para os outros; mas ele se interrogava: é mesmo necessário ser sacerdote para fazer o bem? Os exemplos que tinha ao seu redor [começava abrir os olhos e sabia julgar] não eram exemplos encorajantes. Sustentava-o a direção espiritual que fazia com frequência quinzenal e as confissões com o Cônego Francisco Martini. Mas a crise que continua há cerca de três anos o fez chegar à conclusão segundo afirma um testemunho: é melhor ser um bom leigo do que um mau padre. O pai Vicente que muito desejava que ele ficasse ao seu lado na administração dos bens da família [já tinha 56 anos de idade], vendo-o tão inseguro antes de começar a Teologia, deu-lhe a última bordoadada e o inscreveu nas Escolas Técnicas Comerciais em Turim. José deixava o seminário no verão de 1862, depois de ter escrito o famoso tema sobre o escritor Vittorio Alfieri, tema este que ganhou o prêmio por ocasião da inauguração do monumento na mesma praça de Asti.

4. Esta crise juvenil foi um fenômeno lento mas progressivo. Já no outono de 1859, depois do 3º ano de seminário, o pároco fazendo um relatório das férias ao Reitor, queixava-se dele e um colega seu, Miguel Rabezzana [o relatório era comum], que não tinham frequentado suficientemente a Igreja e os sacramentos, razão pela qual deveriam ser admoestados e corrigidos. Aconteceram depois encantamentos juvenis: em 1860, quando

ele sonhava de juntar-se a Garibaldi nas lutas pela reunificação nacional. Todavia, no seu registro escolar de 03 de novembro daquele ano, encontramos que José Marelló tinha sido aprovado “ao exame do segundo ano de Retórica para poder ingressar na Filosofia, por causa das notas anteriores e por causa do bom comportamento”. Isto nos obriga a concluir que a sua conduta exterior era irrepreensível, como acontecerá também nos dois anos a seguir a Filosofia. A este propósito devemos anotar até um melhoramento nas notas de comportamento que ele teve neste tempo. Só na piedade é que encontramos uma baixa significativa nos primeiros meses de 1861 [com a nota 7 em piedade, o que era verdadeiramente o mínimo]. Mas aparece que José continuava assíduo às confissões durante todo o tempo da Filosofia. Se desejamos compreender melhor os motivos da sua crise poderemos encontrá-los num testemunho do processo e que se refere sem dúvida àquele tempo: “O Marelló não tinha sempre sido assim, como vejo eu [como sacerdote no seminário], mas quando era aluno do seminário era inteligente e gostava de se sobressair” [SSV, 947]. As suas capacidades o faziam sobressair acima dos colegas e ele nada fazia para não aparecer, mas segundo um testemunho, fazia questão de se exibir. Durante a Filosofia, portanto, o Marelló dava mais importância ao estado e aos valores intelectuais, deixando bastante de lado, exatamente quando disso mais precisava, a vida de oração. Isto podia ser o ponto fraco se estava na origem do seu progressivo declínio espiritual. No ano de 1861 foi proclamado solenemente em Turim o Reino da Itália, e José Marelló ficou espiritualmente agitado com isso. Alguns desenhos no seu caderno de lógica são testemunho desse fato. Assim, enquanto os seus colegas em Turim estavam protegidos sob as asas formativas de Dom Bosco e dos primeiros Salesianos, o nosso clérigo navegava sozinho

num mar das insidiosas exaltações patrióticas e humanitárias de Mazzini e de Garibaldi, não tendo o apoio da vida de comunidade e uma mão paternal que o sustentasse no tempo da formação. Por mais que busquemos na sua vida de Seminário, não achamos na equipe dos seus Superiores uma pessoa que se possa chamar com o nome verdadeiro e próprio de formador. Assim, quando terminou o influxo benéfico do seu pároco que já estava longe, ele se encontrou ao descoberto e sozinho, sem os seus colegas de classe, os quais em Turim, o lembravam e repetiam: o melhor de nós ficou em Asti, porque o seu pai não deixou que viesse [testemunho do Pe. G.B. Francesia, salesiano]. Desde 1858 a Sé Episcopal de Asti ficara sem pastor e assim ficará até 1867. Um conjunto de fatores alimentados ainda pelas críticas maldosas dos jornais liberais e maçônicos contra o clero, levaram sempre mais o jovem Marelló a colocar-se o aflitivo problema da sua vocação. O ano 1862 foi fatal. Em janeiro morria em San Martino o avô José. Em fevereiro um colega de classe deixava o seminário. Em março morria um outro. Quando chegou o mês de junho, a classe do 2º ano de Filosofia estava reduzida a sete. Todavia, naquele ano, julgando pelos registros da escola e fora da escola, ele tinha se esforçado ao máximo, seja no estudo, como também na piedade, e tinha melhorado um pouco a respeito do ano anterior. Isto demonstra que a sua decisão de deixar o seminário não foi desajuizada, mas amadureceu interiormente durante um longo tempo. O pai Vincente teve a sua parte, no sentido que vendo-o sempre mais perplexo, convidou-o a decidir segundo o seu desejo antigo de vê-lo ao seu lado na direção dos bens da família.

5. Com a saída do seminário, a vida de José sofre uma mudança imprevista, e ele se encontra perdido mais do que nunca no

ambiente estudantil de Turim, onde tem a oportunidade de constatar as grandes necessidades da juventude e a ausência total de princípios religiosos naqueles que queriam construir a nova ordem social. “Longe da mão de Deus”, dirá ele mais tarde, “todas as circunstâncias humanas sorriam para as nossas esperanças; livre era a palavra, livre a ação; o povo estava pronto e obedecia; fácil era o caminho e a meta acariciadora” [L. 5].

Longe da mão de Deus, o caminho lhe parecia fácil, até fácil demais, pois estava acostumado com a disciplina e tinha uma idéia de liberdade bem diferente de como a entendiam os seus novos companheiros em Turim. Ele começa então a pensar seriamente em si mesmo, e no começo do ano de 1863, depois de três meses em Turim, ele se questionava: “O que será este ano de 1863, agora que o começamos?” [Scr, pg 166]. A resposta chegou em dezembro quando ele ficou doente e a Virgem da Consolação, que consola os aflitos, lhe fez entender que o seu caminho era ainda o seminário. É impressionante a velocidade dos acontecimentos que passaram depois da milagrosa cura de José em dezembro de 1863. O Pe. João Battista Torchio escrevia em 11 de janeiro de 1864: “A mão do Senhor o conduziu a menos de um mês às portas da eternidade [portanto, a cura acontecera, mais ou menos na metade de dezembro], e o deixou para fazer dele, eu espero, uma coisa toda sua, um ministro cheio de entusiasmo” [Biografia pg. 180]. No dia 09 de janeiro o Pe. Torchio, revestia o Marelló com hábito talar na Igreja de San Martino. No dia 09 de fevereiro este entrava de novo no seminário de Asti, acolhido em festa pelos superiores e pelos seus velhos amigos que tinham voltado de Turim e agora freqüentavam o primeiro ano de Teologia. O atraso de um mês para entrar depois da vestição clerical parece ter sido causado pela necessidade de um pouco de convalescência; mas era

causado também pelo fato dos exames semestrais que aconteciam naqueles dias; razão pela qual ele entrou praticamente quando deveriam recomeçar as aulas do segundo semestre e assim se juntou aos seus colegas. Certamente terá começado a abrir os livros de Teologia já em janeiro na sua casa, porque conseguiu prestar os exames do primeiro semestre em março e depois seguiu regularmente o primeiro curso de Teologia.

6. Quando ele voltou ao seminário não só ainda não havia o Bispo, mas até os locais do seminário ainda estavam requisitados pelo governo, que fizera dele um hospital militar. Os clérigos de Teologia estavam hospedados de alguma forma no Episcopado, onde também tinham algumas aulas. Eis que o Marelló assume sempre mais as suas responsabilidades, até se tornar um exemplo para todos, adquirindo a liderança nova, não mais baseada no prestígio pessoal, mas no compromisso de colocar as suas qualidades a serviço da sua comunidade. A grande prova de Turim o tinha feito amadurecer e agora ele estava feliz no seu ambiente reencontrado do seminário, naquele ambiente onde ele desenvolverá grande parte da sua vida até 1885, quando passará a viver entre os Oblatos na Casa-Madre de Asti. O seu superior diretor era ainda aquele João Boeri, que agora era sacerdote, aquele que o tinha recebido no primeiro ano de seminário.

O Marelló conseguiu criar grandes amizades e sustentar os mais fracos, até o ponto de ajudá-los com o dinheiro que lhe levava o seu pai de casa.

No 3º ano de Teologia foi nomeado assistente dos Filósofos, e no 4º ano foi assistente dos Teólogos. Nas longas noites de inverno os colegas se juntam ao seu redor e ele lhes conta histórias, encantando a todos aqueles que o escutam. Mas o que

terá contado aos colegas? Os textos falam de fatos da vida que ele sabia apresentar com grande esperteza; mas não excluem outras histórias tomadas da vida dos santos e talvez até das suas experiências pessoais. A mesma coisa ele fazia nos passeios fora do seminário, quando os clérigos caminhavam ao seu redor. E quando alguém o elogiava, ele ficava vermelho e parava de falar, humilhando-se interiormente pela sua presunção. Humildade e caridade eram virtudes que cresciam nele, enquanto para os colegas tinha fundado também um jornalzinho, que ele com a sua arte desenhava para torná-lo mais aceito. Na verdade, tudo, até aquilo que tinha aprendido em Turim, lhe servia agora para fazer o bem. Durante o 3º ano de Teologia ele escreve: “Ó, assim quisesse Deus, que como eu fui ativo em examinar e percorrer os caminhos do mal, assim eu pudesse agora ter vontade e coragem para fazer contra-projetos para estudar uma contra-tática, para destruir aquilo que eu tinha edificado, para edificar aquilo que eu tinha destruído, para buscar novos pontos de vista, etc.”. E era isso que ele estava fazendo com todas as suas forças durante aquele tempo. É muito interessante este trabalho de contrapasso que ele se impõe a si mesmo, quando fala de contra projetos e contra táticas, porque não foram só palavras, mas tornaram-se um compromisso constante durante os últimos anos de Teologia. A humildade em oposição ao egoísmo torna-se caridade ativa e amabilidade para com todos. Assim ele escrevia ao amigo Estevão Rossetti: “Ah, se eu pudesse fazer uma petição ao Pai dos Céus, para que expulsasse aquele bicho que se chama o amor próprio, então seria uma beleza viver aqui na Terra! Mas paciência! Se Deus não nos permite matar este monstro, não nos nega, todavia as forças para nos libertarmos quando ele nos agride pelas suas mordidas envenenadas” [L. 5].

E ao Pe. Riccio ele escrevia assim: “Não me dê importância, mais do que aquilo que eu sou... considere-me um simples cristãozinho, que deseja o próprio melhoramento, mas que caminha com passos fracos e inseguros”. E ainda: “Não nos desencorajem o pensamento da nossa fraqueza; ao contrário ela deve lhe servir como argumento para maior confiança naquele que complementa tudo e todos” [L. 8]. A poucos meses da ordenação sacerdotal, ele escrevia este propósito: “Como a minha conversão deve partir de uma confissão da minha nulidade, é preciso também uma sincera declaração de humildade perante Deus e perante o mundo. Ó, que grande vitória se me fosse suficiente a vontade de combater de verdade as ridículas pretensões do amor próprio. É um espetáculo digno dos homens e dos anjos o homem que em cada circunstância é senhor de si mesmo” [Scr. pg. 30].

José Marelló já tinha compreendido que a demasiada estima de si leva à presunção e à auto-exaltação. Agora ele encontrara um remédio para aquele defeito predominante, trabalhando constantemente na humildade e na caridade, dedicando-se com afinco para fazer o bem aos colegas de seminário e para criar amizades santas entre eles. O caminho da sua formação chegou ao ápice quando ele pôde fazer seu o programa de São Paulo: “São Paulo, ó! que figura típica do cristianismo! Delaude, abracemo-nos em Deus, e quando estivermos para nos unir a ele na união mística da eucaristia, então transfiguremo-nos. Cristo nos nossos corações é um coeficiente infinito. E então nós, pobres números insignificantes, poderemos multiplicar-nos gradualmente até chegarmos a altura dos números infinitos” [L. 11]. Um tal programa de identificação de si, com o Cristo, especialmente na Eucaristia, o conduzirá muito adiante durante toda a vida, e se tornará ainda um programa para a sua vida

episcopal. Ele escreveu de Roma no dia 11 de fevereiro de 1889: “Eu farei perante Deus aquelas promessas que agora não teria coragem de colocar no papel; embora eu tenha de alguma maneira já compendiado essas promessas com o desejo de que *omnia mea vestra sint* [que todas as minhas coisas sejam as vossas]”.

A identificação com Cristo tornou-se aqui a identificação com os irmãos, com os filhos espirituais que o Senhor lhe deu.

7. Mas paremos por aqui. Já existe bastante material para quem é responsável pelas formação dos jovens nos nossos seminários para encontrar indicações preciosas para a formação deles, partindo dos exemplos do Fundador. Levemos em conta que não tido grandes formadores para si, ele se tornou de uma certa forma um auto-didata. Poderíamos fazer uma consideração análoga para a sua formação intelectual, feitas de grandes leituras católicas, além de estudos de manuais escolares, nos quais ele sabia ser constante. O verdadeiro formador para o seu sacerdócio, José Marelló encontrou em Dom Carlos Savio nos anos em que viveu ao seu lado como secretário. Foi Dom Savio que aperfeiçoou a sua formação e fez dele um verdadeiro sacerdote. Foi ele quem o preparou também para ser fundador da Congregação dos Oblatos, dando-lhe os primeiros conselhos e guindo-o nos primeiros passos. Entramos aqui no campo da formação permanente, a respeito da qual o Marelló podia escrever ao Pe. Rossetti: “Eu sei que me encontro em uma posição cheia de trapalhadas e dificuldades, mas o que é que você quer? Eu sou o homem mais alegre e tranqüilo do mundo: quando se vive junto com Dom Savio, é impossível não estar contente e resignado com tudo. Gostaria, portanto, de inculcar em

“você um pouquinho daquela coragem que tão bem sabe inculcar no meu coração o amado Bispo, mas não consigo” [L. 19].

Eu termino retomando as palavras do Bem-aventurado José Marelló: Queira ele inculcar em nós aquela coragem que ele sabe inculcar com seu exemplo. Amém.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

III - A SUA FORMAÇÃO

1 - Como julgar a vida de seminário de José Marelló, antes e depois do período da crise?

2 - Quais causas determinaram a sua saída do seminário?

3 - É possível reconstruir um caminho progressivo na sua formação somente durante a teologia. Como foi?

Capítulo IV

JOSÉ MARELLO PRESBITERO DIOCESANO

“Bastante ocupado em zelosos encargos...”

1. Olhar o Bem-aventurado José Marelló como Fundador é, sem dúvida, a primeira obrigação para nós Oblatos de São José, porque olhando para ele nós colocamos feixe de luz na história da Congregação, e por isso também sobre a nossa história de hoje. Não podemos, porém esquecer que ele foi sacerdote na Igreja de Asti durante vinte anos e Bispo de Ácqui, durante quase seis anos. Quando falamos do Fundador, estamos acostumado a ver nele o Sacerdote e o Bispo como num plano menos importante e pouco conhecido, ainda não colhemos suficientemente toda a sua personalidade eclesial nos vários aspectos do seu apostolado e da sua obra social. A Igreja o proclamou Bem-aventurado não somente porque é nosso Fundador, mas porque é digno de ser honrado e venerado por todos os cristãos e pode ser proposto como exemplo aos sacerdotes aos bispos, assim como aos leigos, aos jovens, etc. Nesta palestra falaremos do período sacerdotal [1868-1888], que

é aquele em que o Pe. José Marelo realizou a própria espiritualidade no ministério e através do ministério a serviço da igreja particular de Asti. Diremos, portanto, olhando sob um outro ponto de vista da perspectiva tradicional que o Bem-aventurado Marelo não somente fundou a Congregação, durante o seu ministério sacerdotal, mas do interior do seu ministério e mais especificamente da sua experiência ao lado de Dom Savio, da situação e das necessidades pastorais da diocese de Asti.

2. Esta é uma coisa interessante: podemos olhar a vida do Marelo quase somente sob o ponto de vista Congregacional [olhar por exemplo as “Breves Memórias” do Pe. Cortona e as outras biografias sucessivas], mas poderíamos também olhar os anos sacerdotais e episcopais em si mesmos, ou então colocando a Congregação num lugar secundário para fazer sobressair nele o Presbítero e o Pastor. Ao redigir a Biografia aconteceu-me com frequência de ter que misturar ambos os aspectos, mas tanto um que o outro eram tão ricos que eu tive de alternar capítulos da história pessoal dele como Sacerdote e como Bispo, juntamente com outros capítulos em que aparecia mais o Fundador. Perguntei-me então como poderia juntá-los melhor, mas por quanto eu tentasse, eram tantas as suas atividades num e no outro campo, que praticamente não consegui. Assim acontece que podemos percorrer um período da sua vida sacerdotal que é riquíssimo de acontecimentos ligados à história da Igreja local e depois temos que percorrem, num mesmo período, a história da Congregação, encontrando-o igualmente muito rico de acontecimentos, isto é, de trabalho e preocupações por parte do Marelo. Tomemos por exemplo os dois anos de 1883 e 1884. José Marelo era cônego na Catedral, com a obrigação da frequência aos ofícios do coro e as reuniões capitulares. Do dia

04 de maio de 1883 ao dia 18 de abril de 1887 ele foi secretário no Capítulo dos Cônegos e teve de redigir todas as atas das suas reuniões [redigia-as em perfeito latim]. De 1881 a até 1888 foi Chanceler da Cúria, tarefa que o obrigava a tratar todos os problemas da Diocese e a preparar os Decretos e as Comunicações Oficiais, juntamente com o Bispo e com o Vigário Geral. Já temos o suficiente para encher o dia de um sacerdote que queira ao mesmo tempo dedicar-se um pouco ao apostolado direto, como fazia o Pe. Marelo, que celebrava e confessava na Catedral e que ao mesmo tempo era Diretor Espiritual do Instituto Milliavacca, confessor das Irmãs do Hospital e conjuntamente Diretor no Asilo Cerrato, etc. Pois bem, não é assim. De 1881 até novembro de 1883, ele tinha sido também diretor espiritual no seminário de Asti, com a tarefa não só de confessar [isto já o fazia o fazia desde 1870], mas ainda de promover a vida litúrgica e a piedade entre os seminaristas. Com o início do ano escolar 1883-1884, o Bispo Dom Ronco o leva para a direção espiritual e o encarrega também da disciplina o que era ainda mais difícil, porque exigia a sua presença em todas as horas livres do dia e da noite. Portanto, acumularam-se pesos em cima de pesos nas costas do Marelo de 1883 e 1884.

E aí como fica a Congregação? Nos mesmos anos 1883-1884, a Congregação estava vivendo a sua primeira florescência, com a mudança do Micheleiro para a nova sede de Santa Chiara. Em 1883 os Irmãos de São José viram a entrada na Congregação do sacerdote Pe. Cortona e começaram aos poucos os estudos para chegarem ao sacerdócio. No mesmo ano foi adquirido o ex-Mosteiro de Santa Chiara, onde seriam transferidos os idosos do Asilo Cerrato, que estava também nas costas do Cônego Marelo

e do Cônego Sardi. Em 1884 o Pe. Marelo, na qualidade de administrador do Asilo de Santa Chiara, teve que ocupar-se da adaptação do local e de transferir aí os hóspedes do Asilo Cerrato. Na quaresma organizou o catecismo noturno para os jovens operários da cidade, utilizando a igreja que ainda não estava aberta ao culto. No dia 18 de julho o Bispo inaugurava a igreja e a abria para o culto, confiando-a aos Oblatos. No dia 04 de novembro estes se transferiam do Michelerio para a nova sede, e no mesmo dia abriam um colégio seminário com mais de vinte meninos. O Pe. Marelo devia seguir todos estes acontecimentos, ocupando-se do Asilo dos trabalhos de adaptação dos irmãos, de tudo enfim. Já no dia 25 de outubro de 1883 ele escrevia ao irmão Vitório: “Gostaria de te fazer uma visita, mas nestes dias estou amarrado, ou melhor, acorrentado e tenho de me accontentar de te mandar por carta a participação das minhas alegrias” [L. 108 bis].

3. As jornadas do Marelo eram verdadeiramente intensas. O Cardeal Gamba, escreveu: “Quando foi feito Cônego, ia de manhã bem cedo celebrar a missa na Catedral e aí também, quando necessário, atendia as confissões; das 9h às 12h era Chanceler na Cúria; no período da tarde tinha outros serviços no coro e atendia as muitas necessidades do Instituto” [SIC, 1019].

Mais isto foi possível somente a partir de 1885, quando ele pôde deixar as tarefas que tinha no seminário e foi viver com seus Oblatos em Santa Chiara. Um dos primeiros irmãos, Filipe Navone, lembra assim aquele tempo: “Nos dois ou três anos que viveu na casa da comunidade [1885-1889], ele se contentava de descansar no nosso horário. Acordava então às 5h, mas eu creio que acordasse ainda antes, para estar algum tempo na Catedral, onde tocava as Aves Maria, às 4h30” [SSV, 372]. É evidente

então uma constatação: com a sua incansável atividade o Pe. Marelo conseguia dar atenção a uma multidão de trabalhos e o fazia de maneira muito natural, praticando a cada instante aquela Máxima: “*age quod agis*” [faça bem aquilo que você estiver fazendo], sem demonstrar nenhuma impaciência; aliás, aparecendo sempre sereno e tranqüilo com todos. Quanto ao ofício de Chanceler, que era aquele mais em vista, Dom Ronco fala dele assim: “Cumpriu esta tarefa... com louvor, manifestando diligência, paciência e mansidão singular, de modo que não só tudo ia muito bem, mas ele era estimado e benquisto por todo clero e pelo povo” [SSV, p. 335]. E ainda: “Humilde e modesto, foi sempre reservado no julgar e também no falar do seu próximo. Obrigado por razões de ofício a tratar todo o tipo de negócios e a encontrar-se em contato cotidiano com o clero diocesano e com pessoas de todas as condições, não existe quem não lhe declare estima sincera e não lhe atribua grande respeito. Ele é de caráter doce e paciente e perante as impaciências dos outros, nunca ninguém o viu na Cúria Diocesana, irritado no comportamento e nem azedo nas expressões” [L. App. n.º. 6, p 422].

4. Em 1885 o Marelo pôde viver finalmente entre os seus Oblatos, embora continuando a manter as tarefas da Cúria e outras da Diocese. Os colegas compadecem-se dele, dizendo: Foi enterrar-se entre os doentes mentais. Mas o povo comum o admira. Naquele ano, é eleito para dignidade de Arcediácono, que era o segundo encargo dentro do Capítulo dos Cônegos [em primeiro lugar estava a figura sempre do velho Cônego V.A. Sossi]; e isto lhe dava ao menos a possibilidade de ficar livre a tarefa de secretário que ele tivera por vários anos. Mas na mesma data o Bispo lhe comunicava o título de Examinador Pró-sinodal,

que consistia na presidência dos exames dos aspirantes a pároco e também aos vários ofícios diocesanos. Aos 43 anos de idade o Bem-aventurado Marelo tinha desta forma percorrido grande parte da escala hierárquica dentro da Diocese e a este propósito vamos ouvir ainda o juízo de Dom Ronco: “Ocupado desde muito cedo em tarefas delicadas, foi sempre alheio aos divertimentos, às conversas, e às familiaridades. Irrepreensível aos olhos dos Superiores, foi sempre olhado por todos como um sacerdote modelo, e não existe pessoa eclesiástica ou leiga que tenha a suspeitado nem um mínimo defeito [mesmo pequeno] a respeito do seu comportamento”. Vale para todos o exemplo que nos foi contado por um padre franciscano, chamado Domingos Battuello: “Em 1886 eu fui com um amigo, um reverendo pároco, até a Cúria Episcopal de Asti, tendo ele necessidade de falar com o Chanceler. Apresentando-nos a ele, fomos recebidos com muita cortesia. Eu não sabia o seu nome e nunca o tinha visto antes de então; mas à primeira vista eu tive dele uma impressão suave e santa. Ao sair perguntei: “Quem é”? “É o Cônego Marelo”, me respondeu o amigo. Sem dúvida não era uma curiosidade minha. Era, poderia dizer, algo de misterioso, que suscitava em mim a respeito daquela pessoa simpática, por causa do seu tratamento bom e das suas palavras suaves; certamente se tratava de uma alma santa. Os santos deixam sempre um sinal” [Rainero, Vita, p. 155]. Também um garoto, José Vico, que costumava ajudá-lo na missa na Catedral, lembra: “Embora eu pertencesse à Paróquia de Santa Catarina, eu ia ajudar a santa missa na Catedral, e em consciência posso declarar que a figura, o comportamento, a doçura com a qual tratava, a sua caridade, a sua piedade, me deram sempre uma ótima impressão e eu o estimava desde então como um santo” [test d 18 abril 1924].

5. Destes exemplos e de muitos outros testemunhos se evidencia que o Marelo era um sacerdote santo, ocupado no seu ofício, dedicado à oração, assíduo no confessionário, suave e benévolo com todos, um verdadeiro homem de Deus, segundo a recomendação de São Paulo na carta a Timóteo. Podemos então aceitar o juízo de Monsenhor Guilherme Visconti, quando afirma que “os vinte anos de ministério presbiterial na Diocese deram um estilo e uma tonalidade aos seis anos de episcopado em Ácqui, e deram substância e expressividade, originalidade e concreteza ao carisma de Fundador”. Aceitando esta perspectiva, é necessário partir do seu ministério pastoral na Diocese de Asti para compreender melhor a sua vida e as suas obras. “O fato de ser sacerdote diocesano e fundador de uma comunidade de Oblatos não criou nenhuma rachadura ou dificuldade interior, ainda que mínima, na sua vida espiritual de presbítero: ao contrário, foi vivido como enriquecimento real e pessoal. Não o prejudicou o sentir-se a tempo pleno sacerdote diocese: ao contrário, constituiu o estímulo para uma totalidade mais intensa do carisma de Fundador; [não foi] um limite para o seu dom de paternidade e de guia para as primeiras gerações de Oblatos, ao contrário, assegurou-lhe uma originalidade mais forte e concreta de inspiração [carismas] e dedicação espiritual”. Não nos deve surpreender, portanto que o Bem-aventurado Marelo seja mostrando como “modelo de espiritualidade presbiterial diocese encarnada, amadurecida completamente na Igreja de Asti”. Nesta Igreja de Asti ele tinha se formado, sobretudo na escola de Dom C. Savio. O Papa João Paulo II, no discurso pronunciado em Asti no dia 26 de setembro de 1993, declarou explicitamente: “Hoje nós prestamos homenagem a este Pastor que tanto trabalhou na vinha do Senhor. Aqui em Asti ele se formou como presbítero e durante vinte anos foi membro

do clero diocesano, trabalhando de todos os modos pelo bem das almas”.

6. Qual é a consequência para nós destas considerações? A bem da verdade devemos reconhecer que não estávamos acostumados a esta mudança de perspectiva e ela nos deixa imensamente felizes. É sinal que o Bem-aventurado Marelo era reconhecido e amado também fora da Congregação, como deve ser para uma personagem como ele, que trabalhou bem em qualquer lugar em que se encontrava, seja na Cúria, como no seminário, seja no confessionário como no púlpito, seja em Asti como em Ácqui. Já nos havia preparado um pouco para esta nova perspectiva, o livro de Monsenhor Giovanni Galliano, quando fala do episcopado de Dom Marelo [“Um Testemunho do seu Tempo”], mas sem aprofundar este assunto e todavia somente no período de Ácqui. No dia da beatificação este modo de nos aproximar-nos à figura do Bem-aventurado José Marelo, foi oficialmente reconhecido pelo próprio Papa, quando exclamou: “Igreja de Asti, nobre e antiga na tua longa tradição, cheia de valores cristãos, fixa agora na memória este dia glorioso. Hoje Dom Marelo, um filho ilustre teu, foi elevado às honras dos altares e a sua santidade é indicada como modelo para todo o povo cristão”.
7. Uma outra consequência que eu gosto de apontar neste discurso sobre a vida sacerdotal do Bem-aventurado Marelo: se pararmos para pensar, a ligação entre o serviço à Igreja local e o seu amor à Congregação fazem parte de um único centro que é o coração imenso do Marelo. Sacerdote, Fundador e Bispo, um coração cheio de Deus e que queria abraçar o mundo e colocar-se inteiramente a serviço da Igreja. João Paulo II, no Santuário de São José em Asti, no dia anterior a beatificação, disse assim:

“O vosso Pai espiritual viu em São José o peregrino da fé, cheio de confiança em Deus, mesmo nas trevas de tantos acontecimentos que circuncidaram o nascimento de Jesus no misterioso plano de Deus” [RC, nº 24]. A sua existência é assinalada por um profundo sentimento de responsabilidade, por uma grande laboriosidade e uma humildade constante. Não são, por acaso, essas as virtudes que devem também distinguir nós, Oblatos de São José? Não devem estar essas, por acaso na base do vosso apostolado entre os jovens?”. São José então nos é indicado como “peregrino da fé... e integrado no plano misterioso de Deus”. É exatamente assim o Bem-aventurado Marelo e assim, nos diz o Papa, deve ser cada Oblato de São José. Existe nestas palavras uma abertura sobre o mundo muito grande, porque nos coloca no coração das preocupações do mundo, para um apostolado ministerial aberto às grandes necessidades da Igreja, a juventude em primeiro lugar, e nos pede um coração sacerdotal semelhante àquele do nosso Fundador, que poderíamos chamar “o humilde servo da Igreja”, pela qual ele deu todas as suas forças. O apostolado Josefino é essencialmente ministerial [Const. nº2] seja aquele dos sacerdotes, como também aquele dos nossos irmãos. Todos nós devemos colocar à disposição da Igreja, em obediência aos nossos superiores, por um projeto global de salvação do mundo, ao qual queremos oferecer a nossa colaboração, com as virtudes que nos foram indicadas pelo Papa: “Um profundo sentimento de responsabilidade, uma laboriosidade vivaz e uma constante humildade”. Por isso a Congregação se lançou e se lança nos lugares mais distantes e difíceis, onde a necessidade é maior; e não é lançada por uma simples organização externa, mas pela missionariedade, aquela missionariedade que possui dentro aquele misterioso plano Divino “que guiou São José”, durante

toda a sua vida e que fez do nosso Fundador um servidor entusiasta e humilde da Igreja, e deve fazer de cada um de nós um fiel imitador destes grandes modelos.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

IV - JOSÉ MARELLO PRESBITERO DIOCESANO

1 - Que relacionamento vocês vêm entre a vida sacerdotal de José Marelllo e a fundação da Congregação?

2 - Na sua vida sacerdotal vem em relevo a sua grande operosidade. Quais outros dotes sacerdotais vocês vêm?

3 - Quais consequências podemos existir para nós e para o nosso ministério na Igreja?

Capítulo V.

AS ORIGENS LAICAIS DA CONGREGAÇÃO

“Quem decidiu de participar da Companhia de São José, deve fazer antes de mais nada perante Deus uma promessa sincera de trabalhar de acordo com suas forças para promover os melhores interesses de Jesus”.

1. Um tempo especialmente importante na vida do Bem-aventurado José Marelllo foi aquele do nascimento e dos primeiros anos da Congregação dos Oblatos de São José. Um período que permanece envolvido na sombra por causa da falta de notícias e escritos do Fundador se excluirmos as três cartas do outono de 1877, nas quais ele coloca as bases da Congregação. Paradoxalmente, temos mais notícias sobre a vida da Congregação nos anos que o Bem-aventurado José Marelllo era Bispo de Ácqui [1889-1895] do que entre os anos 1878 e 1888, que são os anos mais importantes e decisivos para o desenvolvimento futuro da Congregação. Isto é devido às inúmeras cartas que o Bispo Marelllo escreveu aos seus Oblatos, cartas estas que constituem um verdadeiro tesouro para podermos conhecer a sua espiritualidade e o modo como ele queria ver os seus filhos.
2. Conseguir iluminar os anos da fundação é importante para entender as finalidades e o espírito da Congregação. Farei isso sob um ponto de vista sobretudo histórico, evitando interpretação pessoais que não sejam baseadas sobre os fatos. Neste primeiro estudo nos deteremos nos anos de 1870 a 1878, aqueles que determinaram na vida do sacerdote Marelllo a vocação e a decisão de iniciar uma congregação religiosa. Antes de tudo examinaremos os aspectos laicais, tomando-os das exigências da Igreja naquele tempo. Em seguida procuraremos entender como aconteceu a passagem de um projeto de animação laical, àquele da vida religiosa.
3. O ano de 1870 teve na Itália, especialmente em Roma, dois acontecimentos humanamente em oposição e de grande importância: O Concílio Vaticano I e o fim do poder temporal

dos Papas, com a tomada de Roma por parte dos italianos. Do primeiro acontecimento, ou seja, do Concílio, embora não tenha podido terminar os seus trabalhos, nasceram e se desenvolveram todavia sempre mais inúmeras iniciativas espirituais e apostólicas, como a catequese [o texto sobre a catequese tinha sido discutido no Concílio mas não houve tempo para o concluir na aula conciliar até chegarem às votações], a liturgia, o movimento missionário, etc. Depois do acontecimento da tomada de Roma agravou-se a luta entre a Igreja e o governo italiano. Este governo inutilmente tentou colocar remédios com as leis chamadas das “Garantias” [1871], que pretendiam assegurar ao Papa uma liberdade vigiada, com subsídios do governo, segundo o princípio de “livre Igreja dentro de um Estado livre”, que se podia traduzir com: “Igreja livre sujeita a um Estado livre”.

4. Entre as tensões espirituais que surgiram durante o Concílio [que se desenvolveram nos últimos trinta anos do século XIX], e as tensões políticas e civis que acarretaram uma verdadeira divisão nas consciências dos católicos italianos, começou a ter cada vez maior importância a figura do Papa, que no Concílio tinha tido uma relevância muito grande com a definição do primado e da infabilidade. O Papa perseguido tornou-se cada vez mais o Papa amado, o Papa defendido pelo laicato católico que se fez cada dia mais corajoso no meio dos ataques dos liberais maçônicos. Pio IX, rejeitando a proteção do Estado italiano, confiou nas ofertas públicas dos fiéis por meio do Óbolo de São Pedro que, nascido na França por obra de Montalembert [1859], teve um caráter oficial a partir de 1871 [15 de agosto] com a Encíclica “Saepe, Venerabiles Fratres”.
5. Este apareceu como um sinal que levou os católicos, e primeiro entre todos os jovens, a unirem-se cada vez mais ao redor do

Papa e a organizarem-se em Associações da Juventude Católica que nasceram naqueles anos com a finalidade específica de apoiarem os direitos da Igreja e de ficar perto do Papa em tudo e por tudo. A primeira “Sociedade da Juventude Católica Italiana”, nascera em Bologna ao redor de Mario Fani e Giovanni Acquademi, no dia 11 de fevereiro de 1867. Era mais do que nada um desenvolvimento das “Congregações Marianas” que floresciam nos colégios dos Jesuítas e que agora apareciam em público com os programas de “puros e fortes”, programas em que a palavra “puros” significava a espiritualidade juvenil mariana e “fortes” dava um impulso para se colocarem ao serviço do Papa e da Igreja. Também outras associações nasceram em Florença no ano de 1870, em Roma em 1871 e em Turim o “Círculo Sebastiano Valfré” naquele mesmo ano: tudo isto por obra daquele Bispo Dom Balma, do qual fala o clérigo Marello nas suas primeiras cartas de 1864. [Dom Balma era um Oblato de Maria Virgem expulso das Missões da Concincina; mais tarde se tornará Arcebispo de Cagliari, na Sardenha; enquanto isso ele vivia em Turim, junto à Casa Mãe da Congregação, que tinha sido fundada pelo Venerável Pio Lanteri].

6. Em 1871, os bispos do Piemonte, reunidos em Turim, discutiram muito sobre os últimos acontecimentos da Igreja na Itália e sobre as conseqüências pastorais que daí derivavam. Além disso eles se encontravam perante os novos problemas sociais produzidos pela primeira industrialização, que se fazia sentir com suas urgências particularmente em Turim. Em Turim tinham surgido as “Sociedades Operárias”, com um fundo anárquico socialista modelada sobre aquelas que já existiam na França. Tudo isto não deixava os Bispos tranquilos. Quem

muito trabalhava eram os Santos Piemonteses: Dom Bosco com a juventude, Dom Leonardo Murialdo com os operários, Francisco Faà di Bruno com as empregadas domésticas, etc. Era necessário uma palavra de autoridade dos Bispos, e eis que ela aparece nas Atas naquele encontro: Se necessário fosse tomar algumas graves decisões contra a Sociedade dos Operários e entre outras coisas motivar a Santa Sé para as proibir, unânimes foram eles ao deplorar os grandes males que provinham da Sociedade dos Operários, mas todos também pensaram que não fosse conveniente buscar uma proibição à Santa Sé, seja porque tal provocação poderia ter um aspecto de conselho a ser dado a Santa Sé, seja também porque uma tal condenação, no lugar de diminuir os males que provinham de tais sociedades, poderia até aumentá-los, e que “por isso talvez seja o caso que cada Bispo trabalhe na própria Diocese por aquilo que pode e sabe, com o intuito de fazer construir instituições de sociedades operárias católicas cultivando as confrarias para entusiasmar o espírito destas instituições e exortá-las a introduzir nos próprios regulamentos a beneficência e o trabalho de conjunto”. Como acréscimo a este convite começou em Turim e depois em toda região do Piemonte uma luta para instituir as Associações Católicas seja sob o modelo daquelas juvenis como também sob o modelo das Sociedades Operárias. Uma e outras deram início ao despertar do Laicato Católico e da Ação Católica da Igreja no século XIX.

7. Era necessária esta longa explicação para podermos entender o nascimento em Asti [ou tentativa ao menos] da “*Companhia de São José*” no ano seguinte, 1872. Asti era uma pequena cidade de província com caráter comercial e agrícola, com pouquíssimas fábricas que estavam apenas nascendo então; eram fábricas de

fósforos, de vidros e as primeiras adegas, de caráter industrial. Asti ainda não possuía um terreno preparado para este tipo de novidade. A primeira Associação Juvenil que cresceu em Asti, foi o “Círculo Silvio Pellico” em 1885, na Paróquia de San Martino, então administrada pelos padres Barnabita [o pároco era o Pe. Pezzuti]. Mas nós podemos imaginar como o Bispo Dom Savio, depois daquela reunião, a qual tinha participado também o secretário Marelló acompanhando-o até Turim, podemos imaginá-lo enquanto se pergunta: “O que podemos fazer nós aqui em Asti”? O velho Bispo não encontrava resposta a não ser nas intenções do jovem secretário; e foi assim que nasceu a idéia de instituir a “Companhia de São José”, meia associação e meia confraria, com finalidades também de promoção social, sobretudo entre os jovens que eram os mais necessitados.

8. A idéia podia ter uma perspectiva de sucesso ao redor da única obra social existente em Asti a favor da juventude: o Michelerio, que exatamente naquele ano estava com um projeto por obra do Diretor o Cônego João Cerutti, de aumentar adquirindo o grande quarteirão chamado “Jesus”, e compreendia a Igreja de Jesus e o antigo Mosteiro das Monjas Clarissas, que existia entre quatro ruas [a parte mais antiga do 1500 e a parte da frente do 1700]. A outra obra social católica era o Asilo Cerrato, que naqueles anos mal sobrevivia, e que depois o Pe. Marelló renovará e fará crescer alguns anos depois [incluindo-o no projeto da Congregação]. Ele então escreveu ao Cônego Cerruti, e o teor da carta do dia 25 de outubro de 1872 mostra um vago temor de não ter sido entendido pelo velho cônego penitenciário, pois a proposta que lhe fazia era uma novidade para Asti.

9. Deixamos de lado todas estas introduções que serviram para preparar a conversa propriamente dita. Antes de chegarmos à conclusão, observemos pelo contrário o programa que o Pe. Marellino oferecia ao Cônego, que na substância era o pedido para poder usar a Igreja de Jesus, que agora aberta ao público, oferecia a ocasião de estabelecer aí um centro de espiritualidade e de reuniões apostólicas. Creio que o Cônego Cerruti viu naquele pedido do Secretário a vontade daquele que estava por trás disso, ou seja, o Bispo, e que este foi o motivo principal que o motivou para aceitar com entusiasmo o pedido apresentado com o respeito reverencial por parte do jovem Marellino, embora aceitar não significasse entender totalmente onde o Pe. Marellino queria chegar. Por isso mesmo ele se limitou a expor o programa espiritual e mostrava na segunda parte, a sua intenção sobre algumas realizações práticas que seriam possíveis depois, porque conduzidas com a contribuição e a beneficência [que era aquilo que o Cônego compreendia melhor]. Além de tudo isso, existe neste programa o núcleo central do pensamento Marelliano, que mais tarde terá desenvolvimentos imprevisíveis também na Congregação que seguirá seis anos mais tarde, ou seja em 1878. Eis, por exemplo a original inspiração interior: “Cada um tome as inspirações do seu modelo São José, que foi o primeiro sobre a terra a preocupar-se pelos interesses de Jesus. Quem tomou a decisão de participar da Companhia deve fazer perante Deus uma promessa sincera de trabalhar segundo as próprias forças para promover os interesses de Jesus... Tudo deve proceder por princípios de fé, com uma confiança ilimitada na ajuda dos céus e um grande sentimento de reconhecimento a Deus, pois somente a Ele, tanto na abundância como na falta, devemos agradecer, lembrando que a cada dia é suficiente a sua pena”.
10. A respeito da estrutura organizativa é preciso dizer que o Pe. Marellino não tinha confiança maior nos cálculos humanos. Ele já tinha superado o período juvenil com todos aqueles sonhos de juventude: “as amizades políticas dos trabalhos preparatórios”, “o apostolado humanitário”, “o jornalismo”; “o coreto político”, “o proselitismo doutrinário e prático”; coisas estas que já havia deixado atrás de si para concentrar-se na fé e no amor ilimitado à Igreja verdadeira, promotora do bem social em todos os tempos. Por isso ele escrevia: “As obras dos santos que os séculos respeitaram foram sempre marcadas por este caráter da simplicidade. Vale mais um pensamento de caridade fecundado no coração do nosso Cotollengo do que mil projetos filantrópicos que se desejem promover a custa de milhões exprimidos das veias do povo”. Com este princípio da simplicidade devia ter início, por quanto era possível naquele momento, e depois desenvolver-se, o trabalho segundo o que dia-a-dia a Providência mostrava para ser feito. O importante era não parar nunca, e ser fiéis àquele princípio até o fim.
11. Qual era o objetivo concreto da Companhia de São José e com quais instrumentos podia combater a santa batalha? Tinha em vista as finalidades próprias das associações que já tinham sido instituídas em outros lugares [embora isto tivesse acontecido somente nos grandes centros]: ou seja, buscar os interesses de Jesus, uma expressão de origem Paulina, muito usada na época, tanto é que a primeira associação instituída em Roma se chamava: “Associação dos Interesses Católicos”. As armas, isto é, os meios, deveriam ser a oração na Igreja [com o nome] de Jesus, a cultura com a biblioteca circulante de livros recolhidos entre os amigos de ordenação [da qual era encarregado o Pe. Delaude], o trabalho para melhorar as igrejas pobres, a

catequese, etc. O Marelo começou a projetar e a organizar tudo isso a partir do ano seguinte [1873] e o que teve maior sucesso [e é lembrado] era a Adoração Eucarística da Quinta-feira, que estava presente nas intenções desde o princípio: “Farei as minhas orações particulares em união com aquelas que o senhor desejar promover com esta mesma finalidade. Quem sabe se fosse possível em público, com alguma leitura de manhã ou à tarde, ou a Adoração, ou outro pio exercício na nova igreja...”. Desta devoção Eucarística nasceu também a “Pia União das Adoradoras Perpétuas no mundo”, que o Pe. Marelo promoveu e para a qual preparou um livrinho de orações e de conselhos espirituais muito úteis. Muita gente da cidade ia até a Igreja de Jesus, para as adorações eucarísticas, onde o pregador era o Pe. Marelo, o qual começou assim a se tornar o ponto de referência para as confissões e para a direção espiritual, formando almas apostólicas e promovendo vocações a vida religiosa, sobretudo feminina.

12. Um garoto do Michelerio, que depois se tornou irmão na Congregação, José Coppo [Irmão Benedito], lembrava daquelas quintas-feiras na Igreja de Jesus: “Tendo ficado órfão de pai e tendo a mãe ido morar com os parentes que iam para a França, fui colocado na obra Michelerio com idade de cerca de dez anos. Antes eu fui carpinteiro, depois tipógrafo e finalmente alfaiate. Algumas vezes tive que ir ao Paço Episcopal para encargos e encontrei-me com o Pe. Marelo que na época era Secretário do Bispo. Foi muito bom e gentil comigo e eu fiquei com grande admiração dele, e esta admiração foi aumentando com o passar dos anos. Nunca mais perdi de vista o servo de Deus, que às vezes eu via na Catedral e com maior frequência no Michelerio, aonde ele vinha muitas vezes nas quintas-feiras para a pregação

da Hora de Adoração. Eu ficava empolgado especialmente ao vê-lo nas funções sagradas na Catedral. Parecia Nosso Senhor a irradiar uma luz especial” [dos Processos]. A respeito desta atividade mais conhecida, floresceram as outras obras de apostolado, sobre as quais ainda existe muito para serem indagadas sobre o ponto de vista histórico, para reconstruir aquilo que surgiu com o passar dos anos. Não podemos dizer que surgiu uma Associação Juvenil propriamente dita, como por exemplo um apostolado externo. Mas não podemos nem liquidar a experiência daqueles anos com um sinal negativo.

13. Prova disto é que o Cônego Cerruti estava muito feliz, e quando faltava o Pe. Marelo era ele que pregava, e todo aquele conjunto de pessoas que ia à Igreja de Jesus levava também benfeitores ao seu Orfanato e criava um sentimento de benevolência geral. Foi naquele clima que se desenvolveu a idéia do Marelo, até chegar à fundação da Congregação, quando o ambiente já estava preparado: e não podia não ser em outro lugar senão no Michelerio, onde o Pe. Marelo já fazia parte da família. Nunca nos perguntamos porque a Congregação nasceu no Michelerio e não em outro lugar? Em 1878 não havia mais necessidade de escrever uma carta comprida como aquela de 1872 para ser acolhido pelo Cônego Cerruti. Aliás, o Cônego foi o primeiro de uma certa maneira a procurar, ou pelo menos a oferecer, vocações para a nova Congregação; e daqueles quatro que começaram a vida de comunidade [que se irmanaram, segundo a expressão do Fundador], três provinham do próprio Michelerio: Pedro Biamino que tinha crescido no Michelerio, onde era o alfaiate chefe, Vicente Franco e José Luís Rey. Somente Jorge Medico tinha sido encontrado pelo Marelo e também foi o único dos quatro que perseverou.

14. Sob o ponto de vista histórico, a conclusão pode ser esta, se para a Companhia de São José não houve grandes desenvolvimentos sob o ponto de vista organizativo laical, houve todavia um desenvolvimento imprevisto no princípio, mas verdadeiro sob o ponto de vista espiritual e formativo. O desenvolvimento depois mais importante de todos foi a Congregação dos Oblatos de São José que podemos chamar o fruto mais lindo e duradouro da Companhia de São José, idealizada pelo Fundador em 1872 e depois transformada em 1878 numa Companhia de novo modelo, sempre laical no princípio, mas enriquecida de novas contribuições espirituais religiosas que fervia no coração do Marelló naqueles anos, sobretudo depois da morte do pai, Vicente, que aconteceu no dia 17 de maio de 1873.

15. E se nós, do ponto de vista histórico passarmos ao lado espiritual, podemos achar uma segunda conclusão, ou seja, que a Congregação dos Oblatos de São José nasceu no cepo fundamental da devoção à Eucaristia, devoção esta que o Pe. Marelló cultivou naquela Igreja intitulada com o nome de Jesus, lembrando que então este título era ligado àquele do Sagrado Coração, e que o mês de janeiro no qual se celebrava a festa do nome de Jesus era também o mês do Sagrado Coração de Jesus. Daqui a devoção ao Sagrado Coração que o Fundador transmitiu à Congregação, e que se manifestou deste o princípio com expressões litúrgicas e devocionais ao redor da Eucaristia: é bom lembrar as procissões Eucarísticas na Casa Mãe por ocasião da Festa do Sagrado Coração e as Adorações que continuaram também na Igreja de Santa Chiara e que depois se tornou Santuário de São José.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

V - AS ORÍGENS LEIGAS DA CONGREGAÇÃO

1 - As preocupações laicais do sacerdote José Marelló, em sintonia com as necessidades do seu tempo.

2 - Origem e desenvolvimento da Companhia de São José de 1872.

3 - Vocês vêem uma relação entre a Companhia de São José e a fundação da Congregação em 1878?

Capítulo VI.

A PRÁTICA DOS CONSELHOS EVANGÉLICOS.

“Não se deve supor que no meio do povo cristão faltem aquelas almas que ainda hoje se afastariam do mundo por amor de Jesus Cristo”.

1. Neste estudo eu vou procurar explicar como nasceu no jovem sacerdote José Marello, a vocação de Fundador de uma Congregação Religiosa. Eu o farei examinando:
 - 1º) Os sintomas da sua vocação para a vida de trapista [da qual falam os biógrafos];
 - 2º) Depois, o fenômeno mais propriamente histórico da fundação. Dois aspectos que se entrelaçam constantemente.
2. Podemos encontrar um primeiro sintoma do ideal religioso no Pe. José Marello já nos primeiros dias do seu sacerdócio, quando ele escrevia: “No dia de São Maurício, prometo diante do Senhor de afastar-me das coisas deste mundo”. Era o dia 22 de setembro

de 1868, três dias depois da ordenação sacerdotal, na festa do Santo Padroeiro de Turim, São Maurício, Mártir da Legião de Tebas [cf. Scr. e Ins. p. 36]. Com o firme propósito de um perfeito afastamento ele pretendia de não ocupar-se com os problemas materiais da família, deixando-os ao pai, até que ele vivesse, e depois ao irmão Vitório. Ele queria estar entregue completamente ao ministério eclesiástico. De fato quando morreu o seu pai Vincente, ele colocou por escrito o seu primeiro testamento, deixando a parte dos seus bens ao irmão Vitório. Ficou substancialmente titular, juntamente com o irmão de maneira indivisível dos bens, mas não se ocupou mais da sua administração e nem dos frutos. Quando por exemplo se diz que colocou todo o seu dinheiro para a Congregação [e particularmente para Santa Chiara], é preciso pensar em outras fontes, nunca nos bens da família, que ele não tocou, nem para si, nem para outros. É a renúncia ao uso e usufruto que fazemos nós religiosos, conservando somente o direito de propriedade. Ele o fez de sua livre e espontânea vontade no início do seu sacerdócio.

3. É possível encontrar um primeiro aceno de vocação ao estado religioso no sacerdote Marello no ano de 1869, antes do Concílio Vaticano I. Uma carta do dia 03 de fevereiro ele responde ao Pe. Delaude, que lhe havia confiado a idéia de se tornar “Filipino” [padre do Oratório de São Filipe]: “Entre outras coisas, você disse uma que responde a uma tecla até agora inexplorada, no instrumento sonoro do teu futuro; essa tecla entoou um som delicadíssimo, aos meus ouvidos acostumados a escutar deste portão [o portão onde lhe vinham trazer o correio] todo tido de sons; eu tenho um mundo de coisas para te comunicar a respeito deste assunto; reza e reza muito para que

Deus te ilumine e te faça compreender a sua vontade firme e preparada para uniformizar-se em tudo aos desígnios da Providência. Então poderemos raciocinar conscienciosamente juntos, daquilo que agora poderia parecer um discurso sem sentido e até perigoso”. [L. 27]. O discurso ainda era prematuro, mas já estava presente na sua mente, quando no dia 07 de outubro daquele ano de 1869, ele escreveu ao amigo Rossetti: “...eu te confesso com toda confiança que a tua amizade me inspira: sinto que a minha vocação não está fixa, e percebo que no meu coração vai se formando um conjunto de afetos, e na minha mente, um conjunto de idéias, aos quais poderia seguir uma viagem e a permanência em Roma” [L. 52].

4. Exatamente em 1869, o Papa Pio IX chamava a Roma os Monjes Trapistas para Tre Fontane, a fim de que rezassem para o Concílio que estava para acontecer e rezassem para as necessidades da Igreja. Trata-se de um fato importante como um sinal de retomada para as antigas ordens religiosas que tinham sido suprimidas em toda Itália durante o século [1801 por Napoleão; 1855 no Reino Sabauo; 1867 em todo o Reino da Itália]. O Pe. Marelllo olhava para aquele Mosteiro Trapista, e quando chegou a Roma, foi visitá-lo, mas enquanto isso rezava para entender a vontade de Deus.
5. Todavia, não possuímos outros sinais da sua aspiração religiosa, nos escritos subseqüentes. Sabemos que essa aspiração apareceu sempre mais forte depois da morte do pai, que aconteceu no dia 17 de maio de 1873. Neste tempo ele sentiu forte a atração para o Mosteiro Trapista e os biógrafos [o Pe. Cortona em primeiro lugar] falam de um período de “purificação passiva”, que consistia num afastamento sempre mais forte das criaturas [testamento do dia 06 de julho de 1873] para se unir mais

intimamente a Deus. Dom Cortona diz no manuscrito das Breves Memórias: “O sacerdote de Deus se deu por completo ao santo recolhimento e à oração, e por isso cresceu tanto no amor de Deus, que agora a sua mente e o seu coração estavam ocupados somente com Deus. Quando o amor é grande, busca solidão, pois gostaria de não ser impedido de pensar na pessoa amada. Estas coisas que observamos no amor profano, as encontramos ainda mais no amor sagrado. A companhia se torna antipática, os pensamentos estranhos o afadigam, ele não pode ver nem amar, senão aquele que enche o seu coração: não pode falar senão de Deus, do seu Deus e com o seu Deus. De conseqüência acontece que com os santos aqueles que amaram mais, tiveram uma grande atração pela vida escondida. E esta atração teve também o sacerdote Marelllo, e é por isso que ele tinha decidido de abandonar o mundo, para se enterrar no Mosteiro”.

6. Tudo isto não obrigava a abandonar algumas das suas atividades externas; tratava-se mais de uma atitude interior, fruto do seu amadurecimento espiritual. Exteriormente, pelo contrário o Pe. Marelllo trabalhava sempre com grande empenho. Em 1870, depois da volta de Roma, ele assumiu a responsabilidade de confessor dos seminaristas [e era aquele que tinha mais compromissos, dizem as testemunhas] e ainda de professor de religião nas classes do Ginásio do Seminário. Em 1872 ele pensava de instituir a Companhia de São José para promover os interesses de Jesus e no ano seguinte começava a freqüentar a Igreja do Jesus e a pregar, instituindo a Hora de Adoração das Quintas-feiras. Acompanhou seu Bispo nas visitas pastorais e em outros lugares. Em 1873 foi a Ivrea para a Conferência dos Bispos, foi também a Molare para as festas do Santuário de N. S. delle Rocche. Em 1874 deixava por alguns meses o Paço

Episcopal e ia substituir e consolar o amigo Egídio Motta em Camerano, quando este ficou cego por completo. A sua vida estava cheia de obras apostólicas e de caridade; mas dentro de si ele se perguntava constantemente o que é que o Senhor ainda queria dele.

7. Não nos é dado saber quando ele manifestou este seu desejo pela primeira vez ao seu Bispo, Dom Carlo Savio, com a intenção de se tornar Monje Trapista. Sabemos apenas que ele se submeteu ao conselho e à obediência do seu padre espiritual, que era exatamente o Bispo. Este via nele o desejo ardente de vida mais retirada e não se contentou de lhe manifestar a sua oposição e de lhe mostrar os obstáculos, mas procurou orientá-lo sobre um projeto de retomada da vida religiosa, depois que tinham desaparecido da cidade e da Diocese os numerosos conventos e mosteiros, como consequência das Leis da Supressão. Por isto, a sua resposta às constantes perguntas do Marelllo era: “Parece-me que Deus queira do senhor alguma coisa no mundo. Reze para conhecer a sua vontade”. E ainda: “Talvez ainda não tenha chegado o tempo, continue a rezar e verá que o nosso Senhor não vai tardar para lhe fazer entender quais são os seus desígnios a seu respeito”.
8. Enquanto isso, o Bispo Savio escrevia na Carta Pastoral de 1874: “Quantos jovens, quantas moças por terem se juntado apressadamente com pessoas sem religião e sem juízo, perderam de uma só vez a fé em tudo que é lindo, e perderam a simplicidade juvenil e se tornaram um espinho para os próprios pais e um escândalo para os irmãos e para as irmãs! Ó, jovens sem experiência! Confiem nos conselhos de quem vos ama de verdade! Desconfiem de vocês mesmos e não tratem senão com pessoas ajuizadas e de virtude comprovada!” Era a carta sobre

“O respeito humano” [hoje sob um ponto de vista positivo se poderia dizer sobre “testemunhos cristãos”], que fez tanta impressão no Pe. Marelllo, ao ponto que ele mesmo escreveu uma outra sobre o mesmo argumento quando se tornou Bispo.

9. Dom Savio escrevia na Relação à Santa Sé de 1876: “Não resta mais nenhum mosteiro em toda a Diocese, seja para homens, seja para mulheres se excetuarmos o pequeno grupo de Barnabitas encarregado da Paróquia de San Martino”. Havia existido em Asti, no começo do século XIX, muitos conventos de ordens religiosas e mosteiros femininos. Agora não havia mais nenhum. Esta era também uma consideração que se deveria ter em mente e o Pe. Marelllo, nas suas análises entre 1874 e 1877, certamente refletiu muito sobre este fato e sobre as consequências que dele derivavam para a Diocese. As preocupações de Dom Savio tornaram-se cada vez mais as suas preocupações, tanto mais que passando com ele nas paróquias da Diocese para visita pastoral, durante os anos de 1873 a 1877 o Pe. Marelllo tinha tido o modo de verificar de perto o crescimento da ignorância religiosa e o abandono em que eram deixadas tantas pobres igrejas por falta de sacerdotes e de catequistas.
10. No fim da visita pastoral o Pe. Marelllo já estava orientado neste sentido: não teria renunciado à vida religiosa, mas era necessário antes retomá-la em todo o seu antigo esplendor com a fundação de um novo instituto, que não estivesse sujeito às leis repressivas do governo italiano, mas que salvasse em cheio a realidade da prática dos conselhos evangélicos. O Pe. Marelllo conhecia bem a experiência do célebre pregador francês Henri Dominique Lacordaire: “Se eu pensava nas necessidades da Igreja, percebia claramente que depois da supressão das ordens religiosas, ela tinha perdido metade das suas forças”. Lacordaire

em 1836 para dar uma resposta a esta urgência, tinha deixado o púlpito de Notre-Dame em Paris e tinha ido até Roma, para se fazer Dominicano. Depois voltava a França revestido com a batina branca que ainda era proibido e subia no mesmo púlpito no dia 09 de abril de 1839, desafiando as leis e levando assim os religiosos à França. Algo semelhante queria fazer o Pe. Marelló.

11. Em 1877, todo este programa já estava pronto e ele podia escrever: “Não devemos imaginar que no meio do povo cristão falem aquelas almas que ainda hoje se afastariam do mundo pelo amor de Jesus Cristo. Bendito aquele que se souber fazer instrumento providencial da salvação eterna destas almas”. Agora a preocupação do Pe. Marelló era orientada para o restabelecimento da vida religiosa naquelas formas que os tempos autorizassem. Embora ainda não possamos ver com clareza por falta de notícias a ligação entre as aspirações à vida Trapista e esta nova orientação da sua vida, é bom constatar que a ligação existe e vai se desenvolvendo debaixo dos nossos olhos.

12. Por outro lado ele mesmo escrevia: “É bom manter escondido o segredo do Rei... fazendo as obras de Deus em silêncio, sem confiar nos homens e nem em nós mesmos, mas cheios de esperança na ajuda sobrenatural, tudo pode caminhar para o melhor”. Esta regra de ouro vai guardar ciosamente em tudo aquilo que dizia respeito a sua fundação. Enquanto para Companhia de São José de 1872, ele havia procurado de envolver alguns confrades amigos seus e outras pessoas entre os leigos, como diz ele mesmo na carta ao Cônego Cerruti, agora não quer que se fale com ninguém. Será que a lição que então aprendeu lhe serviu para começar com mais simplicidade e moderação? Em 1872 havia em Asti o Pe. Rossetti, chamado

para trabalhar no Seminário e o Pe. Delaude que tinha deixado de ser Vice-pároco, da Paróquia de Castell’ Alfero. Mas este em 1873 tinha sido nomeado pároco de Vila San Secondo e o Pe. Rossetti estava cada vez mais ocupado no seminário. Com ele somente tinha feito uma peregrinação a Roma, em setembro de 1875, para as indulgências de Jubileu e para “ver de perto ainda uma vez Pio IX”, como ele mesmo se expressou, escrevendo ao irmão Vitório. Depois disto o Pe. Marelló entra sozinho no túnel escuro da vontade de Deus e caminha confiando na sua Providência, como fez São José, que sempre se colocou humildemente debaixo da vontade em todos os seus passos.

13. Chegou assim ao outono de 1877, quando já tudo parecia mais claro perante ele, como escreve o Pe. Cortona: “Não duvidou mais da vontade de Deus, e entregou-se completamente à oração ao bom Deus para que lhe mandasse elementos que compreendessem as suas intenções e que fossem como as pedras fundamentais da nova Congregação”. Para esclarecer isto, contribui a sugestão de uma santa personagem de Turim, Monsenhor Luís Anglesio [sucessor de São José Benedito Cottolengo na direção da Pequena Casa da Providência], o qual, em fins de 1875 e no começo de 1876, tinha vindo a Asti várias vezes, para acompanhar as Irmãs do Cottolengo e depois para retirá-las da direção do Asilo Cerrato [elas ali ficaram no máximo quatro meses]. O Dom Anglesio tinha encorajado Pe. Marelló a continuar naquela estrada, e quando este lhe perguntou se lhe dava um irmão para iniciar a sua obra, o Anglesio respondeu: “Eu não tenho um irmão assim, mas ainda que o tivesse não lho daria, porque cada um deve dar diretamente o próprio espírito às instituições que funda e o senhor pode fazer isso pessoalmente”. O Dom Anglesio tinha prática nestas coisas

e a mesma resposta ele tinha dado ao Bem-aventurado Albert, quando lhe pedia algumas Irmãs para começar um grupo de moças na vida religiosa em Lanzo Torinese: “Olhe, meu querido Vigário, as congregações de religiosas são fundadas segundo um determinado espírito que lhe deu as origens... escolha o senhor algumas jovens que lhe pareçam ter boa disposição, comece a formá-las no seu espírito, e com a autorização dos superiores, fará delas religiosas de uma sua própria Congregação” [José Cottino, Vita Anglesio, p. 127]. Conselho igual a este ele deu ao Pe. Marelllo.

14. Desta forma lembramos as circunstâncias principais e as experiências pelas quais o Senhor o havia conduzido nos primeiros anos do seu sacerdócio até amadurecer nele esta convicção profunda e luminosa, sobre a qual iniciou todo o seu projeto de “facilitar as vocações religiosas” num maior número possível de pessoas: Ressuscitar a vida religiosa em Asti e na Igreja “Ele teve bem clara esta idéia desde o princípio e insistiu nela enquanto viveu”, afirma o Pe. Cortona. Esta clareza estava tão forte dentro dele que era suficiente, para identificar sem equívocos a obra que fundaria, permanecendo disponível às disposições da Providência, para tudo aquilo que era atividade apostólica, contanto que acontecesse em espírito de humilde serviço na imitação de São José.

15. O santos são feitos assim: primeiro precisam de tempo para conhecer bem a vontade de Deus, mas uma vez que esta lhe se manifestou, não colocam dificuldades e vão adiante, decididos pela estrada que Deus lhes indicou. O Pe. Marelllo tinha então, 33 anos de idade e 09 de sacerdócio. Não tinha ainda nenhum elemento entre as mãos, não possuía um lugar onde pudesse nascer a Congregação, mas já estava decidido para a sua

realização e rezando buscava com discrição e determinação os primeiros candidatos. Quanto ao lugar podia valer ainda, aquele no qual tinha colocado o olho, em 1872: na obra Michelerio, ainda mais porque o Cônego Cerruti que era seu diretor, aprovava e favorecia esta idéia.

16. A esta altura nós encontramos as cartas do Pe. Marelllo a dois destinatários desconhecidos, para pedir a eles se conheciam algum jovem, para dar início à Congregação. Um dos dois sacerdotes destinatários pode ser identificado no Pe. César Rolla, que desde 1879 era Pároco de Mongardino, mas que podemos presumir já se encontrava na cidadezinha para substituir o Pároco que estava doente. O outro sacerdote deveria ser um amigo, porque o trata de tu, enquanto o primeiro [embora ordenado a pouco tempo] o trata por senhor. Em seguida vamos examinar o conteúdo destas cartas que ele escreveu: duas em outubro [mas possuímos apenas uma] e duas em novembro, com a inclusão de um esquema da nova Companhia de São José.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

VI - A PRÁTICA DOS CONSELHOS EVANGÉLICOS

1 - À origem da sua vida sacerdotal se nota o destaque dos bens terrenos.

2 - Quais motivos levaram o Marelllo a entrar na Trappa?

3 - Descrevam a evolução de uma vocação pessoal à vida religiosa àquela de fundar a Congregação (no contexto

histórico, local, religioso de Asti).

CAPÍTULO VII.

AS FINALIDADES MINISTERIAIS DA CONGREGAÇÃO.

“O Senhor disse ao Fundador:

ascende superius! [suba mais para o alto!]”

1. Quanto mais nós pararmos para examinar a história da Congregação, nas suas origens, tanto mais nós notamos que Deus guiava, podemos assim dizer, dia após dia o Bem-aventurado José Marelló, conduzindo-o através das experiências

laicais em 1872, até ao amadurecimento de um projeto de vida religiosa em 1878. Este projeto chegou a conclusão depois que a mão de Deus, tinha guiado o Pe. Marelló. Antes, com a vocação à vida de trapista, e depois, com a fundação da Congregação dos Oblatos de São José. Tratava-se de fundir a vida contemplativa de “cartuxo” com a vida ativa dos “apóstolos”, tomando como exemplo em tudo São José, o homem do silêncio orante e da ação ativa ao redor de Jesus e de Maria.

2. Tratava-se também de fazer renascer em Asti a vida religiosa que tinha sido suprimida pelas leis liberais durante o século XIX. O único mosteiro Trapista que existia na Itália naqueles anos era o de Tre Fontane, em Roma, desde quando Pio XIX, em 1869, tinha chamado para Roma os Trapistas para que rezassem pela Igreja e pelo iminente Concílio Vaticano I. Em outros lugares na Itália todas as ordens religiosas tinham sido suprimidas, incluindo aí muitos conventos e mosteiros que existiam na cidade de Asti. Desta maneira o Pe. Marelló desejando realizar uma vida religiosa, possuía substancialmente dois modos: ou retirar-se no Mosteiro Trapista de Tre Fontane, em Roma [que ele tinha visitado em 1870], ou então fundar ele mesmo uma Congregação, de tipo novo que não estivesse sujeita às leis repressivas do Governo Italiano.
3. Este segundo caminho, para ficarmos na região do Piemonte, tinha sido escolhido em primeiro lugar por Dom João Bosco, que fundou a Sociedade Salesiana em 1854 [e o Pe. Marelló inscreveu-se entre os cooperadores salesianos em 1881]; tinha seguido o mesmo caminho em Turim, São Leonardo Murialdo, que fundou a Pia Sociedade de São José no dia 19 de março de 1873. A novidade que permitia de não cair sob as leis da Supressão era esta: de começar com uma associação, que não

tivesse nenhuma forma institucionalizada, mas que recebesse pessoas dispostas a viver juntas os mesmos ideais religiosos, com a prática dos conselhos evangélicos; esta associação, porém, tinha que se dar uma finalidade benéfica em favor dos mais necessitados. Por isto o Michelerio em Asti era o lugar ideal, pois a Congregação, assim nascia dentro de uma obra de assistência à juventude necessitada; como será mais tarde o Asilo de Santa Chiara que tornará benfeitora a Congregação aos olhos das autoridades civis e da população. Por isso os primeiros irmãos eram considerados, antes de tudo, como os “Fradinhos do Cônego Cerruti” a serviço do Michelerio e depois como os “Frades do Asilo” a serviço dos pobres de Santa Chiara.

4. O que aconteceria num segundo tempo era confiado à Providência. Por enquanto, o importante era começar, e colocando ao dispor os recursos conseguidos até o ano 1878. No campo laical, religioso e apostólico o Pe. Marelo estava pronto para dar aquele primeiro passo que a Providência lhe indicava. Isto explica melhor o que o Pe. Antonio Geremia diz num seu escrito: “Que a primeira finalidade pela qual o Pe. Marelo fundou a Congregação é de natureza teológica: para que o projeto de Jesus não seja inútil, que os conselhos evangélicos sejam praticados em todos os tempos e pelo maior número possível de pessoas. “Recordamos aqui as palavras do Marelo: “Quantos podemos contar ainda hoje, verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, nesta Itália, que foi por muitos séculos a terra clássica do monaquismo? Quase ninguém pensa mais na prática dos conselhos evangélicos ... Trabalhemos então, apesar das dificuldades do mundo para facilitar o estado de vida mais perfeito”. Este é o argumento teológico que devemos colocar em primeiro lugar, deixando para depois a interrogação sobre qual é

o nosso carisma específico e qual o tipo de apostolado nós somos chamados a fazer.

5. Quem contribuiu fortemente para ajudar o sacerdote Marelo na estrada da fundação de uma Congregação foi, nós já o sabemos, o seu Bispo Dom Carlo Savio, que o Pe. Carandino chama justamente de “O Avô da Congregação”, isto é, aquele que foi pai e guia para o nosso Fundador. Dom Savio escrevia na Relação à Santa Sé em 1879: “Queira Deus na sua infinita bondade multiplicar os sacerdotes, ressuscitar as casas religiosas, para que se possa conservar, aquilo que ainda nos resta de bom e para obter resultados melhores para a glória de seu Nome”. Pensando bem estas palavras, parecem uma bênção propiciadora sobre a única casa religiosa masculina que tinha nascido em Asti um ano antes [na Igreja do Nome de Jesus no Michelerio], e que em 1879 tinha tido a sua aparência exterior com a primeira vestição do hábito religioso.
6. Para podermos entender como nasceram as primeiras finalidades ministeriais na mente de Marelo Fundador, seria necessário conhecer melhor as visitas pastorais que Dom Savio fazia na Diocese de Asti. Sabemos apenas aquilo que o Bispo nos diz nas suas Relações à Santa Sé. Aparece claramente que ele fez a visita pastoral em todas as paróquias da Diocese nos anos de 1873 a 1876, realizando-as aos poucos, também por causa das suas condições de saúde. E eram esses exatamente os anos em que o Pe. Marelo se colocava o problema da vocação religiosa, e ao mesmo tempo era obrigado a acompanhar o Bispo em todos os lugares, tendo assim um modo de constatar a pobreza de certas igrejas e o abandono da catequese da juventude: dois problemas que o preocupavam e que ele colocará como primeiros nas finalidades da Congregação. Eles se tornaram

concretos na Catequese e na Liturgia [atenção a cerimônias e a prática dos Sacramentos]. O Pe. Luís Garberoglio confirmou tudo isto nos processos de Beatificação: “O Marelllo quis instituir uma Congregação de Leigos que seguindo os conselhos Evangélicos e vivendo em comunidade, sem todavia empenhos de votos religiosos, se tornassem aptos para o serviço a Igreja, para dar catecismo, para o serviço nas funções religiosas e para ajudar os párocos no seu ministério.”[SIC, 614]. Assim ele “no início [lê-se na vida escrita pelo Pe. Filipe Berzano, em 1923] queria que os seus filhos espirituais, imitando São José, se dedicassem somente aos ministérios mais humildes como: fazer trabalhos manuais, educar a juventude, dar assistência aos jovens operários nas fábricas, dar aula de religião, ensinar o catecismo à crianças, ajudar os reverendos párocos, ter a função de sacristãos, etc...” [p. 61].

7. Para explicar melhor e entender este programa, o Pe. Marelllo no outono de 1878 [ou na primavera de 1879] fez uma peregrinação a Ars, ao túmulo de Santo Cura João Maria Vianney, e lá observou com interesse a obra dos Irmãos de Belley [fundados pelo Venerável Gabriel Taborin], que o Santo Cura tinha chamado para o serviço da Igreja e para dirigir um Orfanato em Ars. O diretor era o Irmão Atanásio, que tinha sido como que o braço direito do Santo Cura, em todas as funções da Igreja: na liturgia, no canto e na catequese. Ora, o Santo Cura tinha morrido e o Irmão Atanásio ainda era o seu exemplar vivente, e o Pe. Marelllo observando aqueles irmãos no cuidado da liturgia na Igreja [cantando, tocando, ajudando, recebendo os peregrinos], disse com seus botões: “Os meus irmãos, eu os quero assim!” Observem bem, ele não disse apenas: “eu os vestirei assim” [o hábito deles não era muito igual ao nosso],

mas disse: “Eu os quero assim, e por isso eu os vestirei assim”. Por isso ele tinha pensado de enviá-los dois a dois para as paróquias, que os pedissem como explicou o Cardeal José Gamba nos processos: “Jovens educados e instruídos, com a finalidade de serem ótimos sacristãos, cozinheiros, catequistas, alfaiates, para poderem ajudar de forma conveniente os párocos e para serem também pessoas de serviços”. [SIC, 1021]. Parece que esta foi a primeira finalidade sugerida por Dom Savio. Mas esta finalidade, assim concebida, nunca se realizou, exceto pelo caso esporádico do Irmão Simeão [Vicente Baratta], que durante três anos esteve a serviço do Cônego Arpino, na Paróquia dos Santos Apóstolos em Turim. O Pe. Lourenço Franco declarou: “Os Fradinhos deveriam ajudar os párocos como sacristãos e como catequistas: foi esta a primeira idéia da Congregação”. [SIC, 430].

8. O Pe. Bartolomeu Pozzi explica porque este plano foi abandonado pelo Pe. Marelllo, logo depois da morte de Dom Savio [1881]: “Se alguém me perguntasse qual foi a finalidade que o nosso Fundador quis dar ao seu Instituto, eu respondo, segundo a opinião de alguns, que a primeira idéia foi a de formar bons sacristãos, os quais como São José, tomassem conta da casa de Deus. Acompanhando o seu Bispo nas visitas pastorais e verificando a falta de decoro das Igrejas, tinha tido a idéia de providenciar isso com o seu Instituto. Estes Irmãos, tendo regras fixas, deveriam viajar sempre de dois em dois, deveriam participar da vida comum e manter-se em correspondência com os próprios Superiores”. E ele ainda continua: “Quem é que não vê que nesta forma de apostolado teria sido difícil manter a observância e que este tipo de vida colocava em risco a perseverança dos irmãos, pois deviam viver constantemente sob

a dependências dos párocos e longe dos superiores? Eu creio que isso não ficou despercebido a mente perspicaz e equilibrada do nosso Fundador. Penso todavia que na sua humildade ele tenha querido dar este nome e esta finalidade aos seus irmãos para indicar a vida pobre e escondida que deveriam fazer; além disso, acostumado como era a se deixar governar por aquela Providência, que é mãe amorosa e dispõem de cada coisa com suavidade e prudência, ele tenha procurado seguir aquilo que o Senhor então lhe manifestava [por meio do Bispo Dom Savio], sempre pronto a aperfeiçoar aquilo que em seguida me parecesse mais claro e significativo. Esta me parece a idéia mais certa e mais apropriada, como demonstra o desenvolvimento que tomou a Congregação, e isto demonstra também os caminhos admiráveis de Deus no conduzir os seus servos e em realizar as obras de sua glória”.

9. Portanto, não somente este programa não se realizou, mas depois da morte de Dom Savio, foi abandonado. Por completo? Eis o problema. Não ficou nada daquela primeira inspiração? O Pe. Marelllo era homem que caminhava por etapas, nunca por rupturas com o passado. Muitas coisas permanecerão daquela inspiração inicial. Antes de tudo “a ajuda aos párocos”, como característica própria; depois o exemplo de São José, “Guarda da Casa de Deus”; ficará também aquele constante interrogar à Divina Providência sobre os modos de realizar os planos de Deus, como disse o Pe. Lourenço Franco: “pela maneira de prestar essa ajuda (os irmãos) se colocarão a disposição da Divina Providência, dizendo: vamos adiante dia por dia e faremos aquilo que a Divina Providência nos pedirá” (SIC 432). E eis o primeiro sinal apostólico: “no começo se falava do catecismo, e de fato nos dias de festa nos espalhávamos nas

diversas paróquias da cidade e também nos lugarejos para ajudar os párocos para dar catecismo, e o nosso Pai o Cônego Marelllo, ficava bem contente com o bem que se fazia” (irmão Filipe Navone, SSV, 344). Portanto um apostolado que foi praticado desde as origens e que continuou em seguida, foi aquele da catequese e da educação da juventude.

10. Em 1883 aconteceu a nova orientação para o sacerdócio, depois da entrada na Congregação do sacerdote João Batista Cortona. “O Senhor disse ao Fundador: ascende superius- venha mais para o alto”. (Pe. Cortona) e abriu-se então para os irmãos o caminho para o sacerdócio, embora permanecendo sempre aberto o caminho para vida de irmãos leigos. Em fevereiro 1884, estando ainda no Michelerio, alguns irmãos tomaram nas mãos os livros e começaram a preparar-se para as ordenações sacerdotais. O novo espírito está sendo imprimido. Nas obras pensava o Bispo Dom José Ronco, homem duro e bom ao mesmo tempo, que começou a enviar o Pe. Cortona como Ecônomo Espiritual na paróquia de Castelvero, já no verão de 1883, ano este da sua ordenação sacerdotal. O serviço aos párocos se tornava efetivo nas atividades sacerdotais e envolvia todos: os Irmãos Coadjuutores e Irmãos Estudantes para dar catecismo e trabalhar no meio da juventude, especialmente nas paróquias, onde faltavam sacerdotes diocesanos.

11. O período dos Economatos Espirituais nas paróquias vazias durou enquanto viveu Dom Ronco [1898] e depois foi diminuindo até o trabalho ficar somente para o Pe. Vicente Barata, verdadeiro Oblato itinerante de paróquia em paróquia segundo o espírito primitivo. Com o fim do século XIX o serviço aos párocos consistia sobretudo na ajuda na pregação e nas confissões, e também como vice-párocos nos dias de festa nas

diversas paróquias na Diocese de Asti e nas dioceses vizinhas. Naquela época ainda não se aceitavam paróquias por conta própria. As Constituições da Congregação de 1909 dizia: [A Congregação “consagra cada atividade sua nas obras do Sagrado Ministério, como: missões, ajuda aos párocos nos dias de Festa e em ocasiões de trabalho, e receber dos Bispos Economatos Espirituais de paróquias, dar catecismo, dar aula de religião, colégios, orfanatos, internatos e ainda todas as obras boas que as circunstâncias exigirem. Cada coisa deve ser possível ser realizada ao mesmo tempo com a disciplina e com a vida de comunidade”. E acrescentavam de maneira bem clara: “A Congregação não aceita, de forma ordinária, o benefício de curato”, ou seja, paróquias próprias. Naqueles anos outras formas de apostolado começaram a aparecer. Devemos dizer que no começo o Pe. Marelló tinha instituído um Colégio na Casa Mãe de Asti e também um Orfanato para crianças pobres e abandonadas. Em 1895 os Irmãos tinham se ocupado do primeiro Oratório na cidade de Asti, o Oratório de São João, ao lado da Catedral. Assim, as regras de 1892 já colocavam o apostolado juvenil como uma das primeiras finalidades ministeriais da Congregação. Nos primeiros anos do século XX nós tivemos o florescimento dos Oratórios masculinos nas paróquias confiadas ao clero diocesano, e portanto a serviço dos sacerdotes diocesanos. Mas depois nos demos conta de que as paróquias ao nosso próprio cuidado permitiam maior liberdade de trabalho, especialmente no campo da juventude. A responsabilidade direta das paróquias tornou-se uma necessidade também em seguida a abertura das missões nas Filipinas e no Brasil. E foi aprovada pelo Capítulo Geral de 1921, com estas palavras: “Em casos extraordinários [isto é, quando houvesse falta de clero e o Bispo fizesse o pedido], os josefinos poderão aceitar paróquias”.

Todavia, vinha sempre recomendado como primeiro, o critério da observância da vida comum: “Cada coisa deve ser possível ao mesmo tempo com a disciplina regular e com a vida comum”.

12. Nesta longa estrada, até hoje o apostolado na Congregação não mudou nos seus aspectos profundos e peculiares. O primeiro aspecto do carisma apostólico permaneceu sempre “a educação e a instrução religiosa da juventude”, como se expressou o Capítulo de 1921. Nesta linha podemos caminhar sempre, tendo fixo o olhar no exemplo de São José, o primeiro educador de Jesus, o homem do silêncio ativo a serviço da Guarda do Redentor. A peculiaridade “Josefina” inspira ainda hoje as obras da Congregação, particularmente no espírito com o qual se deve enfrentar todo e qualquer ministério pastoral. A flexibilidade nos modos já era prevista desde o princípio, quando nas Regras de 1892 se dizia: “Tem como finalidade a educação da Juventude, naquele modo que Deus dispuser”. E ainda: “Os sacerdotes se ocuparão, sob a obediência ao Bispo, das tarefas de administradores espirituais, de Vice-párocos festivos, de capelães, na pregação e naquelas coisas que o dia-a-dia a Divina Providência indicar para fazer”. Flexibilidade nos modos e nas formas, mas continuidade nas intenções, que são aquelas de dar atenção aos interesses de Jesus na imitação de São José”.

13. Este discurso é importante e merece um aprofundamento ulterior por dois motivos: para superar toda e qualquer forma de posse nas nossas obras [não era esta a intenção do Fundador], e para averiguar o que exige hoje este discurso da flexibilidade em nosso projeto para o futuro. Os dois temas são tão importantes que merecem um discurso a parte. Aqui se pode somente antecipar que existe uma relação de acordo deste discurso com aquilo que diz a exortação apostólica “Vita Consecrata”, onde

se fala de “fidelidade criativa”, seja ao carisma, seja à própria espiritualidade, seja perante os desafios de nosso tempo.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

VII - OS FINS MINISTERIAIS DA CONGREGAÇÃO

1 - Depois da repressão, na Itália das Ordens Religiosas no século, sobre quais bases surgiram as novas Congregações Religiosas?

2 - Qual papel teve Dom C. Savio na fundação da Congregação?

3 - A evolução dos fins ministeriais entre o 1878 e 1881: até onde era nova e até onde era contínua.

CAPÍTULO VIII.

A ESPIRITUALIDADE DA CONGREGAÇÃO.

*“Fé inabalável na Providência,
mas uma fé única e destituída de qualquer preocupação humana”.*

1. Na Biografia do Bem-aventurado José Marelló aparece com clareza que ele pôde dedicar pouco tempo à sua Congregação, não por sua vontade, mas porque assim dispoñdo Deus, ele sempre foi encarregado de várias tarefas diocesanas, antes como presbítero em Asti e depois como Bispo de Ácqui. Ele tinha fundado a Congregação quando ainda era Secretário do Bispo Dom Carlos Savio, ao qual devia dedicar sempre mais o seu tempo nos últimos anos de vida, até o ponto de ter que apoiá-lo quando caminhava, pois o Bispo tinha problemas de hérnia que lhe causavam grandes dores. O Cônego Carlos Vassallo, no elogio fúnebre de Dom Savio, disse: [a última vez que eu o vi, ele], “estava cansado e abatido e caminhava com dificuldade, apoiando-se por um lado no bastão e por outro, apoiando-se no braço de seu fiel Secretário”. Depois da morte do Bispo, em 1881, o Pe. Marelló permaneceu em Asti ainda por oito anos, mas sempre absorvido nas tarefas da Cúria [Chanceler] e do

Seminário [Diretor Espiritual e ajudante do pró-Reitor Cônego Estevão Rossetti]. Libertou-se das tarefas do Seminário em 1885, quando se transferiu para a casa de Santa Chiara, conservando todavia, a tarefa de confessor dos seminaristas, que tinha assumido desde 1870. Em 1889 ele partia para Ácqui como Bispo, e deixava a Congregação sozinha, na mão dos Irmãos e Sacerdotes, o primeiro dos quais, o Pe. Cortona que tinha então trinta e quatro anos de idade. Por fim, ele morreu em 1895, depois de seis anos de um episcopado muito intenso, ocupado na maior parte com visitas pastorais a 120 paróquias da Diocese. Humanamente falando, podemos dizer que ele pôde dedicar muito pouco tempo à Congregação, que ficava assim, privada daqueles cuidados indispensáveis que tiveram por exemplo no seu tempo a Congregação dos Salesianos por parte de Dom Boco [1853-1888], ou a Pia Sociedade de São José de Turim por parte de São Leonardo Murialdo [1873-1900], e poderíamos continuar com outras Congregações, onde os respectivos fundadores puderam dedicar-se a tempo integral e por muitos anos às próprias fundações, dando-lhes um cunho espiritual bem forte e desenvolvendo as suas obras até obter para elas as necessárias aprovações canônicas. O Bem-aventurado José Marelllo não pôde realizar nada disso isto, pois a vontade de Deus o chamava sempre a novos serviços na Igreja e também por causa da sua morte prematura. Este fato sozinho seria suficiente para nos perguntarmos como foi possível que a Congregação, em tais circunstâncias, pôde sobreviver a tantas provas e a firmar-se sempre mais na Igreja, até chegar na situação de hoje.

2. Foi sem dúvida a força da espiritualidade marelliana que fez com que a Congregação pudesse não só sobreviver, mas crescer e alastrar-se na Igreja, não obstante o Fundador não

pudesse segui-la de perto, como teria desejado. Ele escrevia ao Cônego Cerruti no dia 25 de outubro de 1872: “Nenhuma confiança no apoio das riquezas, da estima, do encorajamento do mundo. Ao contrário, tudo deve proceder por princípios de fé, com uma confiança ilimitada na ajuda do céu e um sentimento inabalável de reconhecimento a Deus e somente a Ele, tanto na abundância como na falta, lembrando-nos daquele *sufficit diei* malícia sua. É suficiente a cada dia a sua preocupação. Estas coisas, porém, não se podem obter senão com uma condição: a caridade é o vínculo da unidade e a obediência é a sua salvaguarda”. Ele tinha entendido muito bem que o segredo da fecundidade espiritual e apostólica está nos valores da fé, porque ele vivia destes e os inculcava constantemente aos seus Oblatos, mostrando com o exemplo São José que foi o primeiro da terra, depois da Virgem Maria, a ocupar-se dos interesses de Jesus. No Decreto sobre a heroicidade das virtudes do Marelllo, nós lemos estas palavras do Papa Paulo VI: “São José é o modelo dos humildes que o cristianismo aponta para grandes destinos; São José é a prova de que para servos bons e autênticos seguidores de Cristo, não são necessárias grandes coisas, mas são suficientes e são indispensáveis as virtudes comuns, humanas, simples, mas verdadeiras e autênticas. Ter percebido esta verdade, ter feito dela um princípio de vida para si e para os outros, tê-la experimentado pessoalmente, foi o carisma e a preocupação de José Marelllo, Fundador dos Oblatos e Bispo de Ácqui” [Roma, 2 junho de 1978]. É necessário partir de São José para entender o Bem-aventurado José Marelllo. O Pe. Lourenço Franco assim declarava nos Processos: “Ah, quando estava presente ele, falava assim tão bem de São José! Quem sabe lá onde ele aprendeu coisas tão lindas!” [Processo Suplementar Acq., p.58]. Eis a característica josefina: dizia coisas novas a

respeito de São José porque tinha descoberto nele não algum aspecto secundário ou só devocional, mas a essência da missão que o Senhor lhe havia confiado, e portanto o segredo da sua santidade; tinha descoberto o mistério de Cristo que São José guardava com zelo, juntamente com Maria Santíssima. Não é fácil compreender este tipo de santidade, feito de coisas simples e ao mesmo tempo sublimes, uma santidade que nos pede a extraordinariedade nas coisas de cada dia; a santidade do “age quodo agis”, faça bem aquilo que você estiver fazendo, sem preocupar-se com nada mais.

3. Nas “Breves Memórias” da vida do Bem-aventurado José Marelló, o Pe. Cortona se alongava ao expor os ensinamentos que o Fundador oferecia aos seus Oblatos, e a um certo ponto escrevia: “Citar aqui, tudo aquilo que o Pe. Marelló ensinava naquelas meditações e palestras é uma coisa difícil, depois de quarenta e dois anos [ele escrevia em 1920], ainda mais que naquele tempo não se teve o cuidado de tomar anotações que teriam ajudado para conhecer bem e profundamente o seu espírito. Naquelas instruções ele manifestava aos seus filhos amados, aquilo que em longos anos de meditação tinha aprendido das virtudes e dos méritos de São José. Ele tinha lido todas as obras de São Francisco de Sales, especialmente onde o santo falava de São José e por isso procurava fazer-nos ter uma concepção elevada de São José e um grande desejo de imitá-lo. Sobretudo nos entretinha freqüentemente sobre a vida interior de São José. Ele dizia que o seu recolhimento produzia na sua alma uma paz inalterável e uma tranqüilidade tal que punha todas as suas potências na calma mais perfeita. Ele nunca se deixava abater pela tristeza, nem desencorajar pelas preocupações e nem alegrar-se demais nas horas felizes. Mas se às vezes a alegria era

visível, era uma alegria divina que vinha do Espírito Santo. Depois o nosso bom Pai era um exemplo vivo daquilo que ele ia inculcando nos bons irmãos. De fato, ele tinha adquirido uma tal igualdade de espírito que nos dezessete anos em que pudemos nos alegrar com a sua companhia, nunca o vimos nem muito abatido pelas contrariedades, nem alegre demais nas coisas boas, mas sempre alegre, afável e delicadíssimo com todos. Mas o aspecto da vida de São José sobre o qual entretinha mais a nós seus filhos diletos, era a vida escondida do grande patriarca com o seu amado Jesus. Eis todas as suas grandezas e todos os seus méritos, pois tal era a sua verdadeira vida”.

4. O próprio Pe. Cortona, depois de ter tracejado longamente os ensinamentos do Fundador aos primeiros Irmãos de São José [o texto do seu manuscrito foi até reduzido na edição impressa], se detém para lembrar aquela primeira comunidade Josefina do Michelerio, e escrevia que o fervor da piedade dela era muito grande. A vida era muito retirada, feita de recolhimento e de atividade no interior do Instituto Michelerio, e depois dedicada ao catecismo nas paróquias e nas capelas da cidade e das vizinhanças. Mas acrescentava que praticar a pobreza, sofrer humilhações e viver uma vida assim tão retirada entre oração e trabalho era uma prova muito forte para a vocação deles, e a maior parte não pôde continuar por longo tempo aquela experiência. Três dos quatro primeiros irmãos viviam em condições socialmente precárias, como era o Colégio interno do Michelerio, e a vocação deles não era como aquela bem firme de Jorge Medico e de João B. Cortona. O fato é que “no início, pouco compreendiam aqueles nossos bons irmãos. E alguns não compreenderam nunca a preciosidade da vida escondida”, e por isso se afastaram. “Mas aqueles que permaneceram fiéis, [parece

ouvir São João: “Mas aqueles que o receberam”], começaram aos poucos a gostar da beleza desta vida e a estimá-la mais do que tudo aquilo que o mundo lhes poderia dar”. Nestas palavras do Pe. Cortona há um fato que impressiona: É a forte repercussão que o ensinamento do sacerdote José Marelllo fazia nos primeiros irmãos, numa repercussão causada pela força das suas convicções e pelo exemplo da sua vida. Com ele ninguém podia ficar neutro: ou aceitava e se tornava santo, ou a pessoa simplesmente se retirava daquele modo de vida. Ele tinha o dom de ler os corações e algumas testemunhas afirmaram nos processos que se sentiam conquistados pela sua pessoa. O Pe. Lourenço Franco afirma que quando ele comparecia em Santa Chiara, vindo do Seminário ou da Cúria, o grupo dos garotos parava imediatamente para cumprimentá-lo e reverenciá-lo. Depois diz que ele costumava olhar para a porta do seu quarto, mesmo quando ele não estava presente, tamanha era a força espiritual que provinha da sua pessoa. Quando Dom Marelllo visitou o Castelo de Frinco, em 1894, o próprio Pe. Lourenço que então era noviço, lembrou: “Em Frinco, enquanto o servo de Deus fazia o agradecimento da missa no presbitério, eu não pude fazer nada mais do que contemplá-lo quase estático, pois ele tinha algo de angélico, mais do que humano” [SSV, 897 s]. O mesmo acontecia quando os Irmãos iam a Strevi para passar alguns dias de férias com ele: [ele] “se entretinha com eles com muita benevolência, e quando lhes falava parecia que o escutassem quase encantados pela sua presença e pelas suas palavras”. [testemunho do servo Félix Balostro, SIC, 808]. O Pe. Serafim, um homem muito simples e bom, afirmou que tinha um pouco de medo de ir a Strevi, pois sabia que Dom Marelllo lia os corações. Tudo isto indica o quanto era forte a impressão da

sua presença, que se impunha com as suas virtudes, sobretudo com a piedade e a amabilidade para com todos.

5. Talvez isto não seja suficiente para explicar como a Congregação sem a presença contínua do Fundador, pôde sobreviver e desenvolver-se ao lado de outras Congregações que tiveram a vantagem da presença do Fundador por tempo integral e por muitos anos depois da fundação. A respeito disso eu gostaria de insistir ainda um pouco, porque a reflexão pode ser de instrução também para nós. Foi a grande confiança em São José que ajudou a resolver vários problemas, como quando Dom Marelllo escreveu: “São José nos ensine um modo de cuidar dos nossos alunos, o melhor seja ele mesmo a sua Guarda”. Ou então: “Se São José não fizesse graças, não seria mais São José”. É preciso recorrer à vida de Santa Teresa para encontrar exemplos de confiança assim tão fortes na proteção de São José. Dom Marelllo chegou ao ponto de dizer: “São José colocou-nos nas dificuldades, e São José nos tirará delas”; e ainda : “Mas São José vai existir mesmo depois de mim”, como para dizer que ele poderia também ficar de lado se essa fosse a vontade de Deus e que a Congregação não teria sofrido nada com isso, pois ela era confiada aos cuidados seguros de São José, “lugar de refúgio muito certo em *tribulationibus et angustiis* - nas tribulações e nas angustias”. É possível seguir até historicamente a verdade desta característica “Josefina” que sempre se revelou rica de graça e bênçãos sobre a Congregação. Recordamos aqui o que aconteceu logo depois da morte do Fundador em 1895. A Congregação havia perdido o Pai num momento muito delicado, que poderia prejudicar a sua própria existência. Os testemunhos lembram que quando o Padre Cortona leu o telegrama que anunciava a morte repentina do

Fundador em Savona, ele caiu no chão na sacristia da Igreja de Santa Chiara desmaiado. Naquele momento a Congregação ficava sem guia, a guia do Padre Fundador, e ficava exposta humanamente a uma morte certa. Mas Dom Marello que não tinha podido estar perto dos seus Oblatos durante a vida, nunca esteve tão perto deles como naqueles momentos. No dia seguinte à morte do Fundador, o Pe. Enrico Carandino conta que foi até a casa do Bispo de Asti, Dom José Ronco, e o encontrou totalmente mudado: “Pobres Josefinos, o vosso Pai morreu, e agora quem será Pai para vós? Se vocês quiserem eu me tornarei o vosso pai”. O Pe. Carandino comenta que este foi o primeiro milagre que fez o Fundador depois da sua morte. Na questão com a Pequena Casa da Divina Providência do Cottolengo de Turim, que aconteceu por vários anos com a nossa Congregação, esta, embora sendo a principal interessada, não se movimentou. Mexeram-se o Bispo de Asti e o novo Bispo de Ácqui, Dom Balestra, e mexeram-se sobretudo o Vigário-Geral de Asti, Dom José Gamba, e o Vigário-Geral de Ácqui, Dom José Pagella. Os Oblatos limitaram-se a rezar segundo os ensinamentos do próprio Fundador, e tudo se resolveu em favor deles. Mas não basta. Terminada esta grande tempestade sobre a Congregação, a Providência mandou para Asti um Bispo sábio e capaz, Dom Jacinto Arcangeli, de 65 anos, que começou a amar a Congregação até conduzi-la à aprovação Diocesana em 1901 e a aprovação pontifícia em 1909 [ele morreu dois meses, antes de ter visto o Decreto de Aprovação]. Perguntemo-nos agora: Teria sido possível tudo isto sem um Fundador Santo e sem as orações dos primeiros Oblatos, que com o seu exemplo e a sua operosidade conseguiram a benevolência das autoridades e tantas graças de Deus? É uma grande lição para nós que depois de um século somos chamados a ressuscitar aquele espírito

primordial de fé, de piedade, de amor à Congregação, trabalhando na humildade e na operosidade, na imitação de São José e seguindo o exemplo do Bem-aventurado José Marello.

6. A esta altura é bom vermos juntos quais são os aspectos mais importantes da espiritualidade marelliana, que é muito rica de perspectiva para nós que nos aproximamos do ano 2000. O Pe. Cortona resumia os ensinamentos do Fundador em dois pensamentos, que são como o compêndio da espiritualidade marelliana para a Congregação. **O primeiro pensamento é este:** “*Sede cartuxos em casa e apóstolos fora de casa*”. Esta era a sentença repetida com tanta insistência pelo nosso bom Pai e com muita razão, pois quando nós fazemos a profissão de imitar São José, entende-se implicitamente que fazemos também em profissão de cuidar da vida interior, que é o que mais se admira em São José. Trata-se aqui do ensinamento do escondimento com Cristo em Deus, e da operosidade corajosa no apostolado, ponto sobre os quais devemos retornar. **O segundo pensamento** parte também ele da espiritualidade de São José e pode ser enunciado desta maneira: “*Cada dia [Dom Marello] exortava os irmãos para se abandonarem como São José, nas mãos de Deus, fazendo a cada dia aquilo que a Divina Providência dispunha*. Esta era a máxima que ele repetia a cada instante. Cada dia ... cada momento... repetia estes dois ensinamentos. E nós podemos encontrá-los com facilidade em todos os seus escritos, como os seguintes: “Uniformidade total a vontade de Deus: eis o grande meio para nos aprofundarmos no caminho da perfeição” [L. 52]; “Fé inabalável na Providência, mas uma fé única e destituída de qualquer preocupação humana”. [L. 76]. Lemos ainda um pensamento que confirma mais uma vez tudo isso: “Este caminho de união com Deus é aquele que Jesus quer

de nós, quando nos diz: qui manet in me; - aquele que permanece em mim...; é a vida sobrenatural por meio da fé, da esperança e da caridade e por meio desta vida, Jesus nos comunica o seu Espírito; por isso podemos dizer com São Paulo: Não sou mais eu que vivo, mas é Jesus que vive em mim, e por isso não estamos sozinhos no trabalho, mas trabalha conosco Jesus Cristo, e por isso cada um nota quanta eficácia adquire as obras de apostolado. Esta vida de recolhimento nos torna cada vez mais presentes a nós mesmos e nos ajuda a refletir sobre os nossos pensamentos e nos deixa prontos para expulsar aqueles que podem incomodar as nossas almas, nos ajuda a colocar em prática, aquela frase: “age quod agis” - “faça bem aquilo que você estiver fazendo” - e nos ajuda a estar sempre presentes nas coisas que estamos fazendo com atenção, cuida do nosso coração para afastar os afetos que não são de Deus e coloca um freio à nossa concupiscência e uma guarda a nossa língua” [Pe. Cortona, cf. IX].

7. Como conclusão podemos dizer que o Bem-aventurado José Marelo possuía uma santidade extraordinária numa personalidade extraordinária, mas isto não aparecia de imediato, pois era envolvido numa ordinariedade que tinha algo de incrível. Era uma santidade rica de fé e de humildade, que tinha a coragem de dizer aos seus filhos: “Obedeçam sempre, antes de tudo, para serem coerentes com os nossos princípios e prestar contas somente com a Divina Providência e depois para obedecer, mesmo com sacrifício, à vontade do Bispo, a qual está nas mãos de Deus e pode servir como meio para conseguir vantagens, ainda maiores do que os problemas que poderíamos evitar. Por nossa parte, demos sempre peso maior na balança para o lado da autoridade, e podemos ter a certeza que Deus,

Autoridade Suprema, de mil modos e em coisas de ordem bem mais alta, fará com que a mesma balança, sem que outros percebam e mesmo contra a vontade deles, penda sempre para o nosso lado” [23 de janeiro de 1892]. Ele escrevia isto, quando se tratava de aceitar o economato espiritual da Paróquia de Castelvero durante o inverno e no meio de inúmeras dificuldades. E foi uma profecia que aconteceu ao pé da letra, quando o Bispo Ronco, pode dizer: “Os Oblatos de São José... livres para agir de acordo com o espírito do próprio Instituto, sempre cheios de operosidade, não só cuidam da instrução e da moralidade dos internos, mas prestam preciosos serviços a Diocese, sempre prontos a substituir o clero no cuidado das paróquias, na pregação, no catecismo, em qualquer coisa que o Bispo Diocesano lhes peça; assim o Bispo se sente tranqüilo e vê nisto um dos sinais especiais da Divina Providência, com que Deus Bendito vem em socorro das necessidades das suas criaturas: aí floresce um espírito excelente que aparecendo em todas as coisas, faz com que os bons aumentem de número” [18 de março de 1897].

8. Como vemos, a Congregação era verdadeiramente como uma casa fundada sobre a rocha, que não podia desabar pelo soprar dos ventos ou pelo rugir das ondas do mar. E será assim também no futuro, se e até que a Congregação, souber manter-se fiel a estes santos princípios. Nos devemos comparar sempre com o pensamento e com os exemplos do Fundador, para permanecer no seu espírito e fazer prosperar a Congregação. Ela de fato vai adiante somente se souber manter-se fiel ao Fundador, isto é, se olhar constantemente para São José e souber inspirar-se nele em tudo. O Bem-aventurado José Marelo escrevia no dia 04 de abril de 1892: “Entristece-nos o fato que vários Irmãos tenham

deixado secar os rebentos desta virtude [falava da obediência] que São José queria que estivesse bem fundamentada nos corações deles. Lamentamos o destino deles e aproveitemos para fazer disso uma meditação para nós”. São José, sempre São José: é Ele o guia da Congregação com a sua presença ao nosso lado, uma presença que o Bem-aventurado José Marelllo, sentia quase física, como quando ele dizia: “Diremos então ao nosso Grande Patriarca, eis nos aqui todos para ti, e tu sê tudo para nós. Tu indica-nos o caminho, guia-nos a cada passo, conduze-nos aonde a Divina Providência quer que cheguemos. Seja longo ou curto o caminho, fácil ou difícil, veja-se ou não com olhos humanos a meta, depressa, ou devagar, contigo nós temos a certeza de caminhar sempre bem” [08 de março de 1891].

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

VIII - A ESPIRITUALIDADE DA CONGREGAÇÃO.

1 - A força da espiritualidade marelliana foi tal que permitiu à Congregação de crescer mesmo em meio a tantas dificuldades: quais?

2 - O seu segredo? Os aspectos relevantes da espiritualidade marelliana? (a santificação das ações ordinárias - a confiança sem limites em São José).

3 - É fácil este tipo de espiritualidade para nós hoje?

Capítulo IX.

A ÍCONE DE SÃO JOSÉ

*"Recomendemo-nos ao glorioso S. José,
guia e mestre da vida espiritual,
modelo sublime de vida interior"*

1 - A devoção a S. José, própria da nossa Congregação, é mais do que um simples ato de devoção. Hoje deveríamos chamá-la mais propriamente de espiritualidade. Nos tempos do bem-aventurado José Marelló era este o significado mais exato. Já S. Francisco de Sales com a palavra "devoção" queria significar antes de mais nada o fervor da vida espiritual. "A verdadeira devoção, o Filotéia, almeja antes de tudo o amor de Deus, não um amor medíocre. Você deve saber que o amor divino, no sentido de embelezamento das nossas almas, chama-se graça, porque nos torna agradáveis à Divina Majestade; chama-se caridade, no sentido de transmitir-nos a força de realizar o bem; mas quando chega a tamanho grau de perfeição que nos ajuda a fazer o bem com diligência, assiduidade e prontidão, então chama-se devoção" (Filotéia, P.I., c.1).

Da mesma forma se expressa o Pe. Grou, S.J. (1731-1803): "A verdadeira e sólida devoção é portanto uma disposição do coração, graças à qual nos sentimos totalmente prontos para a ação e para o sofrimento, conforme a vontade de Deus, sem exceções. Esta disposição é um dos mais preciosos dons do Espírito Santo; dom este que devemos pedir com frequência e com ardor, sem pretendermos de já o possuímos em alto grau, pois a devoção é sempre suscetível de aumento, seja em si mesmo seja nos seus efeitos" (Per la vita intima dell'anima, c.1). Como podemos observar, é preciso superar a dificuldade dos termos ou da linguagem quando nos envolvemos com autores dos últimos séculos. O mesmo pode acontecer quando lemos os pensamentos do nosso Fundador, que viveu na segunda metade do século XIX. Na sua época a palavra "devoção" significava aquilo que nós hoje preferimos chamar de "espiritualidade". A devoção, ou espiritualidade, supunha um grande amor, uma verdadeira entrega de si mesmo a Deus, sob o influxo do Espírito

Santo, num crescimento constante em generosidade, a qual ajuda a realizar as atividades com diligência e prontidão sempre maiores, dispostos a agir e a sofrer tudo por amor de Deus.

2 - Se nós compreendêssemos a devoção como um movimento superficial, distinto da autêntica espiritualidade, aí então o nosso ser Oblatos de S. José seria algo de marginal em comparação com a verdadeira espiritualidade; seria um rótulo que nos distinguiria mas não nos qualificaria. Tal devoção poderia servir, no máximo, para rezar com determinadas fórmulas josefinas, ou poderia ter valor em determinados momentos de exterioridade, na frente do povo, mas não se tomaria uma estrutura significativa da nossa vida espiritual. Ao contrário, uma boa espiritualidade supõe uma profunda reorganização da vida toda, uma orientação específica e qualificada da nossa vida cristã, uma maneira válida de penetrar no mistério de Cristo. Uma boa espiritualidade consegue até dar vitalidade ao nosso apostolado, porque é um modo de nos colocarmos perante Deus e perante os irmãos. Ela é um compromisso global que nos torna capazes de ser reconhecidos e diferentes, exatamente por causa de algumas escolhas que transformam totalmente a nossa pessoa como cristãos e como religiosos. Tal espiritualidade é sem dúvida um conjunto de símbolos, de valores, de instituições, de leis, de atividades, de métodos de trabalho, de costumes; mas de maneira tal que entrosam a pessoa no seu habitat e a identificam, como devemos ser identificados nós na Congregação dos Oblatos de S. José.

3 - É claro que para poder afirmar isto de nós Oblatos, é preciso antes de mais nada compreender bem a devoção (ou espiritualidade) de São José, pois ela deve ajudar-nos a elevar a

Deus os nossos atos e a nossa vontade. Para compreender melhor, vamos utilizar o pensamento de São Luís Maria Grignon de Montfort, que soube unir tão bem a devoção a Maria Santíssima com a devoção a Jesus Cristo, e apliquemos o seu pensamento também à devoção a São José. "Como toda a nossa perfeição consiste na conformidade, na união e na consagração a Jesus Cristo, a mais perfeita de todas as devoções é sem dúvida aquela que nos conforma, nos une e nos consagra a Jesus Cristo mais perfeitamente. Ora, sendo Maria de todas as criaturas a mais conforme a Jesus Cristo, em consequência, entre todas as devoções, aquela que consagra e une mais uma alma a Nosso Senhor é a devoção à Virgem Santíssima, sua santa Mãe. E quanto mais uma alma se consagra a Maria, mais ela se consagra a Jesus Cristo. Por isso a perfeita consagração a Jesus Cristo nada mais é do que uma perfeita e total consagração de si mesmo à Santíssima Virgem" (Trattato della vera devozione, c. IV). Na linguagem de hoje, podemos dizer que as devoções a Maria Santíssima e a São José são dois ícones que celebram o mistério de Cristo, sob a égide Mariana e Josefina. Nós queremos atingir e viver o mistério de Cristo através da espiritualidade de S. José, como afirmam as Constituições da Congregação no artigo 3: "Fiéis ao carisma do Fundador, os Oblatos de S. José são convidados a reproduzir na própria vida e no apostolado o mistério cristão como o viveu S. José (eis o ícone), na união com Deus, na humildade, no escondimento, na laboriosidade, na dedicação aos interesses de Jesus".

4 - Uma vez esclarecido este ponto, é mais fácil aprofundar os ensinamentos e os exemplos do Bem-aventurado José Marelló, o qual soube fazer da sua vida um serviço permanente a Jesus e à Igreja. Todas as devoções que praticava eram para ele caminhos

para atingir esses objetivos. Ele mantinha a figura de Jesus com o coração ferido e do seu santo Nome na igreja do "Michelerio", que era dedicada ao Nome de Jesus e, em consequência, ao Sagrado Coração, porque naquele tempo celebrava-se no mês de janeiro tanto a festa do Nome, como o mês do Coração de Jesus. A estas devoções cristológicas ele juntava a de Jesus Crucificado e da sua Paixão; mas todos estes títulos ele os concentrava na Eucaristia, que para ele era o êxtase da oração, como afirmam muitos testemunhos. Para provar esta afirmação, escolhemos do processo sobre as virtudes do Fundador alguns testemunhos do Padre Luís Garberoglio: "A Eucaristia o atraía e o fazia concentrar tanto que alguém dizia: parece que vejo Nosso Senhor. Era exato e preciso na celebração (da Missa), fazia tudo com perfeição e com devoção, mas evitando que a sua fé viva na presença eucarística não o levasse a fazer atos exteriores que chamassem a atenção" (SSV, 806). "Rezava muito, e nós o víamos diariamente no coro da nossa igreja na frente do altar do Santíssimo, especialmente no agradecimento da Santa Missa" (SIC, 663). "Grande devoto do Santíssimo Sacramento do altar, quando chegava a hora da comunhão na Missa ele se concentrava profundamente no Deus feito homem que estava prestes a receber e parecia que enriquecesse o espírito com aquele alimento celeste. O nosso confrade Pe. Pedro Bianco afirmava de o ter visto naqueles momentos todo vermelho no rosto" (SSV, 821). Este amor a Jesus Eucarístico manifestava-se nas suas exortações à comunhão freqüente, que naquele tempo ainda não era muito comum, e exprimia-se em palavras como estas: "Durante a consagração na Missa fazemos a oferta das nossas santas intenções e das nossas boas resoluções em união com a oferta da Vítima Divina, e no momento da Santa Comunhão, quando temos malmente Jesus dentro de nós,

formulemos uma santa união dos nossos corações para oferecê-los a Jesus todos juntos num só coração. Jesus será sempre o nosso doce repouso, o nosso querido recanto" (S., p. 337).

5 - Para o Bem-aventurado José Marelló, a figura de Maria era um caminho seguro para chegar a Jesus. "Vamos a Maria por meio de Jesus - costumava ele repetir - e a Jesus por meio de Maria: é este o caminho que devemos trilhar para chegar diretamente ao Céu" (S., p. 220). Todos nós conhecemos a sua grande devoção a Maria Santíssima, que ele praticou com verdadeiro amor filial, considerando-a a Mãe da sua vocação, do seu sacerdócio e depois do seu episcopado. Poderíamos acrescentar que a devoção a S. José era para ele uma conseqüência do seu grande amor a Maria; portanto esta também devia conduzir ao mesmo fim, o de amar e servir aos interesses de Jesus. Neste sentido ele dizia: "Recomendemo-nos ao glorioso São José, guia e mestre da vida espiritual, modelo sublime de vida interior e escondida. Na sua vida familiar ele também se encontrou nas mesmas circunstâncias nossas: imitemo-lo na prática daquelas virtudes humildes e escondidas que agradam muito a Deus e ajudam muito a alma a progredir e a santificar-se" (S., p. 226). Como podemos ver, a devoção a São José devia conduzir à santidade, ou seja, à união com Deus, através da santificação das ações diárias e através do zelo nas atividades apostólicas. Desta maneira ele enunciava o "**pequeno caminho**" das virtudes simples que deveriam levar diretamente a Jesus, como foi a vida de Maria e de José, toda empregada em benefício do Filho de Deus Encarnado.

6 - Para pôr em prática o seu "**pequeno caminho**", Santa Teresinha do Menino Jesus escolheu a figura do Menino Jesus, muito

apropriada para quem vivia uma vida de pura contemplação. Se o Bem-aventurado Marelló escolheu a imitação de São José na prática das virtudes simples e escondidas, isto tem a sua razão, pois o seu olhar se ampliava sobre toda a Igreja, da qual São José tinha sido proclamado Padroeiro no dia 8 de dezembro de 1870. Assim ele se preocupava com as necessidades da Igreja e podia invocar S. José desta maneira: "Tu, ó José, que depois da Bendita Virgem foste o primeiro a abraçar Jesus Redentor, sê o modelo em nosso ministério, que como o teu, é ministério de relação íntima com o Verbo Divino" (S., p. 106). O serviço à Igreja era visto com o olhar de S. José, do mesmo modo como S. José atendia a Jesus neste mundo. Era uma visão eclesial elevada, onde S. José, como Padroeiro universal da Igreja, se tornava Pai de quem quisesse dedicar as próprias forças para a difusão do Reino de Deus. Ainda com maior clareza ele manifestava este pensamento em 1872, ao apresentar a Companhia de São José: "Cada qual tome as próprias inspirações do seu Modelo S. José, que foi na terra o primeiro a preocupar-se com os interesses de Jesus, ele que o guardou quando criança, o protegeu na infância e fez para ele a parte de pai nos primeiros trinta anos da sua vida aqui na terra" (S., p. 173). Desta forma a devoção a São José tomava-se um ponto de partida para a espiritualidade da Congregação e para o seu modo de servir a Igreja. A espiritualidade que nos foi proposta é o escondimento de S. José ("Que a vossa vida seja escondida com Cristo em Deus") e o abandono à Divina Providência (fazendo, dia após dia, aquilo que a Providência indica). Também o serviço à Igreja deve basear-se no serviço que S. José fazia a Jesus, trabalhando para ele na humildade, com laboriosidade e com muito amor.

7 - O que dissemos até agora retoma, sob o ponto de vista histórico, algumas idéias teológicas e sociológicas que tinham encontrado “terra fértil” nas realidades do século XIX, durante a vida do Bem-aventurado José Marelló. A história das devoções nos lembra que estas floresceram naquela época também por causa do jansenismo, o qual havia sufocado toda a forma de piedade misericordiosa e a prática dos sacramentos. Com as devoções o povo cristão se libertou das carestias de um cristianismo feito de temores e medos, para conseguir se abrir à bondade de Deus e à prática dos sacramentos, tendo também como consequência o florescimento das obras de misericórdia espirituais e corporais, aproximando assim Deus do povo e o povo de Deus. Em Turim Dom Bosco começava a reunir, em nome de Nossa Senhora Auxiliadora, os garotos perdidos e criava para eles o oratório salesiano. Em nome de S. José, Leonardo Murialdo dava início aos “pequenos operários” e começava na Itália um grande movimento social de cunho católico. E assim nós ouvimos também o nosso Fundador que lança o grito “Pobre juventude!” e abre em Santa Chiara um internato para que os garotos da população pobre possam estudar, abre um orfanato para os menores abandonados e entusiasma os seus Oblatos para se dedicarem à obra da catequese, com o ensino do catecismo quaresmal na igreja de Santa Chiara. Tudo sob a inspiração de São José, que ele invoca como “guardião” dos jovens que a nós são confiados.

8 - Antes de concluir, vem natural a pergunta: no fim do II milênio será ainda atual o discurso sobre uma espiritualidade que nasceu há mais de cem anos, num contexto eclesial e social muito distante do atual? É evidente que não é possível liquidar uma pergunta tão importante com um “sim” ou um “não”, sem dar

uma nossa resposta com motivações seguras e válidas. Os encontros destes dias servem para dar estas respostas e para aprofundar suas motivações fortes. Por enquanto digamos que o interrogar-nos hoje sobre a validade atual da espiritualidade de S. José, como nô-la apresentou o nosso Fundador, significa também perguntarmo-nos se para nós ela ainda tem aquele valor carismático que fez dela, até ontem, uma força viva de renovação e de difusão da Congregação nos quatro continentes, começando pelas Filipinas e pelo Brasil, até chegar às últimas aberturas missionárias que vocês conhecem. Sim, a nossa espiritualidade ainda está bem viva e válida, embora tenhamos que redefini-la e renová-la sempre, adaptando-a às situações de hoje, mas sem desvirtuá-la, porque é naquela mesma estrada que devemos continuar caminhando ainda no próximo milênio.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

IX - O ÍCONE DE SÃO JOSÉ

- 1 - Devoção a São José: etiqueta ou realidade?
- 2 - Espiritualidade Bíblica, centralizada sobre Jesus.
- 3 - Confronto com Santa Tereza do Menino Jesus.
- 4 - Como difundir a devoção a São José hoje.

Capítulo X

O ABANDONO EM DEUS

*“Caminharemos devagar se não pudermos correr,
e talvez nem andar a passo, mas ficaremos de pé.
Mas quando chegará a luz? Eis o segredo de Deus”.*

1 - O Pe. Cortona foi o Oblato que viveu mais perto do Fundador e recebeu da sua mão a responsabilidade da Obra quando ele foi para Ácqui. Depois da sua morte, ele escreveu nas “Breves Memórias”: “O nosso Pai Fundador não recebeu de imediato de Deus uma manifestação clara do tipo de ministérios nos quais se deveriam ocupar os seus filhos” (p. 24). Para nós que vivemos no século do eficientismo, uma frase destas pode causar desapontamento, como se o Fundador não soubesse bem o que desejasse fazer. Sem precisar repetir o que já vimos sobre as grandes linhas das finalidades apostólicas da Congregação, creio que a frase tenha outro significado espiritual, que devemos saber descobrir para poder entrar melhor no pensamento do Bem-aventurado José Marelló. É verdade que houve um progresso contínuo nas finalidades pastorais da Congregação, porém mais que de novas finalidades, é necessário falar de novas maneiras de realizar os projetos iniciais, que na sua essência nunca mudaram. O cuidado com as coisas de Deus na igreja e na liturgia responde ao primeiro projeto de ter irmãos como sacristães para cuidar das igrejas. A pastoral da juventude e a catequese, em todas as suas formas, traduzem o pensamento primordial que se manifestava nas primeiras escolas de catecismo, nos internatos e nos orfanatos, e mais tarde nos oratórios dominicais; enfim, o

cuidado pastoral de ajuda aos párocos, de acordo com as necessidades dos lugares e dos tempos, foram os pontos constantes sobre os quais o Bem-aventurado José Marelló nunca teve dúvidas; e foi neste sentido que ele sempre encaminhou os Oblatos, com os meios que a Providência lhe indicava dia a dia.

2 - Portanto, a observação do Pe. Cortona tem sentido se a relacionarmos não com a finalidade a ser atingida, mas com o caminho que se deveria percorrer, o qual permanece bem firme no pensamento do Fundador: buscar os interesses de Jesus na imitação de São José. A imitação de São José exigia caminhar na escuridão da fé, como acontece também conosco, se quisermos imitar o nosso Modelo. São José não foi um programador ideal; aliás, Deus lhe estragava sempre os poucos projetos que fazia, obrigando-o a caminhar por caminhos inexplorados. A liturgia da festa de São José compara-o com Abraão, o homem que acreditou contra qualquer esperança, que obedeceu contra qualquer evidência, que se deixou guiar sem conhecer antes os planos de Deus, fiel exclusivamente àquela grande promessa: farei de ti um grande povo. Muitos santos fundadores caminharam pelos caminhos obscuros de Abraão e de José. Basta lembrar aqui de S. Gaspar Bertoni, Fundador dos Estigmatinos, o qual, 25 anos depois da sua fundação, a quem lhe pedia de esclarecer as finalidades, respondia: “Nós fazemos a nossa parte, de acordo com a graça que Deus nos dá: Deus certamente fará a sua parte e não me preocupo de saber o que ele quer de mim. Tranqüilizo-me acreditando firmemente que Deus pode fazer tudo aquilo que quer e faz sempre o que é melhor apesar de ser muito diferente da nossa pequena visão”; e ainda: “Se Deus deixou claro o objeto da sua glória, com o passar do tempo deixará claro também o modo e o quando”. O Bem-aventurado

José Marelló é mestre neste abandono total à vontade de Deus. Ele escrevia de Ácqüi em 1892: “Por mais que a nossa inteligência seja capaz de especificar as coisas boas, ela se encontra sempre a uma distância infinita daquela Inteligência que sozinha pode especificá-las de modo absoluto. Compete ao homem discernir o bem; a Deus, discernir o bem maior, ou seja, o verdadeiro bem. Assim, ao desejar o bem, os Santos subordinavam sempre o próprio juízo ao juízo daquele que, embora dando-nos o mérito dos bons desejos, quer que os troquemos em outros relativamente melhores” (L. 244).

3 - Para nos subordinarmos em tudo à vontade de Deus, precisamos saber repetir sempre o nosso “fiat” em tudo aquilo que Deus determina a nosso respeito. É por meio deste “fiat”, como aquele de Maria e o “Sim” de José, que se manifestam as grandes obras de Deus, mais do que com os nossos projetos humanos. “Alegremo-nos, portanto escrevia ele sempre de Ácqüi, pois não acabaram as contradições e não faltam os adversários que nos ajudam a crescer na confiança em Deus. Nós sabemos por experiência que, no tempo oportuno, desaparecem as dificuldades, muda o coração de quem as criava e a obra de Deus caminha rodeada de novos favores” (L. 253). Encontramos aqui uma explicação muito profunda e alta daquilo que nós às vezes consideramos insegurança na maneira de proceder por parte do nosso Fundador. Ele vai sempre adiante, mas iluminado por uma luz diferente daquela das considerações humanas, a luz de uma fé profundamente viva, como Abraão, como José. As escuridões da fé (pois a fé é clara e obscura ao mesmo tempo) para ele eram causadas por muitas fontes, entre as quais as principais foram: as dificuldades dos tempos que eram contrários à Igreja e às Ordens Religiosas; as dificuldades por parte de Dom José Ronco, o

bispo sucessor de Dom C. Savio; dificuldades também quando teve que deixar sozinho os primeiros Oblatos e transferir-se para Ácqüi; e finalmente dificuldades pela questão da Pequena Casa da Divina Providência de Turim (Cottolengo). Em todas essas dificuldades ele não soube apenas obedecer e fazer a vontade de Deus, mas soube ver nela o melhor bem para si e para a Congregação, transformando as provas em caminhos de luz, como de fato sempre se revelaram. É difícil poder agora demonstrá-lo em poucas palavras, pois seria necessário conhecer bem os fatos, mas tentarei dizer alguma coisa a respeito de cada uma destas provações pelas quais passou o nosso Fundador. Elas demonstram um dos pontos fundamentais da nossa espiritualidade, que nós com facilidade esquecemos ou desvalorizamos, enquanto o Fundador o repetia com frequência: “Como S. José, vivamos cada dia segundo as disposições da Providência, fazendo aquilo que ela nos sugerir” (Br. Mem., p. 28). Ou então: “Uniformidade completa com a vontade de Deus: eis o grande meio para avançar no caminho da perfeição” (L. 52).

4 - As dificuldades no começo e no desenvolvimento da Congregação não constituem um fato isolado, mas faziam parte do clima anti-religioso do século XIX, quando todas as ordens religiosas foram suprimidas na Itália e, portanto, se tornara difícil pensar na abertura de novas congregações religiosas, sobretudo masculinas. A idéia de retornar em Asti a vida religiosa foi a primeira conclusão a que o Pe. Marelló chegou, depois que o seu bispo Dom Sávio o dissuadiu de se recluser no mosteiro Trapista de “Tre Fontane” em Roma. Assim diz o Pe. Cortona: “Desde o princípio ele tinha bem clara esta idéia e insistiu nela enquanto viveu” (Br. Mem.). É claro que uma idéia

assim, se por um lado constituía um desafio à mentalidade anticlerical daquele tempo, por outro lado não se podia realizar em oposição às leis que ainda vigoravam na época. Era preciso encontrar novas formas que salvassem o essencial, sem todavia usar fórmulas oficiais. Encontramos o essencial nesta pergunta do sacerdote Marelló: “Será que o amor pelas riquezas, pelos prazeres, pela liberdade obscureceu de tal maneira as máximas do Evangelho ao ponto que ninguém mais queira tornar-se discípulo do divino Mestre? Deveremos concordar com o espírito do mundo e admitir que os religiosos são coisa do passado? Não, os conselhos evangélicos devem ser praticados por um certo número de cristãos em todos os tempos, senão Jesus Cristo teria falado em vão” (L. 94). É bem clara, exata e até corajosa e provocante esta afirmação; e motiva o Marelló para abrir a “Casa de São José, onde retirando-se com o intuito de ali ficar ativo no escondimento e no silêncio, na imitação daquele grande modelo de vida pobre e escondida, encontrará o modo de se tornar verdadeiro discípulo de Jesus Cristo” (L. 95). Esta é a essência; ora, quais são os modos? Por enquanto são muito vagos e enfumacados: começa-se aos poucos, com os irmãos sem votos religiosos, para que assim não aparecesse uma instituição oficial que criasse problemas com as autoridades. Da mesma maneira havia feito Dom Bosco alguns anos antes com a fundação da Congregação Salesiana em Turim. Não existiam votos, mas havia a prática perfeita dos conselhos evangélicos. Para usar a expressão de um dos primeiros irmãos: “Não fazíamos o voto de pobreza, mas o praticávamos” (Irmão Filipe). A partir deste primeiro núcleo, tão humilde, desenvolveu-se aos poucos a grande árvore da Congregação. Já ao nascer, esta árvore teve necessidade de um ninho preparado, o orfanato do Michelerio. Não era um mosteiro clássico, apostrofado pelos

filhos da Revolução Francesa como ninho de parasitas e de latifundiários, mas se tratava de uma nova figura de religiosos, nascidos para ir ao encontro das necessidades dos novos tempos, e por isso aceitos - ou ao menos não hostilizados - pelo governo e benquistos pelo povo simples. Depois do Michelerio, veio o asilo de “Santa Chiara” que, por assim dizer, “escondeu” aqueles primeiros irmãos e os livrou das perseguições. De fato, a quem comentava que havia um pouco de confusão na casa de Santa Chiara por causa das muitas “famílias” que ali moravam, o Pe. Marelló costumava responder: “A casa nasceu assim e deve permanecer assim. E verã que o asilo vai ser a defesa das outras obras perante as autoridades civis” (SSV, 837). Também Dom Bosco havia começado com uma obra de assistência à juventude antes de fundar a sua Congregação, que depois foi aprovada até pelo ministro Rattazzi, aquele que tinha feito as leis contra a Igreja e as Ordens Religiosas. E crescia no povo a estima pelo Marelló, pois tinham perante os olhos os prodígios de caridade e de fé ativa que iam acontecendo na casa de Santa Chiara; por isso o povo o ajudava também materialmente na manutenção de todos os habitantes da casa. Assim cresceu a Congregação, com a insegurança dos tempos mas forte de segurança espiritual alimentada pelos ensinamentos do Fundador. De fato, Deus guiava a sua mão mesmo em meio às mesquinhas dos poderosos, pois era um homem que acreditava e confiava na Providência.

5 - O Marelló encontrou um outro gênero de dificuldades no novo bispo Dom José Ronco, que tinha sucedido a Dom Savio: este tinha sido um verdadeiro pai para o Fundador e ao morrer havia deixado por testamento o seu patrimônio à Congregação, na pessoa do próprio Fundador. Dom Ronco tinha chegado a Asti

precavido contra Dom Savio e contra o seu Vigário, Mons. Sossi, que há vinte anos tinha nas mãos as rédeas da diocese. Monsenhor Sossi foi colocado de lado, mas com ele foram destituídos os que o apoiavam o primeiro dos quais era o Cônego João B. Cerruti, diretor do Michelerio. Os “irmãos de São. José” eram conhecidos em Asti como os “Fradinhos do Con. Cerruti”, por isso Dom Ronco os desprezava. Assim aconteceu que quando o Cônego Marelo lhe apresentou o relatório sobre a Congregação pedindo-lhe que o examinasse, depois de vários dias ele lhe respondeu: o seu relatório está ali em cima da mesa, não o li, se quiser pode leva-lo. Dom Ronco pensava que o Chanceler Marelo fosse enviado pelo Con. Cerruti e por isso não se interessou pelo assunto. Ele tinha, porém, uma grande estima do Marelo, o qual, com virtude e paciência, soube esperar; até que um dia o bispo, notando que com freqüência os irmãos iam ao escritório do Chanceler Marelo, perguntou ao irmão João Medico: “Diga-me lá, quem é o seu Superior? É o con. Cerruti ou é o con. Marelo?”. A resposta do primeiro irmão da Congregação foi esclarecedora: “O nosso primeiro Superior é vossa excelência, depois vem o Con. Marelo”. E o bispo: “Ah, assim eu pensava, assim eu pensava...”. Desta maneira Dom Ronco se tornou mais benévolo com os irmãos, embora o seu caráter duro, junto com um pouco de timidez, o deixará ainda duvidoso ao enfrentar as grandes questões de que falaremos mais abaixo... O caso mais difícil aconteceu no inverno de 1892. No mês de janeiro, enquanto havia em Asti uma forte gripe que deixava alguns Irmãos acamados e outros duplamente ocupados, Dom Ronco deu ao Pe. Cortona uma ordem de enviar à paróquia de Castelvero um sacerdote, com o título de ecônomo espiritual. O Pe. Cortona então escreveu a Dom Marelo manifestando-lhe a desilusão sua e da comunidade e pedindo-lhe orientações. O que

fez Dom Marelo? Respondeu com firmeza dizendo que é preciso obedecer a qualquer custo: “Custe o que custar, mas é preciso aceitar o economato de Castelvero. Em primeiro lugar para sermos coerentes com os nosso princípios e fazer sempre as contas unicamente com a Providência, e depois para obedecer a vontade do bispo, embora custe sacrifício, pois ela vem das mãos de Deus e pode servir como meio para conseguir vantagens muito maiores do que o prejuízo que se gostaria de evitar. De nossa parte devemos sempre fazer pender a balança para o lado da Autoridade e podemos esperar que Deus, Autoridade Máxima, de mil modos e em coisas de valor mais elevado, fará pender a mesma balança em favor da nossa causa, sem que os outros o percebam e às vezes até apesar deles. Intellexísti?” (L. 225). Aquele “entendeu bem?” final não deixava espaço para dúvidas e a ordem foi cumprida. E as palavras de Dom Marelo foram verdadeiramente proféticas, pois o que elas dizem aconteceu ao pé da letra logo depois da morte do Fundador, em 1895. Desde então Dom Ronco se tomou um verdadeiro Pai para a Congregação e pôde afirmar: “Eles me obedeceram sempre e eu tenho o dever de protegê-los. Daqui em diante eu serei o vosso Pai, isso os deixa contentes?” E é preciso ainda acrescentar uma coisa: a obediência às ordens de Dom Ronco, mesmo difíceis, foram aquelas que colocaram a Congregação no caminho da ajuda aos párocos e do trabalho pastoral direto, às ordens dos bispos. Podemos dizer que foi uma linha imposta pelas circunstâncias, mas que o Fundador fez sua e a aceitou como expressão da vontade de Deus. Esta consideração é do Pe. Enrico Carandino, quarto sacerdote da Congregação: “Até àquele dia Dom Ronco tinha sido pouco favorável a nós. Quando chegou a tristíssima notícia da morte do Pai Fundador fomos atingidos como por um raio repentino e nos perguntávamos: sem

ele o que nos acontecerá? Mas Dom Ronco nos tranqüilizou. No início ele não era nem favorável e nem contrário. Foi um homem severo, metucioso, tenaz no seu direito, temeroso pela sua dignidade. Mas era também perfeito cumpridor da justiça. Enquanto isso os Oblatos cresciam cada dia mais. O bispo utilizava os seus serviços toda vez que deles precisava. Eles obedeciam com prontidão, com alegria, sem nunca apresentar desculpas. Os fiéis os recebiam felizes. A Divina Providência olhou com bondade para a causa deles. ... Nós caminhávamos com muita prudência até ao ano de 1895, décimo terceiro de episcopado de Dom Ronco. Por isso, com o anúncio da morte de Dom Marelllo, ele estava pronto para se declarar nosso pai. Assim ele nos acostumou a trabalhar com prudência, humildade, paciência, laboriosidade, resignação, confiando em Deus, e por fim, com grande amor deu acolhida à Congregação”. Desta maneira os primeiros Oblatos aprenderam a confiar sempre na Providência, a exemplo do Fundador, e para eles foi uma grande bênção.

6 - Os biógrafos de Dom Marelllo colocam em evidência a sua humildade quando lhe chegou de Roma a notícia da sua nomeação a bispo de Ácqui. Ele foi imediatamente a Turim para se encontrar com o Arcebispo metropolitano Cardeal Caetano Alimonda, ao qual ele expôs as suas dificuldades e pediu conselho. Angustiava-o sobretudo o pensamento da Congregação. Como poderia sobreviver sozinho sem a sua orientação? Depois de tantas dificuldades, quatro anos antes tinha conseguido libertar-se de seus compromissos no seminário para se transferir para a casa dos Oblatos. Agora devia deixá-los novamente, afastando-se para sempre deles para um trabalho que tomaria todo o seu tempo na Igreja de Ácqui. Como sempre, ele

obedeceu, embora tivesse o coração dilacerado, como podemos compreender pelas palavras pronunciadas no altar no dia 2 de fevereiro de 1889 pela manhã, pouco antes de ir a Roma para a ordenação episcopal. Ao comentar o evangelho da tempestade acalmada, ele disse: “No mar da vida, nós como os apóstolos no mar da Galiléia, viajamos em nosso barquinho frágil, sonhando sempre de chegar ao porto que é o céu. Mas infelizmente às vezes surge uma repentina e tremenda tempestade: tudo escurece ao nosso redor e o pobre barquinho da nossa alma, em meio a ventos revoltados, é agitado e jogado com veemência pelas águas ameaçadoras que parecem querer engoli-lo vertiginosamente. Tremendo e cheios de medo, aí nós recorremos a Jesus, dizendo-lhe como os apóstolos: salva-nos, senão perecemos. Mas ele poderia responder-nos: homens de pouca fé, porque tanto medo e tanta falta de confiança? De fato, uma vez que temos Jesus no barco, porque deveríamos temer? Todos sabemos muito bem quantas tempestades, grandes e pequenas, combateram a nossa alma desde a mais tenra idade, tempestades às quais sobrevivemos por mera misericórdia divina. E como teríamos conseguido resistir sozinhos àquelas ondas horrendas, vencer aqueles vendavais, se não fosse Jesus que, estando em nosso barquinho, estendeu a sua mão divina à qual obedeceram imediatamente os ventos e as tempestades? E porque deveria agora retirar-se aquela mão piedosa que tantas vezes nos livrou do naufrágio? Então porque ficar eu assim preocupado está manhã? Que a minha voz não pareça um lamento como o grito de São Pedro: salva-me, ó Senhor! Não, Jesus já deu a esta casa muitas provas de grande providência, de amor e especial predileção, demonstrando a cada um de nós e a toda a casa que aceita benignamente as nossas orações, e isso tudo não justifica qualquer dúvida no poder do seu braço no momento das nossas

necessidades... Assim eu hoje me lanço cheio de confiança naquele mar no qual me quis a vontade de Deus, mar bem mais vasto do que aquele em que eu navegava nesta santa casa, tranqüilo por estar sempre com vocês, singrando junto com vocês com maior modéstia o mar da vida. Mas Deus determinou diversamente, e eu confio que Jesus será o piloto do meu barco... Jesus quis agitar calmamente as águas nas quais calmamente navegávamos juntos e quis mandar-me para longe de vocês; mas Jesus, que é o vínculo suave de todos os corações, não deseja separar-nos; ao contrário, une os nossos corações cada vez com mais força. Com o corpo eu vos deixo, mas com o espírito e com o coração eu ficarei sempre em vosso meio” (Scr.,P. 336-337). Esta longa referência parece ter sido escrita hoje para nós. Nela o Fundador nos fala de confiança e nós deveríamos torná-la nossa em todos os acontecimentos da nossa vida. Pensem nisto: o sacerdote mais idoso era o Pe. Cortona, que na época tinha 34 anos e às suas mãos Dom Marelllo confiava a guia da Congregação. A provação era imensa; mas a sua fé era ainda maior e Deus abençoou a sua obediência e, por mérito seu, abençoou a Congregação.

7 - Todavia a maior prova que Dom Marelllo suportou na vida foi sem dúvida a questão com a Pequena Casa da Divina Providência de Turim (Cottolengo). É impossível resumir aqui os termos da questão e a este respeito indico o tratado indicado à parte. Agora vamos considerar apenas o modo como o Bem-aventurado Marelllo se comportou em todos aqueles casos, pois aí ele se demonstra mestre e modelo inatingível a qualquer um de nós. Se existe uma época da sua vida em que ele caminhou na escuridão, sem saber como sair dela, foi exatamente esta. E foi a época final da sua existência terrena, aquela que lhe custou a

perda da saúde e que o fez morrer antes do tempo. Como geralmente se acredita, não era apenas um problema de propriedade da Casa-Madre de Asti, pois a respeito disto o Marelllo estava pronto para ceder, contanto que a paz fosse salva. Tratava-se ao invés da existência da sua Congregação, da qual sistematicamente se duvidava durante os vários momentos das tratativas. Numa palavra, tratava-se de salvar a Congregação. Pois bem, no meio de todas aquelas provações, é possível encontrar as expressões mais lindas da sua conformidade com a vontade de Deus e da sua confiança, que no final tudo seria resolvido com equidade e justiça. Se nós ainda existimos, o devemos aos méritos daquele sacrifício. Ele havia dito: “A causa está nas mãos de São José, o qual saberá defender muito bem as razões da justiça” (SIC, 825). E ainda mais explicitamente havia profetizado: “Se a Pequena Casa recorrer à Santa Sé, não receberá nem mais um tostão. A vitória será nossa e total, e não seremos condenados a pagar nem um vintém” (Pe. Carandino). Tudo isto aconteceu depois da sua morte. Não nos resta senão admirar a paciência heróica do nosso Fundador, o seu amor imenso pela Congregação e a confiança que ele depositou em São José. Ele ofereceu a sua vida para salvar a Congregação e Deus, aceitando o seu sacrifício, deu-lhe o prêmio com infinitas bênçãos sobre nós. Também nós às vezes nos interrogamos: quando chegará a luz? Com frequência também nós caminhamos nas trevas; mas o Fundador nos diz como devemos nos comportar: com o olhar fixo em direção ao Oriente, isto é, ao Senhor que guia os nossos passos e não deixa faltar a ajuda necessária para as nossas necessidades.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

X - O ABANDONO EM DEUS

- 1 - O abandono no tipo de trabalho ministerial.
- 2 - Pessoas de fé o simples programadores?
- 3 - Como o Fundador, confiantes e serenos nas dificuldades.

Capítulo XI.

O ESPÍRITO DE ESCONDIMENTO

“A vossa vida esteja oculta com Cristo em Deus”.
[à imitação de São José]

1. A conversa sobre o abandono confiante entre os braços de Deus, num esforço de imitar São José em todas as circunstâncias da vida, refere-se a cada um de nós e vale também para a Congregação, que é chamada a “fazer dia-a-dia aquilo que a Providência indica”. É uma conversa aberta aos “sinais dos tempos”, conversa válida especialmente aos nos aproximarmos do terceiro milênio, quando todos nos sentimos projetados para um futuro incerto, um futuro ainda a ser construído, um futuro “no interior do qual se desenrola a história da salvação, que tem

o seu auge na plenitude do tempo da Encarnação e a sua meta no retorno glorioso do Filho de Deus no final dos tempos. ... Com a vinda de Cristo iniciam-se os últimos tempos, a última hora, inicia o tempo da Igreja que deve durar até a parusia”[TMA, 10]. A luz da Encarnação ilumina o tempo presente e o futuro, também da nossa Congregação, assim como iluminou a vida de São José; e é nesta luz que nós vamos construindo o nosso futuro. Este pensamento nos dá “uma esperança mais forte que qualquer medo e que qualquer dúvida”, porque é “a esperança que sustentou a fé” do nosso Pai Fundador e dos confrades que trabalharam antes de nós, “em tempos nos quais era difícil e perigoso acreditar e esperar, e que agora é premiada por uma renovada floritura vocacional”. São palavras parafraseadas de um recente documento [In verbo tuo, 1998] da Conferência Episcopal Européia e nós as fazemos nossas para significar que o abandono em Deus próprio do nosso Espírito Josefino é algo que enriquece e tem valor perene, é um pedaço da nossa história e uma condição para o nosso futuro.

2. Olhemos agora para um outro aspecto específico da nossa espiritualidade que é “a ocultação ou escondimento” de que falam as Constituições da Congregação [Art. 3] e tantos outros nossos documentos, a começar pelo Livro das Orações. Eu sei que vou penetrar num terreno delicado, onde é fácil o equívoco e a confusão; por isso vamos colocar logo uma certeza sobre o argumento identificando-o com o texto bíblico de São Paulo: “A vossa vida esteja oculta com Cristo em Deus”. Era bíblico o discurso sobre o abandono à vontade de Deus [Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado]”, e bíblico é o discurso sobre o escondimento. Talvez as dificuldades nasçam do fato que nos encontramos perante as assim chamadas virtudes negativas que

hoje não são muito apreciadas pela cultura religiosa, que prefere falar das virtudes positivas, como o amor e a alegria, esquecendo que estas são inseparáveis das primeiras, como a Páscoa é inseparável da Paixão e Morte de Nosso Senhor. O escondimento é um ingrediente essencial da Espiritualidade Marelliana. Para o Bem-aventurado José Marelllo, o escondimento era um fato extremamente positivo, como parece claro num testemunho do Pe. Cortona: “Eu sei que ele era um homem de muita oração, que começou a dedicar-se à vida interior desde quando foi eleito Secretário de Dom Carlo Savio, também por causa do exemplo desse santo bispo; e continuou sempre nesta sua vida interior até a morte. Eu posso confirmar que ele tinha o coração destacado de tudo” [SIC, 946]. O tempo em que ele viveu com Dom Carlo Savio foi também o tempo em que o Marelllo começou a pensar em entrar num Mosteiro Trapista, antes que a vontade de Deus o empurrasse para a fundação da Congregação. A Trapa permaneceu no seu coração por toda a vida, como nos confirma o Pe. Pedro Peloso: “Falava com prazer e com entusiasmo das visitas que ele fez antes de ser Bispo a várias cartuxas... e pelo modo com que falava, eu concluía que tais visitas tinham sido feitas por ele não tanto para descanso, mas porque tinha um grande desejo de aperfeiçoar-se no espírito interior”. [SIC, 137]. O espírito de escondimento [ou de recolhimento] era a consequência natural do seu desejo de vida interior. Na intenção de fundar a Congregação percebemos claramente o seu desejo de silêncio quando ele escreve: “Fazendo as obras de Deus em silêncio, sem confiar nos homens e nem em nós mesmos, mas cheios de esperança, com auxílio sobrenatural tudo se encaminhará para o melhor” [L. 95]. A palavra escondimento aparece pela primeira vez num esboço da Regra de 1877, quando o sacerdote Marelllo

fala da “Casa de São José, onde retirando-se com a finalidade de ali permanecer ocultamente e silenciosamente ativo...” a exemplo de São José poderá tornar-se “verdadeiro discípulo de Jesus Cristo” [L. 95]. Como podemos ver, o discurso sobre o escondimento está intimamente ligado à seqüela de Jesus Cristo na imitação de São José e é um discurso muito rico de conseqüências sobre o ponto de vista prático, porque o escondimento é apresentado no texto sob a forma de advérbio de qualidade, para dizer que deve qualificar a nossa atividade e portanto, também o nosso apostolado. “Dizia o Fundador aos primeiros irmãos: Felizes aqueles que entendem o valor da vida escondida! Esses certamente darão grande glória a Deus, porque uma alma que deseja a vida escondida ignorada pelo mundo, toda intencionada a servir a Deus e a procurar somente ele, certamente lhe dá a glória suprema. De fato, Jesus Cristo Sabedoria Eterna, veio a esta terra para glorificar o seu Eterno e Divino Pai. Passou quase toda a sua vida no escondimento, dando a vida pública somente aquele tempo que foi suficiente para propagar a sua doutrina e fundar a Igreja” [Pe. Cortona, Breves Memórias].

3. Neste texto o escondimento aparece como um componente da nossa Espiritualidade e como tal deve permanecer também para nós, onde quer que nos encontremos a trabalhar. Naturalmente não podia faltar o exemplo de São José que viveu no escondimento de Nazaré juntamente com Jesus e Maria. “Recomendemo-nos ao glorioso São José, guia e mestre da vida espiritual, modelo sublime de vida interior e oculta. Ele também se encontrou nas mesmas circunstâncias nossas na sua vida familiar: Imitemo-lo na prática daquelas virtudes comuns e ocultas que tanto agradam a Deus e tanto ajudam a alma a

progredir e a santificar-se” [Escritos pg. 226-227]. A vida familiar em Nazaré possuía, no pensamento do Bem-aventurado José Marelló, a característica do escondimento, mas esta “vida interior e oculta” não era algo passivo, porque se traduzia “na prática das virtudes comuns e ocultas”, ou seja, era profundamente ativa e espiritualmente rica. Falando de São José em Nazaré, o Papa Paulo VI disse: “São José é o modelo dos humildes que o cristianismo ergue a grandes destinos; São José é a prova de que para ser bons e autênticos seguidores de Jesus Cristo não são necessárias coisas grandes, mas se exigem apenas virtudes comuns, humanas, simples, mas verdadeiras e autênticas” [10 de março de 1969]. Este é “o caminho de São José”, acrescenta o Papa João Paulo II: ao longo deste caminho os Evangelhos não anotam nenhuma palavra falada por ele. Mas o silêncio de José possuía uma eloquência especial: graças a ele podemos ler plenamente a verdade contida no juízo que dele nos dá o Evangelho: “O justo” [Redemptoris Custus, 17]. O “caminho de São José” é, então o caminho do silêncio, mas de um silêncio ativo, feito de amor e entremeado de ações quotidianas simples e comuns. Pois bem, aqui acrescenta o Bem-aventurado José Marelló: “As virtudes ocultas, humildes e modestas, próprias de Maria e de José, adaptam-se muito bem à vida comum” [Escritos pg. 233]. Esta é uma outra preciosa vantagem da vida oculta: ela favorece a comunidade porque a pessoa humilde naturalmente põe em prática a caridade e se torna bondosa para com todos. Pelo contrário, a pessoa soberba na comunidade cria divisões e discórdias, porque não sabe adaptar-se ao pensamento dos outros, não sabe obedecer, não sabe amar. A vida oculta com Cristo em Deus, segundo ensinamento de São Paulo, torna-se fonte daquele “Espírito de Família” que nos é característico porque se inspira naquela vida

que conduzia na Família de Nazaré como nós dizemos numa oração nossa : “Ó! Senhor, conservai-nos no amor e na paz a exemplo da Família de Nazaré”. Ali tudo era simples, verdadeiro e autêntico, como deveriam ser as nossas relações recíprocas na comunidade e fora dela.

4. O Bem-aventurado José Marelló dizia que São José “foi o primeiro modelo da vida religiosa, pois ele tinha continuamente debaixo dos olhos aquele exemplo divino que o Pai Eterno, por sua misericórdia, nos quis mandar lá do céu” [Escritos pg. 133-134]. E aqui eu vejo o comentário muito interessante do famoso teólogo italiano Pe. Geraldo Cardaropoli, nesta passagem do Fundador: “segundo o meu parecer, trata-se de uma afirmação rica de conseqüências que devem ser aprofundadas, e não apenas no sentido moral, mas e também no sentido bíblico-teológico que deve fundamentar a espiritualidade da imitação de São José. De fato se a razão de ser da vida religiosa é uma opção total pelo Cristo, como afirmava João Paulo II no discurso de 26 de dezembro de 1993, ninguém viveu totalmente para Cristo, mais e melhor do que São José; mais e melhor do que São José, ninguém fez uma opção total por ele; ninguém amou Cristo, mais do que ele; ninguém serviu a Cristo melhor do que ele; ninguém se sacrificou por Cristo, mais do que ele. Eu sei muito bem que de forma ordinária apresentamos Maria como modelo de toda a vida consagrada; porém Maria deve ser considerada como uma pessoa única. São José ao contrário, permanece uma pessoa mais próxima, mais acessível, mais imitável. Uma vez que escolhemos São José como modelo da vida dos Oblatos, tudo mais é conseqüência disto; devemos estabelecer com Jesus e Maria as mesmas relações que com eles teve São José; devemos imitar as suas virtudes, e em primeiro lugar a

humildade, o espírito de serviço, a disponibilidade para fazer sempre e em todo o lugar a vontade de Deus” [Marellianum, 17]. Torna-se uma consequência obrigatória também a vida comunitária inspirada no mesmo modelo. E adquire significado e força também a expressão Marelliana de “buscar os interesses de Jesus” na Igreja.

5. O teólogo que acabei de citar faz outra observação que me parece merecer a nossa reflexão. Ele diz: “O Fundador tem uma sua identidade pessoal que vai além de todas as suas atividades, inclusive a sua fundação. Exatamente por isso a sua personalidade pode ser descoberta e aprofundada sempre do começo, o que permite descobrir riquezas novas, juntamente com aquelas que de alguma forma são já tradicionais. O Bem-aventurado José Marelo buscou de alguma forma transferir para o Instituto fundado por ele o seu carisma pessoal o ponto de chegada da sua busca, isto é, a conformidade ao modelo de vida presente na pessoa e no ministério de São José” [Marellianum, nº 17, pg 10]. Com base nesta observação, o que é que nós podemos descobrir na personalidade do Bem-aventurado José Marelo que nos permita desenvolver o seu carisma ao nos aproximarmos do terceiro milênio? A sua riqueza interior é verdadeiramente muito grande, mas como acontece quando estamos na frente de um tesouro, nem sempre é fácil percebê-la no seu conjunto e saber valorizá-la plenamente. Portanto, a nossa busca nos deveria tornar humildes e não pensar de ter já entendido todo o Marelo, só porque resumimos em dois pontos a sua espiritualidade. Os dois pontos considerados são o abandono a vontade de Deus e o seu amor à ocultação [ou interioridade], dois pontos que nascem da constante confrontação com a figura de São José. Por isso a questão fundamental é esta: é suficiente

tê-los descoberto e procurar praticá-los na nossa vida, ou não deveríamos ainda interrogar-nos sobre o modo como hoje os poderíamos viver? Nestes anos depois do Concílio Vaticano II, também nós Oblatos estamos comprometidos com as transformações profundas seja da vida interior como das atividades. Por isso também para nós, como para todos os Institutos de vida consagrada, permanece a obrigação de juntar sempre “fidelidade e criatividade, tradição e profecia” [Marellianum, ivi]. Como vocês podem ver, não somos chamados a dar simples continuidade ao pensamento do Fundador e às tradições da Congregação, mas somos chamados a repensar com espírito criativo a nossa identidade de Oblatos permanecendo fiéis ao pensamento do Fundador. O Sínodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada e para nós a graça da Beatificação do Fundador são dois eventos que nos convidam a realizar este grande trabalho.

6. Indico, portanto, algumas pistas de busca que nos podem ajudar a olhar para frente com confiança, revivendo as características específicas da fundação, como a quis o Bem-aventurado José Marelo. No Sínodo discutiu-se muito sobre as relações entre consagração, seqüela, carisma, comunhão e missão, também porque nos anos passados deu-se privilégio a um ou outro destes termos seguindo as tendências daquela época na sociedade, mas às vezes perdendo o olhar de conjunto sobre todos esses valores. [O Bispo americano Quinn, durante o Sínodo dos Bispos, havia proposto uma interdependência deste gênero: a Vida Consagrada é para a seqüela de Cristo consagrado e enviado em missão. Essa era uma fórmula muito boa que criava uma complementariedade entre consagração e missão]. A Exortação Apostólica “Vita Consecrata” ofereceu uma estrutura teológica a

esta complementariedade falando da dimensão trinitária da Vida Consagrada: a consagração faz referência prioritária ao Pai, a seqüela faz referência ao Filho, enquanto que o carisma faz referência privilegiada ao Espírito Santo. E declara: “À luz da consagração de Jesus é possível descobrir a iniciativa do Pai, fonte de toda santidade e origem da vida consagrada” [VC, 22]. E ainda: “Podemos dizer que a pessoa consagrada vive em missão em virtude da sua própria consagração, testemunhada segundo o projeto do seu próprio Instituto” [VC, 72]. Não quero prolongar-me mais sobre este assunto, mas quero sublinhar que hoje, sempre em analogia com aquilo que acontece na sociedade existe um retorno áquilo que favorece a identidade. Mas não para o uso individualista, como se fosse o isolamento dos grandes problemas, mas ao contrário, para consolidar as bases com vistas à missão que deve enfrentar desafios cada vez mais sérios. Por isso a vida consagrada fala expressamente da reconquista da espiritualidade típica do próprio Instituto. Eis então o compromisso de repensar a própria tradição espiritual à luz do Concílio reconduzindo as devoções típicas aos próprios fundamentos bíblicos e patrísticos e tornando-as atuais e praticáveis no momento presente. É um trabalho de longo respiro que compromete a atualização da nossa espiritualidade ao redor da nossa identidade carismática e que requer tempo e boa vontade por parte de todos.

7. Sem dúvida, devemos evitar a cilada muito difundida de cair na volta ao privativo e ao individual, coisas típicas da sociedade atual, e assim confundindo a volta à espiritualidade com a falta de compromisso com as responsabilidades comunitárias e com a missão.

Por isso é necessário fazer um trabalho sério:

- 1º Para aprofundar de verdade os ensinamentos do Fundador;
- 2º Para fundamentá-lo sempre melhor sobre a Palavra de Deus;
- 3º E para chegar a uma espiritualidade encarnada, ligada à evangelização e à missão que nos são próprias. Sobretudo devemos insistir sobre a base bíblica da nossa espiritualidade, e isto não é difícil, porque o que vimos até agora se fundamenta nos Evangelhos de Mateus e de Lucas que nos mostram a vida de São José ao lado de Maria e de Jesus. Desta forma evitaremos a superficialidade como consequência das muitas informações das propostas, das sugestões, das imagens que a civilização dos meios de comunicação nos colocam constantemente perante os olhos e que não favorecem o silêncio interior e nem o apostolado significativo e eficaz. O supremo modelo ao qual também São José se inspirou é sempre Jesus, o que Ele fez, o que Ele disse, o que Ele pregou e os milagres que Ele realizou. Temos grande necessidade desta espiritualidade e a demanda dela no meio do povo aumenta sempre mais. Nós devemos dar uma resposta.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

XI - O ESCONDIMENTO

1 - Qual escondimento? Operoso ou inativo? Enriquecedor ou vazio? Válido ou perigoso?

2 - Significado bíblico do escondimento. Sublinhar o valor positivo e rico de potencialidade.

A COMUNIDADE JOSEFINA

“A caridade é o vínculo da unidade e a sua salvaguarda é a obediência”.

1. Ao falarmos de Vida de Comunidade, quero afirmar desde o começo que nos Escritos do Bem-aventurado José Marelló nós não encontramos o desenvolvimento teológico-pastoral que o assunto teve nestes últimos anos, depois do Concílio Vaticano II; mas podemos encontrar neles a substância da caridade que é a alma de todo discurso. A centralidade que hoje se dá à vida fraterna em comunidade é um fruto direto da eclesiologia de comunhão, como é apresentada na Constituição dogmática *Lumen Gentium*. Como afirmou em várias ocasiões o Papa João Paulo II, a vida religiosa vive no coração da Igreja, e portanto deve entrar em simbiose com esta realidade de Igreja - Comunhão - Convocação, como é precisamente o significado da palavra “Ecclesia”. Uma tal Igreja tem a sua origem no Evangelho de Marcos 3,14, onde se fala de Jesus que convida os apóstolos “para que estivessem com Ele”, e depois os envia em missão ao mundo inteiro; depois tem a sua plena realização nos Atos dos Apóstolos [4,32], onde notamos que os primeiros cristãos eram um só coração e uma só alma entre eles. O documento “Congregaviti nos” de 1994 diz exatamente: “O Concílio Vaticano II afirmou que a vida religiosa pertence firmemente à vida e à santidade da Igreja e a colocou exatamente no coração do seu mistério de comunhão e de santidade... Por isso mesmo, ela tem um compromisso a que não pode renunciar

Capítulo XII.

e uma missão de ser e de aparecer como célula de intensa comunhão fraterna, que se torne sinal e estímulo para todos os batizados”. O assunto é retomado na Exortação Apostólica “Vita Consecrata”, que lhe dedica a segunda parte inteira repetindo que “a vida fraterna entendida como vida de partilha no amor, é sinal eloqüente da comunhão eclesial” [VC 42]. Este assunto enriquece as motivações teológicas com a referência a Jesus Cristo, que deu aos seus discípulos um mandamento novo do amor recíproco e por amor deu totalmente a si mesmo até o sacrifício da Cruz [VC 42].

2. O tema da Vida Comunitária teve o seu ponto alto nos anos que seguiram ao Concílio Vaticano II, até chegar por vezes a exageros, por exemplo negando o valor da autoridade, como se numa família pudesse terminar a autoridade dos pais sobre os filhos. Depois este tema foi diminuindo de intensidade, sobretudo no norte do mundo em contemporaneidade com a volta ao individual e ao privado, como se nota também na sociedade liberista de hoje. Mas para a Igreja permanece um motivo de grande reflexão como demonstram os dois documentos recentes: “Congregavit nos” e “Vita Consecrata”. Mas há uma maneira nova de tratá-lo que não é aquela abstrata de raciocínios e exclusivamente de motivações teológicas, mas que devem chegar ao prático nas mediações diárias da vida, com os confrades da mesma Congregação ou da mesma Comunidade. E isto é que é difícil, mas é aqui exatamente que se mede se nós possuímos verdadeiras “comunidades reunidas em nome do Senhor” ou não. Um exemplo das dificuldades que encontramos neste caminho, o tivemos no Primeiro Congresso Internacional dos Jovens Religiosos, que aconteceu em Roma de 29 de setembro até 04 de outubro de 1997. Um especialista da vida

religiosa, o abade canadense Veilleux, falou aos jovens sobre Vida Comunitária mostrando a doutrina sobre a vida consagrada como vida de comunhão, participação da vida íntima do Pai, do Filho e do Espírito Santo, “vida esta que é uma dança de amor, uma vida de comunhão eterna e infinita”. “É muito doutrinal, disseram os jovens, é muito abstrato. Não tocou a profundidade do nosso ser...”. Para os organizadores esta palestra parecia rica de conteúdos teológicos e por isso mesmo alimento substancial para os jovens, que gostam tanto de falar de comunidade. Mas eis aqui a reação de um deles: “Não é que nós não gostamos da palestra dele. Era muito bonita, profunda, com conteúdo, embora não nos tenha convencido totalmente. Nós não rejeitamos a riqueza que nos advém da teologia. A cada dia nas carteiras da Universidade nos são oferecidos os mesmos conteúdos. Aquilo de que precisamos são as mediações. Faltam as pessoas que nos ajudem a traduzir a doutrina no nosso existencial, no dia a dia. A palestra servia mais para os formadores do que para nós jovens”.

3. Depois desta introdução como é que nós poderíamos falar da Vida Comunitária, partindo do nosso Fundador? Não vai ser uma tarefa muito difícil, considerando também a distância de tempo e as condições sociológicas que nos separam da sua época de hoje? Na vida do jovem sacerdote Marelló é fácil de encontrar expressões típicas de uma Igreja que procura se defender dos inúmeros inimigos que a combatem, como quando o Marelló escreve: “Os dois exércitos encontram-se um perante o outro e de cada lado se ouvem gritos de guerra: Às favas a religião! Viva o livre pensamento! Paz para o mundo! Viva Jesus!” [L. 23]. O próprio Concílio Vaticano I. era visto pelo Marelló como um momento de desforra da Igreja sobre o

mundo, seu adversário, e é neste clima que ele se entusiasma com a notícia da definição da infalibilidade pontifícia, proclamada pelo Concílio no dia 18 de julho de 1870. “Para uma pessoa de fé, é claro - escreve naquele dia - não existe alegria mais profunda do que esta que nos mandou Deus no momento em que é coroado de glória o sumo pontífice e lhe venha assegurada a prerrogativa da qual talvez deverão depender os interesses mais vivos da Igreja. Ah! Sabemos por fé que aqui na terra tudo é providencial e esta fé é a vitória que vence o mundo” [L. 64]. O Papa Pio IX era de fato perseguido de todas as maneiras pela propaganda laicista e liberal maçônica daquele tempo. Por outro lado, os tempos ainda não estavam maduros para uma síntese e uma apreciação das novas realidades que apareciam no mundo moderno. Vai ser o Concílio Vaticano II que vai indicar as entradas para ir adiante, aceitando aquilo que é bom e rejeitando aquilo que de fato é deletério. O inteiro clima social do século XIX incentivava, portanto, uma visão vertical da Igreja; foi assim que nasceu na Itália a Ação Católica para amarrar o laicato católico ao redor do Papa, com demonstrações de apoio e de fé. Sem dúvida o nascimento de um laicato católico vivo e ativo foi um fenômeno positivo, embora com o passar do tempo tenha assumido atitudes de intransigência contra qualquer abertura civil, política e social. Mas bem cedo os católicos começaram a compreender as novas realidades que emergiam e começaram a se abrir ao campo social seguindo as indicações da Encíclica “Rerum Novarum” do Papa Leão XIII. Trata-se de um amadurecimento lento mas firme, que produziu uma abertura maior dos católicos sobre o mundo para o salvar, embora sem se deixar envolver pelo mundo. Podemos dizer que de maneira semelhante evoluiu a idéia da Comunidade Eclesial que

compreende todos os fiéis, desde os pastores até o último batizado que viva em comunhão com os irmãos.

4. Analisada dessa maneira apenas superficialmente a comunidade eclesial, a comunidade religiosa ainda não possuía um apoio teológico suficiente para afirmar-se e tornar-se ental na vida da Igreja do século XIX, e provavelmente até ao Concílio Vaticano II. Mas se olharmos mais intimamente a vida do Marelli, percebemos nele um surpreendente dinamismo de comunhão, que o conduz a viver intensamente a amizade com os companheiros de curso durante os anos do seminário e nos primeiros anos de sacerdócio; e este dinamismo o impelia, no ano 1872, a iniciar a Companhia de São José, com o intuito de reunir “alguns amigos no mesmo espírito de união, debaixo dos auspícios de São José, para se ocuparem com os interesses de Jesus” [L. 76]. No esboço da Companhia ele fala de “fácil solidariedade entre todos os membros”, para chegarem juntos a atingir as finalidades apostólicas da sociedade e passa a expor um princípio fundamental: “A caridade é o vínculo da unidade e a sua salvaguarda é a obediência” [L. 76].
5. A reflexão conseqüente na passagem da Companhia de São José, promotora dos interesses de Jesus, até chegar a Congregação dos Oblatos de São José, faz aumentar nele o desejo de praticar e de fazer praticar os conselhos evangélicos e para esse fim ele crê necessário reiniciar em Asti a vida religiosa sob a forma de uma autêntica vida Comunitária, reunindo os primeiros irmãos na Casa de São José. Assim ele escrevia ao Pe. César Rolla, no dia 04 de outubro de 1877: “O Senhor conhece por acaso alguma dessas almas... que deseje irmanar-se com outras para poder dizer como São Pedro: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos! Se existir, peçamos ao Senhor que a confirme na vocação e a

torne generosa no momento oportuno” [L. 94]. O “momento oportuno” chegou quando os primeiros quatro jovens puderam reunir-se em comunidade para dar início à aventura da Congregação, no dia 14 de março de 1878. Podemos também encontrar uma motivação teológica nesta “convocação” para viverem juntos, uma motivação diferente daquelas que são geralmente enumeradas nos documentos da Igreja com referência ao Evangelista Marcos 3, 14 e Atos dos Apóstolos 4,32. Para o nosso Fundador o ícone que representa a comunidade Josefina é a “Casa de São José”, ou seja, a Sagrada Família de Nazaré. Todos nós recordamos aquelas suas palavras: “A quem desejar seguir mais de perto o Divino Mestre, está aberta a Casa de São José, onde recolhendo-se na imitação daquele grande modelo de vida pobre e obscura, terá maneira de se tornar verdadeiro discípulo de Jesus Cristo” [L. 95]. Na Casa de São José moravam Maria e sobretudo Jesus: com eles e como eles é preciso construir a Comunidade Josefina; este particular aspecto teológico constituiu a singularidade da nossa família, da nossa vida em conjunto. As regras de 1892 dizem simplesmente: “Os membros da Congregação vivem vida comum e devem ajudar-se uns aos outros nas necessidades espirituais e materiais”. Mas as cartas de Ácqui de Dom José Marelló insistem no princípio da proteção de São José sobre a família dos Irmãos e por isso vamos citar algumas passagens delas: “Eu espero muitas notícias boas; por exemplo: que os Irmãos de São José vivem sempre mais tranquilos debaixo do grande manto do seu Protetor, ali onde os reuniu a Providência Divina” [L. 161]. “Fico feliz por saber que a alegria espiritual floresce entre os sacerdotes de São José” [L. 168]. “Em Santa Chiara, como na Casa de São José, em meio a problemas e ansiedades, que os ânimos vivam sempre confiantes e seguros e que seja repito por todos como São Paulo: Eu me

alegro nas angústias por Cristo” [L. 198]. A lembrança de São José significa para Dom José Marelló uma fonte de alegria, consolação nos momentos aflitivos e segurança para a Comunidade dos Oblatos que tem a felicidade de viver na sua casa.

6. Sendo esta a característica da Família Josefina, São José deve ser fonte de inspiração para todas as ações do dia e para tornar a comunidade um verdadeiro centro de unidade e de amor: “Diremos então ao nosso grande Patriarca: Eis-nos aqui todos para ti e tu se tudo para nós. Tu indica-nos o caminho, tu apóia-nos a cada passo, tu conduz-nos aonde a Divina Providência quer que nós cheguemos. Seja comprido ou curto, fácil ou difícil, que se veja ou não com olhos humanos a meta, depressa ou devagar, contigo nós temos a certeza de caminhar sempre bem” [L. 208]. Eu vejo aqui uma passagem de uma visão abstrata da Comunidade a uma idéia mais concreta que se refere aos mais variados aspectos, bons e maus da nossa vida em conjunto. Na verdade Dom José Marelló tinha esta maneira prática de olhar para a comunidade Josefina, e nas cartas que escrevia para Asti parecia que mergulhasse nela, para viver com os irmãos como um pai que se preocupa com todos os seus filhos. Assim ele escrevia: Da mesma forma que eu comunico todas as minhas coisas, os filhos de São José me comunicarão todas as suas; e cada um poderá dizer: Tudo aquilo que é meu, é vosso, e tudo aquilo que é vosso, é meu, segundo o desejo de Jesus que os seus discípulos estejam consumidos na unidade” [L. 210]. Fiel a esta idéia nas cartas, Dom Marelló se lembrava de todos e de cada um, até dos novos seminaristas e a este propósito ele escrevia: “Antes de conhecê-los pessoalmente e de saber os nomes deles, os novos chegados já me são queridos e conhecidos

no Senhor Jesus” [L. 167]. Chegamos assim ao conhecimento pessoal, que lhe era favorecido também por causa da sua grande memória. Tanto é que ele lembrava de todos e de cada um e assim todos se sentiam presentes no seu coração, desde o menor até o maior, sem nenhuma distinção.

7. A vida de comunidade se transformava desta forma em vida de família, e o espírito de família era uma consequência natural, quase uma prerrogativa. O que mais gostaríamos de pedir a São José quando rezamos: “Ó! São José, conserva-nos no amor e na paz a exemplo da Família de Nazaré”? O nosso Regulamento Geral diz que a vida de comunidade é fomentada “por um ambiente comunitário rico em simplicidade acolhedora e em cordialidade compreensiva”, onde se cultive “a verdadeira amizade, a lealdade, a confiança, o perdão mútuo e todas aquelas manifestações de estima que nos ajudam a evitar todo tipo de murmuração destruidora ou de divisão que paralisa”[Art.19]. Dom Marelllo precedia a todos na prática destas virtudes. Ele mostrava São Francisco de Sales como modelo de caridade: “São Francisco de Sales, ele dizia, possuía uma bondade muito grande; embora tivesse um coração sensível e colérico, como o nosso, todavia ele o controlava, por assim dizer, com ambas as mãos e sabia ser violento consigo mesmo. Assim nós também devemos amar o nosso próximo e ter para com ele sempre compaixão” [Escritos pg. 262]. Com estas palavras Dom Marelllo retratava a si mesmo, seja quando descrevia seu caráter, seja quando falava das vitórias sobre si mesmo para praticar a caridade. Ele era suave e bom para com todos, vivia sempre sereno mesmo nas provações e nas incompreensões alheias. Uma vez o Vigário Geral Mons. Pagella, que ao contrário dele era precipitado e impetuoso nas suas decisões, tentou com alguns

cônegos de o fazerem colerizar, somente pelo gosto de o ver ficar nervoso, o que naquele caso seria mais do que natural. O testemunho que conta este episódio, conclui que por mais que os cônegos tentassem não conseguiram, porque o Bispo Marelllo permaneceu sempre senhor de si e tranqüilo. Numa outra ocasião, entrou no palácio episcopal um senhor vermelho de raiva e muito nervoso com o Bispo, não sabemos por qual razão. Do lado de fora da sala se ouvia aquele homem gritar e esbravejar como um louco, até que finalmente a porta se abriu e Dom Marelllo o despediu carinhosamente com estas simples palavras: “Eu rezarei muito pelo senhor”. Esta calma impassível lhe permitia viver aquilo que nós hoje chamamos de “espiritualidade de comunhão”, a única que facilita o crescimento espiritual não apenas dos indivíduos, mas das comunidades como tais, a única que permite as comunidades de crescer e de se tornar testemunhos de caridade e de amabilidade. O nosso Fundador nos pode servir de exemplo sublime na prática destas virtudes.

8. Devemos insistir neste assunto da vida fraterna porque entre o Fundador e nós podem ter se criado historicamente camadas de individualismo exacerbado e rechaçante. É verdade, meus queridos confrades, nem sempre é fácil viver plenamente a vida de comunidade, e por vezes são necessárias virtudes heróicas, como aquelas de Dom José Marelllo. As nossas Constituições aplicam estes princípios também ao trabalho apostólico, quando é possível isolar-se e criar situações de individualismo que são contrárias à vida comum. Assim reza o Artigo 59: “É fundamental que no trabalho pastoral saibamos aceitar e harmonizar os vários dons concedidos aos confrades, com a adversidade de possíveis métodos de ação”. Escrevendo ao Pe.

Cortona, Dom Marelo incluía também os outros três sacerdotes da Congregação: “O Pe. Baratta receba a carta que estou anexando como prova do seu valor [era muito conhecido como pregador], e não deixe de ajudar o Pe. João Medico [era o ecônomo]. O eminentíssimo Pe. Carandino com os seus braços compridos, considere-se ajudante universal, como de costume” [L. 170]. Com estas palavras, ele não só convidava cada um para exercer bem a própria tarefa, mas os motivava para se sentirem parte da comunidade e para contribuírem com o bem comum.

9. Devemos ainda acrescentar que por causa das grandes mudanças culturais e de geração pelas quais estamos passando, a vida fraterna parece também hoje destinada a sofrer grandes dificuldades para se realizar concretamente. Por isso, é necessário ter paciência, uma boa dose de aceitação recíproca, um grande esforço de compreensão e de diálogo, um compromisso sério para criar comunicação entre os confrades e entre as diversas mentalidades, as várias culturas e experiências. É graças a esta busca paciente da fraternidade feita com a utilização de todos os meios humanos e divinos que poderemos obter sobre as nossas comunidades a bênção, o dom e a alegria da fraternidade. O Bem-aventurado José Marelo tem muito para nos dizer também hoje e às nossas comunidades.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

XII - A COMUNIDADE JOSEFINA

- 1 - Os tempos do Bem-aventurado Marelo e os

nossos tempos, em relação à Vida Comunitária?

2 - Como o Fundador via a Vida Comunitária .

3 - No que consiste o nosso "tradicional espírito de família?"

4 - Individualismo ainda? Em quais formas se apresenta hoje?

Capítulo XIII.

FORMADOR E CATEQUISTA

“Nas aulas de catecismo era muito claro, alegre e divertido, e não se envergonhava de nos alegrar de vez em quando com alguma piada”.

1. Conhecer os aspectos pastorais e também aqueles sociais da atividade do Bem-aventurado José Marelo como sacerdote, significa sublinhar o seu estilo de vida sacerdotal, os seus interesses e as suas escolhas apostólicas, além de conhecer o modo como enfrentava os vários momentos da sua vida.

Ocupado por obediência em constantes tarefas da Cúria, antes como Secretário do Bispo Savio [1868-1881], depois como Chanceler no tempo de Dom José Ronco [1881-1888], todavia ele buscava todas as ocasiões para se dedicar ao apostolado direto, naquelas formas que lhe eram permitidas. Agora vamos olhar estas formas de apostolado de maneira particular, começando por uma enumeração histórica de todas elas. A primeira ocasião foram as confissões dos seminaristas, aos quais ele também deu aula de catecismo toda a semana, pelo menos no período de 1870 até 1881, enquanto o apostolado das confissões continuou enquanto ele permaneceu em Asti, isto é, durante todo o período sacerdotal. Outra ocasião foi a escola de catecismo aos estudantes do Internato Real de Asti, que porém foi fechado em 1870, e portanto limitou-se ao período da Quaresma de 1869. Quando foi aberta a Igreja de Jesus, junto à Obra Michelerio, ou seja, em 1873, o Pe. Marelló começou a participar das atividades que ali se faziam e a promover a hora de Adoração ao Santíssimo Sacramento semanalmente. Naquelas ocasiões ele pregava, rezava e confessava com muito fervor, tanto é verdade que muitas pessoas da cidade gostavam de ir lá para ouvi-lo e confiavam na sua direção espiritual. Este trabalho continuou depois na Igreja de Santa Chiara, e disto nós temos testemunho nos diários da sua penitente Bice Graglia. Naturalmente ele instruía os primeiros irmãos não só falando com eles da espiritualidade de São José, mas também ensinando o Catecismo e a maneira de o ensinar aos outros. Depois ficaram célebres as aulas de Catecismo que o Marelló organizou na Igreja de Santa Chiara, ainda antes que fosse novamente consagrada na Quaresma de 1884. Com frequência ele pregava na Catedral e na Igreja de Santa Chiara [hoje Santuário de São José], onde ele queria que os Irmãos de São José celebrassem

solenemente e com perfeição as várias ações litúrgicas. Ele foi diretor espiritual das Irmãs da Obra Milliavacca, onde ele ia, pelo menos uma vez por semana para a santa missa e para as confissões [lembrar os diários da Irmã A. Fasolis]. Este trabalho continuou de 1881 até 1889. Durante dois anos ele foi diretor espiritual dos seminaristas de Asti, e durante outros dois foi encarregado da disciplina externa [1881-1885]. Ele acompanhou o Bispo Dom Savio em todas as visitas pastorais às paróquias da diocese, estando disponível sobretudo para as confissões. Por vários meses ele substituiu o Pe. Egidio Motta no trabalho pastoral da Paróquia quando este ficou cego. Esta longa enumeração das atividades pastorais exercidas pelo sacerdote Marelló, embora diversificada e múltipla, permite-nos de ver nele o confessor, o diretor espiritual, o catequista, o formador dos jovens seminaristas e daqueles que se encaminhavam a vida religiosa. A tudo isto deveríamos acrescentar a sua grande atividade social como diretor e administrador do Asilo de Santa Chiara, que substituiu o Asilo Cerrato, do qual ele também se ocupava.

2. Não é possível analisar todos estes títulos de maneira conveniente, por isso escolhemos dois para este nosso encontro: aquele de Formador e aquele de Catequista, deixando para outra ocasião o estudo das suas atividades sociais. Sem dúvida, ele possuía um carisma especial que o dispunha a direção e formação das almas, as quais ele comunicava espiritualidade e alegria com a orientação firme que sabia dar segundo as necessidades de cada pessoa. Bastava a sua presença para atrair a atenção com a sua piedade e amabilidade, como aconteceu numa cidadezinha da diocese onde ele acompanhava o seu Bispo. Os garotos diziam: *Olha como é bondoso aquele sacerdote, vamos*

confessar-nos com ele! [Rainero, Vita, pg. 95]. Dizem os testemunhos que também no seminário era ele quem tinha mais penitentes, porque os seminaristas eram atraídos pela sua santidade [SSV, 768]. Este aspecto é anotado por muitos testemunhos; mas talvez poucos tenham sabido traduzir o segredo daquela espiritualidade contagiosa, que nós gostaríamos de ver no rosto de todo sacerdote Oblato. O Pe. Cortona tentou falar disso numa palestra de 1921: “O nosso bom Pai teve a assistência muito particular do Espírito Santo, que o guiava nas suas dúvidas, que o protegia nas suas dificuldades e sobretudo que o iluminava para conhecer o espírito que devia guiar os seus filhos” [Marellianum, nº 8]. Se nós acrescentarmos a esta inspiração superior as suas qualidades naturais, então veremos que a ação do Espírito Santo se pousava sobre uma natureza bem preparada e disponível, onde natureza e graça colaboravam juntas para fazer dele um verdadeiro formador. Assim ele escrevia ao Pe. Delaude em 1869: “Invoquemos o Espírito Santo para que nos ilumine; caminhemos na presença do Senhor com a simplicidade de uma criança que brinca debaixo dos olhos da mãe” [L. 23]. Eis aqui o Marello humilde e simples, que funde bondade em todas as suas ações, por que ele sabe viver debaixo do influxo constante do Espírito do Senhor. No ano dedicado ao Espírito Santo deveríamos saber apreciar o aprofundamento desta luminosa verdade, que nos ajuda a conhecer melhor o Fundador e a imitá-lo.

3. Não posso deixar de acentuar um outro episódio que coloca em evidência a ótima impressão que o sacerdote José Marello deixava em todos. No dia 25 de fevereiro de 1888, poucos meses antes que o Marello fosse escolhido como Bispo de Ácqui, um jovem diácono daquela diocese tinha vindo a Asti

para ser ordenado sacerdote por Dom José Ronco, porque o Bispo de Ácqui, Dom Sciandra estava muito doente e perto da morte. O néo-sacerdote Lourenço Del Ponte, que será também ele Bispo de Ácqui de 1923 até 1942, voltando ao seu Seminário, foi interrogado pelo Reitor Mons. Pagella, sobre as suas impressões da cerimônia da ordenação. E ele “respondeu que assistia o Bispo um Cônego tão gentil, devoto e sereno que parecia um anjo do Paraíso, e que ele tinha ficado profundamente edificado com o seu comportamento” [SSV, 821]. Temos também o testemunho do Pe. L. Garberoglio, o qual acrescenta: “A impressão que teve Dom Del Ponte era a impressão que recebemos todos nós, embora tendo-o freqüentemente debaixo dos olhos: ele inspirava e estimulava a piedade” [ivi]. Um garoto que se chamava Luís Piano, costumava acompanhar o Pe. Carlos A. Borio, que era seu tio, quando este ia ao Paço Episcopal para as suas tarefas de ministérios. Ele conta: “Eu falei muitas vezes com o Cônego Chanceler José Marello, o qual sempre educado e bondoso, respondia a todas as perguntas do meu tio e minhas. A impressão que eu tive daquelas conversas foi a bondade extraordinária que tinha o Cônego Marello, e lembro que saindo da Cúria o meu tio, terminava sempre dizendo: O Cônego Marello é um sacerdote modelo, e você que é jovem, verá que o farão santo, porque ele é verdadeiramente um Santo” [Test. 1924]. Estamos perante uma voz unânime, porque são muitos os testemunhos que sublinharam a impressão forte que o Marello deixava naqueles que o viam, seja quando rezava, seja na vida quotidiana. Ele era um místico, mas um místico que se imergia nas atividades e nas preocupações de muitas tarefas simultâneas que teriam ocupado o dia de muitos sacerdotes da sua idade se não fossem também da sua índole. O Pe. Luís Garberoglio, que

o conheceu muito bem, não hesita em compará-lo com São Francisco de Sales com uma frase que traduz talvez melhor que todas as outras, esta realidade: “São Francisco de Sales - diz ele - não teria dúvida em ver no Marelo a êxtase da ação, tendo ele vivido uma vida não somente civil [organizada], honesta, cristã, mas toda orientada, comprometida e elevada numa atmosfera sobrenatural” [SSV, 865]. Num tempo como o nosso, no qual valem mais os exemplos do que as palavras, esta é a primeira lição de vida sacerdotal que nos dá o Marelo.

4. Nós conhecemos muito bem o episódio das três irmãs Graglia [Jole, Bice e Greca], filhas de um conhecido advogado de Asti, Filipe Graglia, que não era cristão praticante, mas que tinha ajudado as filhas a estudar no Instituto de Irmãs em Turim. Elas, ao terminarem os estudos, procuravam um confessor que as guiasse, ajudando-as a manter viva a prática religiosa que tinham aprendido no Colégio. No dia da Assunção de Nossa Senhora de 1883, elas tinham se colocado à beira da estrada, onde passava a procissão com a imagem de Nossa Senhora, e observavam entre os sacerdotes aquele que as inspirasse mais, para depois escolhê-lo como orientador espiritual. Greca, que depois se tornou Madre Superiora no Mosteiro da Visitação da cidade de Pisa, conta como aconteceu a escolha do Marelo: “A primeira vez que eu, juntamente com minhas irmãs, vi o Dom Marelo foi na procissão da Assunção no ano de 1883. Eu fiquei impressionada com o seu aspecto sério e humilde, digno e modesto, do qual transparecia a beleza da sua alma e a sua piedade angelical. Juntas nos sentimos logo inspiradas para escolhê-lo como nosso confessor, ainda mais porque o Reverendíssimo Dom Marelo, naquela época Cônego da Catedral, já tinha fama de extraordinária virtude e de grande doutrina. Bem cedo

percebemos que a nossa escolha tinha sido guiada por Deus. Pareceu-nos de ter encontrado um anjo do céu, o qual abria para nós um caminho novo cheio de confiança e de fidelidade carinhosa ao Senhor. Quanto a mim de modo particular posso afirmar que daquele momento em diante, houve uma seqüência constante de graças, que aos poucos me levaram a desprezar todas as coisas para me dedicar totalmente a Deus”. A partir do dia 08 de setembro, Festa da Natividade de Maria, as três irmãs se confessavam assiduamente com ele. Bice, a segunda das irmãs, anotou num diário que nós guardamos, os conselhos que o Marelo lhe dava e transcreveu também muitas das suas homilias dominicais, até o último discurso que ele fez as Filhas de Maria antes de ir para Ácqüi. Jole, a mais idosa das irmãs, já vivia em Asti há tempo e tinha um outro confessor, mas queria trocá-lo para encontrar um mais instruído que a guiasse nas leituras, porque desejava ler tudo aquilo que era permitido. Era um pouco vaidosa neste pedido e quando o exprimiu ao Marelo, ele a deixou falar e depois com calma lhe disse: “Se você escuta o conselho de um padre, então não leia mais nenhum romance”. E ela respondeu: “Sim, sim, eu prometo; não vou ler mais nenhum romance”, sentindo que tinha mudado interiormente e daquele dia em diante não leu mais romances. Às vezes é suficiente uma só palavra para mudar uma pessoa, mas esta palavra deve sair da boca de um santo.

5. Também a recordação do Pe. Marelo como confessor no Seminário nos foi transmitida em primeiro lugar por um seu filho espiritual muito ilustre, o Cardeal José Gamba, que declarou: “Desde que eu era neo-sacerdote, ele foi confessor ordinário no seminário de Asti. ... Ele confessava também na Catedral, quando lho pedia. ... Iam confessar com ele muitas pessoas, entre

as quais, eu mesmo notei, vários sacerdotes. Quando confessava no seminário, era ele quem tinha o maior número de clérigos sob a sua direção espiritual. Por minha parte eu sempre o admirei como sacerdote de grande prudência e de sábios conselhos” [SSV, 725]. Um seminarista daquele tempo assim lembra dele: “Ele foi meu confessor durante um ano; mas aos 16 anos, mais do que as suas palavras e admoestações, eu olhava para sua paternidade e para suavidade com que me recebia” [SSV, 948]. Por outro lado o Pe. Segundo Gay, escreveu no Joseph de 1923: “Iam confessar com ele os penitentes escrupulosos, por vezes angustiados e aflitos, e encontravam consolação. A mim ele costumava dizer: faça bem aquilo que você faz; não se inquiete com as muitas ocupações que você tem; a cada dia a sua preocupação”. O mesmo sacerdote dedicou-lhe um livro intitulado “Vida de Jesus Cristo”, uma série de reflexões para cada dia do ano e na capa ele escreveu: Regra de Comportamento aconselhada aos penitentes por Dom José Marelló, para passar bem o ano: “Age quod agis, isto é, faça bem aquilo que você estiver fazendo”. Era esta regra que o Pe. Marelló tinha estabelecido como propósito antes da sua ordenação, em janeiro de 1867 [Scr. pg. 25], e que agora ele propunha aos outros, especialmente aos sacerdotes. Um outro conselho que ele costumava dar na direção dos clérigos, é lembrado por Monsenhor Carlo Morra, o qual disse: “Eu fui confessar-me muitas vezes com ele e sempre me recebeu com caridade, paciência e doçura. Lembro-me bem de muitas de suas frases, como estas: Estamos num terreno escorregadio, é preciso ter muito cuidado para não cair. De vez em quando é preciso que nos demos uma sacudidela senão naturalmente adormecemos por causa da inércia, ou por causa do mal” [Joseph, 1923]. Estes testemunhos são suficientes para nos dar uma idéia de como ele

fazia direção espiritual, seja pelo modo como tratava e seja pelas palavras que dizia.

6. Considerando que ele foi Formador no Seminário de Asti, dois anos como diretor espiritual e dois anos como encarregado da disciplina externa, alguns testemunhos a este respeito nos ajudarão a compreender o seu estilo ou método de formação com os seminaristas. O Pe. João Calosso lembra assim: “Tendo eu vindo para o Seminário para terminar os últimos anos do ginásio, tive a sorte de conhecer o Reverendo Cônego Marelló, que por todos era muito considerado e venerado. Parece que ele tinha escolhido como seu lema: *o bem não faz barulho e o barulho não faz bem*, pois o bem que ele fazia ao seu redor não fazia nenhum barulho. Sempre muito calmo, amável e tranqüilo como se ele vivesse numa atmosfera na qual nunca chegam as tempestades terrenas” [Joseph, 1923]. É interessante também o que conta o Pe. Pedro Cadario, que demonstra muito bem o seu modo de fazer correções: “Permanece gravado para sempre na minha mente o modo que usou para me corrigir, porque durante a aula de catecismo, eu estava lendo um livrinho de histórias. Ao invés de me repreender dizendo o meu nome, numa outra aula de catecismo, na introdução, falou com tanto entusiasmo no dever de prestar a atenção às aulas de catecismo, que eu entendi logo que se referia a mim, sem que ninguém o percebesse, e desde então eu fui conquistado pela sua grande bondade e sempre prestei atenção e nunca perdi uma palavra das suas aulas. Da mesma forma, um dia enquanto eu estava lendo durante o almoço no refeitório e o servo de Deus estava ouvindo, eu inventei de repente a história de um monarca africano, contando mentiras tão grandes e exageradas, que os ouvintes desandaram numa grande gargalhada; e eu também comecei a rir de tal

maneira que não conseguia continuar a leitura. Então ele se aproximou, todo vermelho no rosto e olhou para mim tão magoado e cheio de ternura ao mesmo tempo, que eu fiquei envergonhado e arrependido, muito mais do que se ele me tivesse repreendido com palavras. E conservei sempre comigo a lembrança desta sua maneira de me tratar com bondade” [SSV, 704-705].

7. Vamos dar ainda uma olhada ao Marellino catequista, o que também é muito interessante. A este respeito nós costumamos citar as expressões contidas numa carta de 1869 [L. 25], na qual ele tece elogios do catecismo. Lembramos depois as aulas no Internato Regio de Asti em 1869 e sobretudo as aulas noturnas de catecismo aos jovens operários de Asti durante a Quaresma de 1884. Relembrando o período episcopal, existe também a carta sobre o Catecismo que foi escrita em 1894. Deixando agora de lado estas referências, eu gostaria de refletir sobre uma escola de catecismo muito mais importante, pela razão que durou mais, ou seja, mais de 10 anos: trata-se das aulas que ele dava aos domingos ensinando catecismo aos seminaristas menores de Asti. Eis o testemunho do Pe. Próspero Falletti: “Quando o Pe. Marellino vinha dar aula de catecismo aos domingos a nós clérigos, eu admirava nele o modo de explicar e lembro-me especialmente que uma vez, explicando o texto “Os Santos exultarão na glória e se alegrarão na sua enxerga”, ele se exprimia como se estivesse já no paraíso” [SIC, 993-994]. O Pe. Pedro Alessio, que entrou no Seminário em 1879, assim disse: “Faço questão de observar que todos os clérigos tinham grande desejo de ouvir de maneira particular as suas instruções catequéticas, sempre cheias de unção particular e que ele fazia todos os domingos, e que os deixava cheios de entusiasmo” [SIC,

1002]. O Monsenhor Henrique Schierano nos oferece uma nota característica daquelas aulas, uma nota que sozinha seria suficiente para fazer um programa de metodologia catequética: “Nas aulas de catecismo ele era claro, alegre e divertido e não se envergonhava de nos alegrar de vez em quando com alguma piada” [SSV, 947]. A metodologia era o seu ponto alto. Nós não devemos lembrar do Marellino somente porque ensinava catecismo ou porque falava com freqüência do catecismo, mas porque ensinava com método e porque queria que os seus Oblatos aprendessem a maneira de dar catecismo. Ele mesmo os instruía a respeito disto e ele mesmo “dava aulas de catecismo com freqüência na sala de aula” do Instituto Santa Chiara [SSV, 748]. Este estudo da metodologia, tinha penetrado tão profundamente os costumes da Congregação que durante os 40 anos em que foi Mestre dos Noviços o Pe. Lourenço Franco, nunca deixou a aula semanal de “Catequética”, ou seja, metodologia do ensino de catecismo. Tratava-se na verdade de uma característica da missão educadora da Congregação. Quando em 1889 o Pe. José Gamba, que então era pároco da catedral de Asti, participou do Primeiro Congresso Nacional de Catequese, promovido por Monsenhor Scalabrini na cidade de Piacenza, ele apresentou aos participantes o subsídios que se utilizavam em Asti [Registros, fichas, etc], e foi muito aplaudido: Tratava-se dos registros que os Irmãos utilizavam nas suas aulas de catecismo.

8. O Pe. Luís Garberoglio afirma que o Fundador “dava pessoalmente todo o tempo de que dispunha [para a formação dos irmãos] e continuava a sua obra por meio do Pe. Cortona, ao qual sugeria normas oportunas para a formação religiosa dos alunos” [SSV, 778]. É necessário anotar estas pequenas observações que nos mostram como o Fundador dava

importância à instrução e à formação dos primeiros Oblatos. O Ir. Filipe Navone lembra daqueles tempos assim: “No começo ele nos falava do catecismo e nos dias de festa nos espalhávamos nas várias paróquias da cidade e também na periferia para ajudar os párocos a dar catecismo, e o nosso Pai, o Cônego Marellino, se demonstrava muito contente pelo bem que fazíamos” [SSV, 344]. Este irmão especializou-se nesta arte da catequese e a praticou em todos os lugares onde se encontrou. Ele trabalhou em Asti até 1919, depois em Roma na Igreja de São Lourenço in Fonte, e finalmente no pequeno Santuário de Vallone, perto de Asti. No tempo em que se encontrava em Roma, juntamente com o Pe. Carandino, em 1920, ele respondeu a um questionário sobre os Oratórios na Congregação. O Pe. Carandino por outro lado, escreveu um pequeno tratado com várias citações eruditas tiradas dos discursos dos últimos Papas. Ao invés aquele bom irmão oferecia a contribuição da sua experiência e escreveu respostas que são um verdadeiro documento do bom trabalho que ele fez e que era típico dos primeiros irmãos. Eis algumas daquelas respostas: “Em primeiro lugar, nós mesmos devemos estar cheios do Espírito de Deus, [ter] muita dedicação às almas, [ser] muito ricos de espírito de sacrifício, possuir grande paciência, depois [devemos] estudar o modo e a maneira de nos fazermos apreciar, tratando-os [os jovens] com a máxima caridade, procurando esquecer a leviandade deles, fazendo conhecer a beleza da virtude, esforçando-nos para praticá-la nós mesmos de maneira que possamos dizer: façam como eu faço; agir de outra maneira, seria como perder tempo”. E a respeito do método ele dizia: “Acredito que o sistema da distribuição de prêmios tenha grande eficácia para não dizer que é único porque com este meio organizamos festas, convites, damos atenção aos pais e aos parentes e desta maneira, enquanto tratamos

diretamente com os jovens, indiretamente podemos fazer bem também aos parentes e aos pais dos próprios jovens, aproximando-nos deles e estimulando-os a enviar os filhos ao catecismo e contemporaneamente podemos ensinar-lhes a religião e fazer-lhes muito bem”. E acrescentava que é preciso “ter muita paciência e firmeza em repreender, porque é necessário admitir que um garoto é vivaz e irrequieto; por isso é preciso descascar [sic] lentamente, para que possamos atingir a finalidade de educá-lo; não é necessário dizer o quanto é indispensável antes de mais nada a oração e por consequência a benção de Deus”. E a respeito destas observações que ainda são válidas hoje, nós paramos por aqui e nos interrogamos como poderíamos tornar vivos e atuais estes exemplos da nossa primeira história Marelliana e Josefina.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

XIII - FORMADOR E CATEQUISTA

- 1 - Confessor e diretor espiritual: confronto entre a sua espiritualidade contagiosa e comunicativa e a nossa aproximação às almas na direção espiritual e nas confissões.
- 2 - Catequista: evidenciar algumas notas características do seu método catequético, válidas ainda hoje.
- 3 - Formador: no seminário diocesano e para com os primeiros oblatos; precedendo com o exemplo;

Capítulo XIV. BISPO E PASTOR

“Eu vos deixo com o corpo, mas com o espírito e com o coração eu estarei sempre no meio de vós”.

1. A respeito do período episcopal de Dom José Marelo nós sabemos aquilo que ele próprio nos diz nas suas cartas que escrevia de Ácqüi para Asti, endereçando-as especialmente ao Padre Cortona. Estas cartas constituem para nós uma grande riqueza, porque nos oferece o pensamento do Fundador nas várias circunstâncias da vida dos primeiros Irmãos de São José; elas são uma mina de normas espirituais sempre válidas, mas a respeito da vida do Marelo como bispo, o que nós sabemos de verdade? Nas cartas ele raramente fala de si mesmo, porque seu pensamento estava sempre dirigido aos seus Oblatos, que ele orientava também como Bispo, seja escrevendo-lhes, seja visitando-os em Asti, e com mais freqüência chamando um ou outro para conversar com ele. É importante clarear que este período constitui o ponto alto da sua vida na terra e sobretudo da sua santidade.
2. É sabido que ele recebeu o anúncio da sua nomeação a Bispo de Ácqüi por Dom Ronco no dia 23 de novembro de 1888. No

mesmo dia ele foi a Turim para consultar o Cardeal Caetano Alimonda, o qual o aconselhou a aceitar, apesar da sua dificuldade. Alguns dias depois assim escrevia o Cardeal: “Posso dizer que eu não o conhecia. Ele veio me visitar logo que recebeu a carta da nomeação. Na verdade ele é um homem muito piedoso e de boas intenções”. Está confirmado que a nomeação de Dom José Marelo foi uma grande surpresa também para o Arcebispo Alimonda, que era o prelado metropolitano da região a que pertencia tanto Asti quanto Ácqüi; e não somente porque ele não conhecia o Cônego Marelo [ele estava em Turim havia pouco tempo], mas sobretudo porque ele esperava que fosse nomeado outro que havia sido indicado por ele: o Cônego José Pagella, Vigário Geral e Vigário Capitular de Ácqüi. No dia 20 de novembro lhe havia escrito de Roma Monsenhor Gabriel Boccali, auditor na Congregação dos Bispos e dos Regulares: “O bom testemunho fornecido por vossa eminência Rev.ma. e por outros bispos do Piemonte a respeito de Monsenhor Pagella [...] foi tomada em consideração [...]. Todavia o Santo Padre pensou de não destiná-lo à sede de Ácqüi.[...] Ao invés, será enviado para Ácqüi o Cônego Marelo de Asti, para o qual a primeira sugestão veio [...] do seu bispo [Ronco] e do bispo de Pinerolo [Sardi] . Notícias mais exatas recebidas anteriormente [sobre o Marelo] confirmaram em abundância as primeiras notícias”. O secretário do Cardeal Alimonda, o Cônego Rafael Forcheri, comentando estes fatos, escrevia ao Cônego Pagella no dia 21 de dezembro daquele ano: “Para nós as coisas não aconteceram como esperávamos. [...] Dom Marelo tem grande estima da sua competência e das suas virtudes: ele está convencido de que terá necessidade de sua colaboração. Ele não sabe e não deve saber que todos os bispos da Província [Eclesiástica] escreveram páginas de ouro para recomendar Vossa Reverendíssima, e a

melhor das páginas era a do Bispo de Asti, do qual em segundo plano tinha acrescentado outro nome [o Marelllo]”. Este é o enredo em parte que conduziu o Marelllo a ser elevado ao Episcopado. A indicação principal veio do amigo Dom Sardi, que tinha sido Pároco da Catedral de Asti e ainda uma indicação secundária foi feita por Monsenhor Ronco.

3. Dom Marelllo não conhecia nada deste enredo. Ele estava somente muito preocupado com o destino da Congregação da qual ele era Fundador e com o destino do Asilo de Santa Chiara, no qual a maior parte dos empréstimos e dos depósitos pessoais estavam no seu nome por causa da confiança que as pessoas depositavam nele. Tornando-se Bispo, deveria deixar sozinhos os seus Oblatos e deveria ceder a direção e administração do conjunto de Santa Chiara. Havia dois cônegos que tinham aspirações em substituí-lo. Um deles, o Cônego Cantino, chegou a pedi-lo abertamente. Dom Marelllo lhe respondeu: “Vou pensar nisso”. Mas não falou mais no assunto com ele. Era preciso falar também com o bispo, o qual não era muito delicado e poderia nomear imediatamente um outro, talvez o seu Secretário, o Cônego Bellino, que era outro que aspirava à sucessão. Os meses passavam e chegou o dia de partir para Ácqui. Renunciar ao seu cargo em Santa Chiara significava expor os seus Oblatos à insegurança quanto ao futuro. O que fez então o Fundador? Resolveu não falar com ninguém, nem com o bispo, e conservou a responsabilidade direta sobre as obras de Santa Chiara simplesmente delegando o Padre Cortona para o representar e para o substituir em Asti. O bispo compreendeu e ficou calado. Ao contrário, os dois cônegos que sonhavam com aquela posição tornaram-se inimigos dos Oblatos, embora um fosse professor de teologia moral e outro até confessor dos Irmãos de São José.

Seja por esta razão, seja pelas intrigas a respeito de sua nomeação, havia que se pensar que a vida episcopal de Dom Marelllo não começaria com os melhores augúrios. Com estas premícias eram de se esperar com certeza grandes provações para ele e para a Congregação. Mas ele permaceu tranqüilo e sereno como sempre, porque estava nas mãos providenciais de Deus e obedecia à sua vontade.

4. Podemos todavia imaginar muito bem o sofrimento interior, o sofrimento que ele deve ter sofrido sozinho naqueles dias. Disso podemos ter uma vaga idéia pelas palavras que ele pronunciou no dia 03 de fevereiro de 1889, antes de partir para Roma para sua ordenação Episcopal. Na missa da manhã, antes de entrar no trem, ele disse: *“No mar da vida, nós, como os apóstolos no mar da Galiléia, navegamos o nosso frágil barquinho suspirando sempre para chegar ao porto do Céu. Mas infelizmente às vezes aparece uma repentina tempestade: Tudo se torna escuro ao redor, e o pobre barco da nossa alma é açoitado pelo vento, um vento constante e agitado, que estremece as águas ameaçadoras que parecem querer engolir-nos em seus redemoinhos. Tremendo e cheios de medo, nós então recorremos a Jesus, dizendo-lhe como os apóstolos: Salva-nos, porque estamos perecendo. Mas ele poderia nos reponder: Homens de pouca fé! Porque este medo, que é falta de confiança? De fato, uma vez que temos Jesus em nosso barquinho, porque devíamos temer? [...] Que não seja eu, portanto, a sentir inquietação e preocupação nesta manhã; que a minha voz não pareça uma lamentação como o grito de São Pedro: Salva-me ó Senhor! Não! Jesus já deu muitas provas a esta casa de*

grande providência de Amor e de predileção especial, demonstrando a cada um de nós e a toda casa que ele aceita com benignidade as nossas orações, razão pela qual não podemos duvidar do poder de seu braço nas nossas necessidades. [...] Assim eu hoje me lanço confiante naquele mar no qual a vontade de Deus me jogou; mar este bem mais amplo do que aquele em que eu navegava nesta casa santa, na segurança de estar sempre convosco para navegarmos juntos com mais modéstia no mar da vida. Mas Deus determinou as coisas de outra maneira e eu confio que Jesus irá ser o piloto do meu barco: A minha alma descansa na certeza que o Senhor não me deixará faltar as graças necessárias para combater e vencer as tempestades que poderão aparecer para inquietar a tranqüilidade do coração [...]. Com o corpo eu vos deixo, mas com o espírito e com o coração eu estarei sempre no meio de vós”. O que dizer depois de sua partida de Asti no dia em que devia fazer a entrada solene da diocese? Partiu depois de ter entregue ao Padre Cortona os últimos tostões que tinha no bolso, bem consciente de que as conseqüências econômicas bem cedo seriam sentidas na Casa de Santa Chiara. Ele pediu somente ao Ecônomo Pe. João Medico que lhe deixasse o necessário para fazer uma esmola pelo caminho. Assim, nos primeiros meses em Ácqüi, ele teve que viver de empréstimos do seu secretario Padre Pedro Peloso. Debaixo dos pórticos de Santa Chiara, perante a comunidade que estava chorando, Dom Marello não teve a coragem de recitar por inteiro a fórmula da bênção e chorou também. Uma pessoa respeitável que estava presente naqueles momentos, um dia escreverá na revista Joseph: “Pobre Congregação! Jovem demais e muito fraca para resistir

às batalhas contra os seus numerosos inimigos! E quem pensaria nos pobres infelizes do Asilo? Deus parecia pedir uma oferenda: Dom Marello se entregou como um mártir. Mas chorou ... E aquele choro ainda hoje entristece nosso coração! Quem é que fez chorar o nosso bom Pai ? [...] Mas ao invés da eleição de Dom Marello como Bispo de Ácqüi, nos desígnios da Divina Providência foi a glorificação do nosso Fundador e o reconhecimento de sua Congregação” [Joseph, 1927, pag.06-7].

5. Dom Marello foi ao encontro de sua nova incumbência com ânimo preparado e decidido a vencer qualquer obstáculo com a única intenção da bondade e da fraternidade para com todos. Em Ácqüi muitos se perguntavam: Que necessidade havia de trazer um bispo de fora? Nós tínhamos já aqui o bispo, e se referiam ao Monsenhor Pagella. Chegando já nestas condições, um outro teria colocado de lado o “rival” para não ter problemas, ainda mais que Monsenhor Pagella tinha um caráter forte e difícil; além do mais ele era muito competente em Direito Civil e Eclesiástico e há tempo tinha na mão a diocese sendo Vigário-Geral, Reitor do Seminário e Prelado do Capítulo dos Cônegos. Ele tinha a mesma idade de Dom Marello, mas não o mesmo caráter e a mesma humildade. O que faz então o nosso Marello? Nomeia-o ainda Vigário-Geral e deixa-lhe todos os encargos que possuía anteriormente. O seu intuito não era o de colocá-lo de lado, mas o de dominá-lo com a bondade e com a mansidão, e se fosse necessário, também com a firmeza e com a autoridade . Ele atingiu tão bem este intento que na hora da morte Monsenhor Pagella tornou-se seu maior admirador e ainda defensor da causa da Congregação, e lembrando de seu Bispo, dizia: “Se for necessário gastar todos os meus bens pelo meu santo Bispo, eu o farei”. Dom Marello sabia aplicar a regra de

São Francisco de Sales: “Pega-se mais moscas com um pote de mel do que com um barril de fel. E assim ele também seguia São Paulo que dizia: “Vença o mal fazendo o bem”.

6. Na sua primeira carta pastoral Dom Marelllo escrevia: “Embora indigno, eu sou o ministro da Igreja e fui enviado a vós por seu chefe invisível para vos dar uma saudação de paz, que eu renovarei a cada dia no santo altar e assim eu já começo a missão de comunicar esta paz às vossas almas” [Marelliano, n.6,p.9]. Era o programa de seu Episcopado que ele já tinha antecipado a Monsenhor Pagella escrevendo de Roma no dia 11 de fevereiro de 1889: “Esta graça [divina] nós solicitaremos juntos no dia da minha consagração no próximo domingo para que com ela possamos viver sempre como um só coração e uma só alma e dizer-nos uns aos outros: Tudo aquilo que é meu é vosso e tudo aquilo que vosso é meu”. Era a síntese mais elevada da sua espiritualidade. Ele a tinha feito amadurecer desde os anos do seminário quando assim escrevia: “*Que nos deixemos consumir na unidade. Eu gostaria que estas palavras fossem escritas em ouro*” [L.09]. Agora não se tratava mais somente da descoberta juvenil, mas ele devia colocá-la em prática em meios a situações novas e mais difíceis da vida. Dom Marelllo conseguiu isto fundamentando todo o seu trabalho episcopal sobre a caridade pastoral, até o ponto de se esquecer de si mesmo para se doar totalmente aos outros. Em poucos anos ele fez a visita pastoral a todas as 120 paróquias da diocese. Esta foi a ocupação principal de seus anos de episcopado. Não era fácil percorrer as estradas daquele tempo para atingir todas as paróquias da diocese. Algumas estradas estavam situadas nas ribanceiras dos rios Bormida, Erro, Olba, etc. Outras que subiam as colinas e as montanhas dos Apeninos da Ligúria eram

intransitáveis. O trem chegava a poucas aldeias do vale; para outros lugares tinha que viajar de carroça, e às vezes a pé ou a cavalo, embora tivesse muita dificuldade para montar na sela por causa do incômodo das hemorróidas que o afligiam cada vez mais. Viajava sempre com ele o Cônego Pagella ou Cônego Olivieri, e com seu secretário Pe. Pedro Peloso. Passando de aldeia em aldeia, Dom Marelllo era recebido com festa e aclamado em todos os lugares como um santo. Todos diziam: “Temos um bispo santo; parece um anjo descido do céu”.

7. “Durante as visitas ele recomendava e exigia dos párocos limpeza e decoro, seja nos paramentos, seja na roupa, seja nos vasos sagrados. De modo particular exigia que fosse mantido em ordem o interior do Sacrário. Numa aldeia, teve que repreender o pároco por causa da pouca limpeza do Sacrário, e como o pároco era um homem idoso e grosseiro, lhe disse que Nosso Senhor tinha nascido num curral; o bispo lhe respondeu que até lá os panos nos quais ele foi enfaixado eram limpos e decentes ...” [Pe.L. Garberoglio]. Ele recomendava também para enviar ao seminário boas vocações e não tinha medo de pedir que enviassem bons jovens à Congregação que ele tinha fundado em Asti: A ela ele enviava aqueles que não podiam pagar a mensalidade estabelecida para o seminário. Do conjunto de testemunhos podemos concluir que a pregação ao povo era uma das preocupações principais da visita pastoral. Assim que chegasse, ele já pregava, mesmo à noite nas paróquias principais onde resolvia ficar; de manhã, na celebração da missa, fazia outra pregação ao povo; e outra ainda durante a cerimônia da Crisma que em geral era muito numerosa, de manhã ou à tarde. Diz Monsenhor D. Somaglia, pároco de Strevi: “Eu constatee que Dom Marelllo era incansável. Ele parecia não sentir o peso

da fadiga. Tendo as funções sido ininterruptas das seis da manhã até o meio dia [Missa de Comunhão Geral, de pregação, Crisma com discurso aos garotos antes e depois, missa solene cantada], ele não deu sinal de cansaço, nem de aborrecimento e nem de pressa”. Tais celebrações com garotos às centenas para serem crismados repetiam-se em quase todas as paróquias, sobretudo quando ele deveria ficar ali somente um dia. Já nas paróquias maiores ele ficava mais tempo, até três dias inteiros. Em qualquer lugar podia repetir-se aquilo que disse um pároco a respeito de sua paróquia: “Eu verifiquei no bispo Marelo grande preocupação com a pregação da Palavra Divina e ainda doçura e afabilidade, prudência e fineza com todos sacerdotes, leigos ricos e pobres”. A ele não tinha vergonha de se aproximar o povo e onde quer que passasse “suscitava, bondade, simpatia e veneração”.

8. Evidentemente aqui não é possível fazer um balanço de todo seu episcopado e nem passar adequadamente cada uma das etapas. Eu digo apenas que foram anos cheios de trabalho pastoral e de fadigas. Ele sempre calmo, sempre igual a si mesmo, porque havia mergulhado na vontade de Deus e vivia sob a luz divina, tanto que chegou mais de uma vez a fazer verdadeiros milagres e autênticas profecias que mais tarde foram rigorosamente avaliadas nos processos canônicos para sua beatificação. Ele possuía o dom da introspecção das almas e quando via uma pessoa nunca mais a esquecia. Lendo a sua biografia vocês encontram fatos que comprovam estas afirmações. Quero aludir aqui a valorização que fazia dos leigos num período de contrastes entre os católicos, divididos entre anticonciliatoristas e conciliatoristas, ou seja, entre defensores “Non expedit” pontifício e entre pessoas mais abertas como Monsenhor

Bonomelli de Cremona, Monsenhor Scalabrini de Piacenza, e o próprio Cardeal Alimonda de Turim. Monsenhor Pagella, como o arcebispo de Turim, não via com bons olhos a obra das confrarias e quando Dom Marelo fez o ingresso solene na diocese, ele deu ordens para que nenhuma associação daquele tipo aparecesse com os próprios estandartes pelas ruas de Ácqui. Dom Marelo encontrou-se por assim dizer, com as mãos amarradas pelo seu vigário, mas depois de alguns anos, em 1893, quando a obra das confrarias organizou uma peregrinação a Roma por ocasião dos 50 anos de episcopado do Papa Leão XIII, Dom Marelo quebrou as amarras, e juntamente com um bom número de diocesanos foi até Roma e depois a Pompei, revalorizando assim o movimento do Laicato Católico na diocese, sem todavia fazer declarações a favor de uma parte ou contra a outra, mas unicamente pensando no bem que devia aos peregrinos e em homenagear o Papa: “Pois se tratava de coordenar um grupo de diocesano e de apresentar ao Pai Comum a linda família de cerca de 50 [talvez] filhos” [L.246]. De acordo com um relatório feito posteriormente os peregrinos eram mais de 60. Naturalmente entre eles não estava o Monsenhor Pagella, mas Dom Marelo ficou contente da mesma forma e teria “também feito o convite ao Pe. Cortona se não fosse um impedimento para a aceitação dos seus compromissos de pregação” [L.246]. Vemos assim que quando se tratava de honrar o papa ou de obedecer-lhe, Dom Marelo era sempre o primeiro, e sabia superar todas as divisões de idéias e de pessoas.

9. Alargando os horizontes ao terreno político e social da época, poderíamos nos perguntar se Dom Marelo como bispo e como pessoa deve ser colocado entre os intransigentes que se opunham

aos afrontes do governo liberal maçônico e levavam adiante um laicato de protesto como eram então as obras das confrarias; ou então se estava aberto aos “Sinais dos tempos” que exigiam um presença maior dos leigos no campo político administrativo e social. A esta pergunta é necessário dar uma resposta complexa. Pessoalmente Dom Marelllo era um conciliador, mas trabalhou para comprometer o laicato católico até onde era permitido naqueles anos. De fato, no primeiro ano de seu Episcopado ele trabalhou para que católicos tivessem um representante nas administrações municipais quando não havia ainda o “non expedit”. E em parte ele atingiu seu objetivo, conseguindo convocar à Prefeitura de Monterratato o Conde César Balbo de Turim. Ao invés, para Ácqüi não tendo leigo preparado, não teve dúvidas de colocar na lista e mandar eleger um sacerdote, o Pe. Ivaldi, Ecônomo do seminário. Mas não foi além disso. Não fez campanhas para fazer pressão num sentido ou no outro, como fizeram outros bispos ou, sacerdotes: Isto não fazia parte de seu estilo porque ele era uma pessoa de concordia e pacificação. Ao invés, ele participou do 10º Congresso dos Leigos Católicos que aconteceu em Gênova em 1892. Lá ele encontrou os maiores expoentes do Movimento do Laicato Católico desde Paganuzzi a Medolago e Toniolo, três nomes que sozinhos mostram que o movimento possuía almas das mais variadas origens naqueles anos. Dom Marelllo foi um dos primeiros a perceber a necessidade da Ação Católica em Asti: Basta para isso lembrar a tentativa de em 1872 instituir a “Companhia de São José, promotora dos interesses de Jesus”. Ele não podia ser, portanto, contrário. Por outro lado, isso constituía um terreno movediço, e depois do Congresso de Gênova, no qual afirmou-se a linha social da Igreja com Medolago e Toniolo, a oposição às obras das confrarias foi

diminuindo aos poucos, tanto que o novo Arcebispo de Turim Dom Davi Riccardi, tornou-se abertamente seu válido sustentáculo. Depois do encontro de Gênova, os católicos procuram orientar a própria ação no campo social antes de tudo para não apoiar os liberais, que solicitaram ajuda deles contra o socialismo que avançava, e em 2º lugar para acolher os pedidos positivos de protestos dos operários e camponeses e antecipar de certa forma os socialistas na solução dos problemas que começaram a aparecer na sociedade industrial. Para voltar a Dom Marelllo, por vários testemunhos nós sabemos que ele tinha colocado como objetivo, uma vez que terminassem a visitas pastorais, de dedicar-se prioritariamente à Ação Católica, coisa que ele não conseguiu fazer porque morreu prematuramente. Sabemos que, enquanto isso, ele apoiava de todos os modos o aparecimento de obras sociais: Associações de apoio recíproco e sociedades operárias, cooperativas agrícolas, bancos rurais, etc. Estas obras tiveram seu crescimento mais forte depois 1894 e o Marelllo mal teve tempo de observar este desenvolvimento. Mas já durante as visitas pastorais dos anos anteriores, passando nas aldeias e vendo as necessidades do povo, ele corajava os párcos para trabalharem naquela direção. Para nós é suficiente um testemunho que encontramos no livro de G.Galliano, “Un testimone el suo tempo”: “Dom Lourenço del Ponte, que depois tornou-se bispo de Ácqüi, era Arciprete em Castelbogle, a aldeia com uma população de assalariados e meeiros, explorados como tantos outros pelos grandes proprietários de terras: Ele lembrava com que apreensão o bispo o exortava para criar o banco rural para ajudar aquele povo a libertar-se, para encontrar a possibilidade de construir a nova igreja paroquial e com que alegria ele o parabenizou pelo grande resultado nesta

obra corajosa e altamente social e libertadora” [Galliano,Vita, p.173].

10.Mas onde Dom Marelo não ficou atrás de ninguém foi no campo da caridade, no qual exercitaram muitos sacerdotes e leigos durante a segunda metade do século XIX na Itália. Lembramos de Dom Bosco em Turim e dos beatos Bartolo Longo e Ludovico da Casoria na região de Nápolis, para recordar somente aqueles que tiveram algum relacionamento embora indireto com o nosso Dom Marelo. Em Asti ele tinha manifestado sua caridade para com os pobres com a grande obra do Asilo de Santa Chiara, e não estamos longe da verdade dizer que esta foi uma das razões para ele ser escolhido bispo. Ele mesmo dava esta explicação a seus Oblatos dizendo: “Neste tempo difícil da Igreja na Itália, o Santo Padre costuma escolher como bispo sacerdotes que podem receber mais facilmente o “Regio Exequatur”; por isso vieram-me pescar no íntimo de uma obra de caridade” [Carandino]. No contexto do tempo, esta era uma explicação válida, e nós a recebemos diretamente do interessado, o próprio Dom Marelo. De fato, eram muitos os bispos que não tinham recebido o “Regio Exequatur”, enquanto ele conseguiu bem depressa no dia 19 de maio de 1889. Este fenômeno de suas obras de caridade em Asti teve um grande peso positivo também para a acolhida de Dom Marelo em Ácqui, como demonstra as seguintes palavras pronunciadas por Monsenhor Pagella no seu ingresso: “Já são bem conhecidas no âmbito da diocese vossas maneiras agradáveis, a vossa conversação bondosa, a calma nas tarefas realizadas com grande sabedoria e o carinho e a delicadeza que fostes circundado na cidade de Asti por uma multidão de infelizes e desprezados que foram alimentados e consolados pela vossa caridade, que vos

consideram como um anjo de Deus e que agora chorando a vossa partida de Asti, são para nós um testemunho e um penhor da nossa sorte”. E isto era verdade, porque a caridade foi o fio condutor da sua vida desde criança, quando dava comida aos pobres e ainda agora em Ácqui, onde continuou a se preocupar com os necessitados, enviando ao Asilo de Asti as pessoas pobres e doentes [“la mutolina di Siena”,L.201], seja atendendo aos pobres que batiam à sua porta e para os quais havia uma quantia diária para lhes ser distribuída. Quando ele morreu foram eles, os pobres, que lhe fizeram o melhor elogio fúnebre. Chorando, uma mulher gritou no meio da multidão: “Morreu o pai dos pobres!” E o Cônego Bianchi lembrou nos processos de canonização que junto a umas das portas da Casa Episcopal os pobres que ele ajudava choravam a morte de seu benfeitor e pareciam frangos perdidos”, exatamente como filhos que houvessem perdido o pai. Na cripta que serviu de sepultura a Dom Marelo em Asti até 1978, encontrava-se esta frase : “*Ao Apóstolo dos jovens - Ao Pai dos Pobres*”. Neste dois títulos está resumida toda a vida de Dom José Marelo.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

XIV - BISPO E PASTOR

- 1 - A nomeação a Bispo vista em retrospectiva.
- 2 - Sabedoria de Mons. Marelo para com a Congregação e para com a Diocese no momento delicado do seu ingresso na Diocese de Acqui.

- 3 - O seu programa episcopal. Homem de união e de paz.
- 4 - A caridade pastoral nas visitas às paróquias da Diocese.
- 5 - O Bispo Marelló e o leigo católico na diocese.
- 6 - O Bispo Marelló no campo social.
- 7 - Apóstolo dos jovens - Pai dos pobres.

Capítulo XV.

AS REGRAS

1877 - 1892

“A quem [...] desejar seguir mais de perto o Divino Mestre com a observância dos conselhos Evangélicos, está aberta a Casa de São José...”.

1. A “fidelidade criativa” de que fala a exortação apostólica “Vita Consecrata”, consiste em “repropor com coragem o arrojo, a imaginação e a santidade dos fundadores. [...] Este convite é antes de tudo um chamamento à perseverança no caminho da santidade, mesmo nas dificuldades materiais e espirituais que marcam os acontecimentos da vida de cada dia”. Caros confrades, perseverar não significa ficar parados; significa caminhar adiante na santidade, sem se deixar distrair pelo mundo e nem pelas dificuldades que encontramos constantemente no nosso caminho. Perseverando assim, nós crescemos interiormente e nos tornamos cada vez mais capazes de “cultivar uma fidelidade dinâmica na nossa missão”; mas não sozinhos: com a graça de Deus e o apoio da comunidade, convencidos de que não é possível nenhum progresso sem uma “conformidade sempre maior com o Senhor”, para estar e “permanecer fiéis à inspiração original”. O número 37 de VC [Vita Consecrata], depois de nos ter proposto estas considerações, concluiu com grande sabedoria com um chamamento das Constituições do próprio Instituto Religioso, pois somente tendo presente as próprias Regras, é possível realizar um trabalho tão difícil e delicado na vida de consagrados. Leiamos juntos esta passagem importante: “Com este espírito torna-se hoje obrigatória para cada Instituto a necessidade de uma renovação com respeito a Regra, porque nela e nas Constituições se encontra um itinerário de seguimento qualificado por um carisma específico autenticado pela Igreja. Uma maior consideração da Regra não

deixará de oferecer às pessoas consagradas um critério certo para buscar formas adequadas de um testemunho que possa assim responder às exigências do momento presente, sem se afastar da inspiração inicial”.

2. O convite para uma “maior consideração” da Regra leva-nos a considerar o pensamento do Fundador a respeito deste assunto, procurando encontrar na sua vida bases certas sobre as quais se construíram em seguida as nossas Constituições e os vários Regulamentos Gerais. Antes de mais nada nós possuímos as Regras contidas no “Esboço da Regra Fundamental” de 1877; em seguida devemos considerar as “Regras da Congregação de São José” de 1892, porque estes dois textos foram em seguida completados pelas várias edições das Constituições, antes aquelas de 1901 na época da Aprovação Diocesana, depois aquelas de 1909 por ocasião da Aprovação Pontifícia da Congregação; em seguida com a edição de 1927 depois da publicação do Código de Direito Canônico; finalmente naquelas definidas em 1987, no fim da revisão exigida pelo Concílio Vaticano II. Olhemos portanto com atenção para a vida do Bem-aventurado José Marelló e para as Regras que ele nos deu. Não estudaremos em profundidade o valor de cada Regra, tomada individualmente, mas analisaremos a lenta evolução deste argumento e as motivações que se seguiram. Já o primeiro indício de Regra de 1877 leva o título significativo de “Esboço”, porque quer ser apenas uma “proposta de intenções” sobre a qual construir a Congregação e em seguida dar-lhe uma Regra forte. Se olharmos depois as Regras escritas de 1892, elas nos aparecerão como um “testemunho efetivo da vida”, dos primeiros Oblatos, mais do que um instrumento de trabalho ou um código de vida oficial. Não encontramos em toda vida do

Fundador outros indícios de Regras escritas, e portanto sobre estas duas é que devemos refletir para entender como se formaram as Regras sucessivas na Congregação.

3. Considerando estes dois textos que acabamos de citar, a primeira impressão que temos é que o Fundador se ocupava, antes de mais nada, de dar um fundamento espiritual bem sólido à Instituição que havia iniciado, mas que ele não tinha pressa de escrever uma Regra propriamente dita, ou seja, de codificar tudo aquilo que ele ia ensinando, dia por dia nos dezessete anos em que viveu depois da fundação da Congregação. Por isto eu creio que os dois textos que examinamos não podem ser exaustivos de todo o seu pensamento, mas que devem ser integrados com as normas de vida que ele ia inculcando, antes de tudo de viva voz, quando estava em Asti, e depois por carta, quando de Ácqui escrevia aos Oblatos. Na história das Ordens e das Congregações Religiosas é regra geral que os fundadores não preparem logo as Regras, mas que se preocupem mais de infundir o próprio espírito aos membros do seu Instituto. Eles viviam sobre o influxo do Espírito Santo no momento criativo da Congregação e escrever logo as Regras teria sido como circunscrever a ação carismática do Espírito e limitar o desenvolvimento que aos poucos se manifestavam e enriqueciam de novo os dons a obra que eles estavam construindo. A Regra era a codificação de todas as manifestações do Espírito e por isso só podia ser a última fase do trabalho dos fundadores. E na prática da época a Regra deveria aparecer como a marca de tudo o que havia surgido por caminhos carismáticos e deveria servir no momento de apresentar a solicitação para a aprovação canônica da Igreja. É lei comum na Igreja que antes devem vir os carismas e depois a Igreja deve sancioná-los com o seu juízo para garantir com

segurança que são dons de Deus. Muitos fundadores conseguem levar a termo todo este longo caminho desde a fundação até a aprovação. Ao contrário outros como o Marelo, param na primeira parte que de alguma forma é a mais importante para se chegar à segunda. Numa reunião no Castelo de Frinco em 1894, Dom Marelo juntamente com Monsenhor José Pagella, o Pe. Pedro Peloso e os sacerdotes da Congregação, haviam estudados juntos a possibilidade de fazer alguns passos para obter a primeira aprovação oficial da Congregação, e por conseguinte também uma Regra própria. As motivações de Dom Marelo eram duas: era necessário dar um título canônico aos clérigos para eles serem ordenados sacerdotes na Congregação, e depois era necessário chegar a uma independência econômica como Instituto, sobretudo depois da compra do Castelo de Frinco. Tiveram que constatar, todavia que ainda faltavam algumas condições para ir adiante e que precisava antes de tudo resolver estas. O assunto foi adiado, e no ano seguinte morreu o Fundador, sem ter podido resolver o problema. Será o Bispo Dom Jacinto Arcangeli, em 1901, que irá conceder a primeira aprovação diocesana. Com estas condições podemos explicar também porque o Fundador não escreveu um verdadeiro texto de Constituições, como irá acontecer seis anos depois da sua morte. Podemos fazer uma comparação com a vida de São José. No documento “Redemptoris Custus”, o Papa João Paulo II fala da “peregrinação da fé” e afirma que esta foi “o caminho de José” tal qual e juntamente com o caminho de Maria. Existe todavia uma diferença em comparação a Maria: “A sua peregrinação da fé termina antes, isto é, antes que Maria pare aos pés da cruz no Gólgota, e antes que Ela - após Cristo ter voltado ao Pai - se encontre no Cenáculo, no Pentecostes no dia em que a Igreja se manifesta ao mundo, tendo nascido do Espírito de Verdade” [nº

6]. Eis, então que igualmente a missão de Dom Marelo a respeito da Congregação foi um peregrinar constante na fé e que a sua vida a imitação daquela de São José, humanamente falando, terminou antes que ele pudesse ver a sua Congregação chegar a perfeição. Deus pedia-lhe isto e esta foi a sua vida: a vida dos dois José. Assim como não podemos dizer que a vida de fé de São José tenha sido menos perfeita, assim também foi perfeita, embora não tivesse sido completada, a obra do nosso Fundador com respeito à Congregação.

4. Dito isto nós compreendemos o valor que tem para nós o primeiro “Esboço de Regra” de 1877, porque nele o Fundador infundiu toda a sua espiritualidade, seja dando importância aos valores fundamentais da vida consagrada, quais as práticas dos conselhos evangélicos e a vida comunitária, seja apresentando o específico da vida Josefina, na “Casa de São José”. Neste texto de cerca de duas páginas existem os elementos comuns a todos os religiosos e os elementos próprios da Congregação: ambos se fundem na seqüela de Cristo, tendo como pano de fundo a vida de Nazaré, onde São José vivia de forma escondida e santa, trabalhando com Jesus e Maria. Assim o Bem-aventurado José Marelo queria que os Irmãos de São José vivessem plenamente a prática dos conselhos evangélicos, e imitassem o seu Padroeiro São José fazendo da própria comunidade uma cópia da Família de Nazaré. Naquele tempo não havia nada mais no texto: não havia normas quanto à formação, ou quanto ao governo e nem acenos quanto às atividades apostólicas que deveriam exercer os primeiros Oblatos. Estes pontos vão se desenvolvendo na prática da vida dos Oblatos sob a guia vigilante do Pai e Fundador que nos primeiros dez anos pôde segui-los pessoalmente e orientá-los em tudo, antes de se transferir para Ácqui como Bispo. É por isto

que o Pe. Ângelo Rainero, grande estudioso do Marelllo, viu na vida do Fundador, três etapas que ele acertadamente chamou de “Regra Exemplificada”, “Regra Falada” e “Regra Codificada” [cf. Cert. e Ap., 1967/7, p.2]. E acrescentava: “Devemos esforçar-nos para estudar diligentemente aquela Regra, nas suas três principais realizações e manifestações”.

5. A “Regra Exemplificada” deveria ser a mais eficaz para os primeiros Irmãos e consistia no exemplo que o Marelllo dava com a sua vida, razão pela qual eles podiam olhar para ele, como para a regra viva do Instituto. O Fundador é colocado também à nossa frente como o exemplo do programa de vida que ele nos apresentou. Explica o Pe. Ângelo Rainero: “Portanto, o exemplo do Fundador deverá constituir sempre uma parte muito importante do código de vida religiosa da nossa Congregação, para fazer reviver em nós os exemplos da sua vida”[ivi]. O Pe. Lourenço Franco recorda que “a sua maneira de falar nos conduzia ao sobrenatural, mas era sobretudo o seu modo de agir que nos encantava”. Encantava: está é uma palavra muito forte, porque ele era para eles a regra viva que se tornava regra vivificante, pela força misteriosa do bom exemplo, ou como se diz hoje, do testemunho. Assim continua o Pe. Angelo Rainero: “A estes exemplos é preciso acrescentar os ensinamentos que o Fundador dispensava constantemente aos seus discípulos”, seja em forma coletiva, com palestras que ele dava cada semana e até com maior frequência, seja individualmente nas diversas circunstâncias, admoestando, exortando, corrigindo e mesmo repreendendo quando havia necessidade. Vários ensinamentos destes foram conservados e transmitidos também na sua forma verbal; ao contrário, a maior parte nos foi transmitida pela realização e a prática pessoal no sentido que os primeiros

discípulos os assimilaram com grande diligência e depois - segundo a linda expressão de Mons. E. Mignone - “traduzidos em alimento substancial tornando almas da própria alma e guia eficaz para a união com Deus”. Eis então como a “regra exemplificada” conjuntamente com a “regra falada”, ou seja, com os exemplo e os ensinamentos do Fundador imitados e praticados por aqueles discípulos fiéis que foram os primeiros Oblatos e que chegaram a nós, através de seus ensinamentos e exemplos, constituíram “aquelas sadias tradições e ótimos costumes, que fazem parte do patrimônio espiritual do nosso Instituto, patrimônio que foi enriquecido e completado ainda pela regra codificada”, que o próprio Fundador fez e que os primeiros superiores completaram e a secundaram na formação e no governo da Congregação.[...] Antes de codificar as regras que pretendia deixar para o seu Instituto, o Fundador quis, por assim dizer, testá-las e quase experimentá-las na prática seguindo de perto a vida e o desenvolvimento do seu Instituto.

6. Antes que Dom Marelllo partisse para Ácqui os Irmãos suplicaram-lhe que escrevesse para eles as Constituições; e ele respondeu: “Também ao Bem-aventurado Leonardi, fundador dos sacerdotes da grande Mãe de Deus, foi solicitado pelos seus que escrevesse as Constituições. E o Bem-aventurado Leonardi, um dia atendendo ao pedido, os reuniu, e pegando uma folha de papel, disse: “Escrevamos as Constituições, e escreveu na folha apenas uma palavra: “*Obediência*”. Por ora - concluía o Servo de Deus - eu vos digo a mesma coisa” [SIC, 698]. O Pe. Lourenço Franco confirma: “O Pai não escreveu nem Constituições e nem Regulamentos: ele insistia na obediência que deveria tomar o lugar de tudo” [SSV, 895]. E o Pe. Cortona diz: “Ele não fixou as Regras, deu somente o método cotidiano

de vida que fixava as várias práticas de piedade, as horas de trabalho, etc”[SIC, 948]. O Pe. L. Garberoglio também apresenta algumas lembranças interessantes: “Eu sei que o Servo de Deus, sempre com muita doçura mantinha imutável a orientação da Congregação. [...] Ele abundava na instrução espiritual aos seus filhos e os motivava para a comunhão freqüente; não se esquecia de visitar os doentes e no tempo certo se preocupava para que recebessem o conforto religioso.[...] Em casa havia confessores ordinários, mas o Servo de Deus queria que alguém viesse sempre de fora. [...] A cada ano queria que houvessem os exercícios espirituais” [SSV, 779]. Poderíamos juntar muitos outros testemunhos semelhantes a estes e todos juntos chegariam a construir o esqueleto das nossas tradições e portanto, das normas que depois foram codificadas nos vários textos que possuímos.

7. Devemos todavia dizer ainda alguma coisa sobre a “regra codificada”, se assim queremos chamar as regras que desde 1892 circulavam entre os Irmãos e das quais encontramos traços numa carta de Dom Marelo do dia 23 de novembro de 1889: “Ao Pe. João [Medico]: que ele também estude, juntamente com o Pe. Barata, as regras que devem ser feitas. Com toda a minha boa vontade eu tenho pouco tempo, mesmo que as noites sejam compridas... Com seus longos braços, o Eminentíssimo Pe. Carandino como de costume torne-se o ajudante universal” [L. 170]. Foi assim que nasceram aquelas Regras, graças ao trabalho dos primeiros Oblatos e que Dom Marelo fez suas, acrescentando algumas correções gramaticais. Ele mesmo havia mandado fazer uma pasta de couro que pendurava no pescoço e que continha as Regras da Congregação. Assim foram encontradas no seu corpo depois da morte. Eram regras

verdadeiras e fundamentais, embora ainda fossem de uso privado, como afirma o Pe. Bartolomeu Pozzi: “Nós as considerávamos com carinho, pelo menos como coisa particular”, ou seja, como documento de Espiritualidade Josefina e como norma de vida disciplinar e ascética. Havia naquelas Regras toda a riqueza da boa espiritualidade infundida pelo Fundador nos primeiros Oblatos e sob este ponto de vista eram muito consideradas e veneradas. Naturalmente havia nelas um limite, porque eram ainda Regras de uso pessoal, não tendo a aprovação formal por parte da autoridade. Escrevia o Pe. Cortona em 1901, numa carta dirigida ao Bispo Dom Jacinto Arcangeli: “O Regulamento foi composto pelo nosso Fundador e foi aprovado pelo menos verbalmente por Dom Ronco. Agora, porém foi preparada uma Regra mais ampla e detalhada e fazemos votos que ela seja aprovada por Vossa Excelência”.

8. A conclusão desta exposição histórica sobre a vida do Bem-aventurado José Marelo e dos primeiros Oblatos nos obriga a dizer que nós temos em mãos todos os elementos daquilo que o Código de Direito Canônico chama “Patrimônio do Instituto”, isto é, “o projeto do Fundador [...] com relação à natureza, ao fim, ao espírito e ao caráter da Congregação e ainda às suas tradições” [cf. Can 578]. Por fim temos as Constituições, preparadas e aprovadas de acordo com as indicações do Concílio Vaticano II, que espelham o pensamento do Fundador e as exigências da Igreja. Nosso dever é agora conhecê-las e praticá-las. O Bem-aventurado José Marelo recomendava a prática das Constituições à uma Irmã da Obra Pia Milliavacca, em 1881, desta maneira: “Jesus foi o grande obediente! Oh, como aquelas comunidades que se permitem a desobediência de qualquer forma e que transgridem a própria Regra vão rapidamente

decaindo, e Deus as dispersa e dissipa como pó da estrada! Ai! Ai! Muitos pecados de religiosos supostamente santos começaram por uma desobediência e por um capricho de amor próprio. Ah, não podemos transgredir nem um ponto da Regra. Pelo amor de Deus! Terminaríamos por esmorecer e cair, como caíram grandes colunas da Igreja. Coragem! Obediência aos Superiores, ao confessor e a todas as Regras, todas! [Scr., pg. 245].

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

XV - AS REGRAS (1877 - 1892).

1 - A via dos dois José é antes de tudo caminho na fé.

2 - As regras de vida nos exemplos e ensinamentos do Fundador.

3 - Muitas tradições das origens entraram nas Constituições. Quais?

4 - Como se formaram as primeiras Regras escritas.

Capítulo XVI.

A PROVAÇÃO EXTREMA

“Benditas sejam também as trevas, quando são condensadas pela mão de Deus”.

1. O Bem-aventurado José Marelló escrevia no dia 26 de março de 1895, dois meses antes de morrer: *“De um tempo para cá, não me faltam aborrecimentos e amarguras que me são causados pelas pessoas com as quais eu gostaria a todo custo de viver sempre em perfeito acordo. Infelizmente um problema simples se tornou complicado de tal maneira que não existe mais esperança de resolvê-lo sem a intervenção da autoridade. Deus assim permite, e seja feita a sua adorável vontade”* [L. 279]. Eu sei que vou agora enfrentar um dos problemas mais delicados da vida do nosso Fundador, sem dúvida aquele que o fez sofrer mais que qualquer outro, como podemos compreender das suas palavras ao Procurador

Advogado Filipe Graglia de Asti. Até hoje se falou disso com uma certa reserva para não abrir uma chaga que fez jorrar sangue do coração de Dom José Marelllo, mas que foi sem dúvida uma prova também para outra parte, ou seja, a Pequena Casa da Divina Providência, fundada por São Benedito Cottolengo em Turim. A um certo momento a questão assumiu uma tal gravidade que envolveu não somente os Superiores da Pequena Casa, mas também o Bispo de Asti Dom Ronco e outros Bispos e sacerdotes. Não queremos agora fazer uma revisão histórica daqueles fatos, como eu escrevi na Biografia, para a qual eu encaminho quem quiser conhecer melhor os acontecimentos. A minha intenção é somente de esclarecer e colocar às claras a grande virtude do Marelllo, o qual passou pelo sofrimento praticando sempre a caridade e com uma confiança ilimitada na ajuda de São José. Deus prova os seus santos com o sofrimento, e a santidade do Bem-aventurado José Marelllo brilha sobretudo na última parte da sua vida pela maneira como soube carregar a cruz, razão pela qual mereceu o título de “Mártir da Caridade”.

2. Vamos antes dar uma olhada nos fatos que deram origem ao problema. Um tal João Cerratto abriu em Asti um Asilo para velhos, e em 1875 chamou para lá as Irmãs Vicentinas do Cottolengo, com a promessa de transferir mais tarde tudo para a Casa do Cottolengo de Turim. Mas depois de três meses, as Irmãs se haviam retirado por falta de entendimento com o Cerratto que continuava a agir como o Diretor do Asilo. O Asilo continuou de qualquer maneira com o pessoal leigo, até que o Cerratto passou a propriedade para os Cônegos Sardi e Marelllo, e pouco depois morreu, no ano de 1883. Após a sua morte os dois Cônegos chamaram novamente as Irmãs Vicentinas, as quais voltando para Asti no ano seguinte passaram para a Casa de

Santa Chiara, juntamente com os hóspedes. Em seguida foi comprado o ex-Mosteiro de Santa Chiara, em nome de quatro Cônegos: Bertagna, Sardi, Marelllo e Bellino. Tratava-se de uma propriedade civil, porque a Igreja não podia possuir bens, estando ainda em vigor as leis da eliminação dos bens eclesiásticos. Na realidade, para fazer esta compra o Bispo de Asti, Dom Ronco tinha pedido a autorização a Santa Sé, comprometendo-se a restituir a igreja ao culto e a usar a casa para fins religiosos. O Decreto da Santa Sé [11 de maio de 1883] concedia a licença ao Bispo de Asti, segundo o teor do seu pedido e confiava a ele a execução das condições “*pro suo arbitrio et conscientia*”, quer dizer, “de acordo com o seu juízo e a sua consciência”. Como podemos verificar, não é justo dizer, como às vezes se afirma que o Cônego Marelllo comprou a Casa para os seus Oblatos, pois ele naquele momento era um dos quatro titulares, de acordo com o direito civil. A casa era um bem que pertencia a Igreja e como tal devia permanecer. Depois da compra tratava-se de encontrar um Instituto Religioso que facilitasse o funcionamento da Igreja e assumisse a direção e a administração do Asilo. Depois de várias buscas sem resultado, o Vigário-Geral Bertagna dirigiu-se ao Marelllo para que ele se tornasse o responsável, juntamente com os Irmãos de São José. O Cônego Marelllo “não encontrou dificuldade em aceitar [isto é, aceitou de boa vontade], mas com a condição explícita e a conseqüente garantia por parte do Ordinário Diocesano que o Instituto de São José, aceitando aquela tarefa teria conservado a própria autonomia e teria mantido a liberdade, embora morando ali, de alargar o campo e o trabalho próprios da sua fundação, de acordo com o espírito e os princípios das origens” [Scr., pg. 151]. Em 1884, os Oblatos transferiram-se do Michelerio para Santa Chiara; começaram a fazer funcionar a igreja e a casa;

aliás, abriram também um pequeno Internato, no princípio com cerca de vinte seminaristas do primeiro ano, porque no Seminário Diocesano não havia um professor para eles [é preciso lembrar que naquele ano o Cônego Marello era também encarregado do seminário e conseguiu um sacerdote cego como professor, pedindo-lhe para viver em Santa Chiara].

3. Até aqui ainda não aparece a Pequena Casa do Cottolengo de Turim; mas tinha aparecido no pagamento da primeira prestação com uma grande importância de vinte e seis mil liras, sobre um total de cem mil, que se devia pagar em prestações, durante dez anos. Para a primeira prestação contribuíram também o Marello com duas mil liras, e o Cônego Bertagna com um empréstimo semelhante com sete por cento de juro. As prestações seguintes, como também todos os trabalhos de adaptação dos locais de melhorias e de ampliação, foram sempre pagos pelo Marello, que aí colocou a sua herança que havia recebido de Dom Savio e as ofertas que recebia, a maior parte das quais eram empréstimos de confiança. A Pequena Casa do Cottolengo afirmava ter direitos sobre a propriedade da casa com base na antiga promessa do Cerrato, que como já vimos, tinha sido anulada por ele mesmo, e também com base especialmente na importância oferecida para a compra, embora o Pe. Bosso tivesse dito que era dinheiro de um benfeitor, porque a Pequena Casa não podia adquirir nada. A questão se embaralhou sobre estes pedidos, e o teor do Decreto Pontifício que encarregava o Bispo de Asti de administrar a Casa como um bem inalienável da Igreja. No final a solução da questão vai ser exatamente esta, quando a Congregação dos Bispos e dos Regulares declarará por sentença e dirá que com base no Decreto, a Casa de Santa Chiara é um bem eclesiástico que depende do Bispo de Asti. Mas enquanto isso a questão era

fonte de mal entendidos e de tantas discussões que não levaram a nada, aliás serviram ainda mais para aumentar o problema.

4. Para entendermos melhor o que Dom Marello tinha a ver com esta questão, que no final das contas, era uma questão entre o Bispo de Asti e a Pequena Casa de Turim, é preciso entender que Dom Ronco não compreendia bem os termos do problema, porque quem havia feito o contrato tinha sido o seu Vigário Geral o Cônego Bertagna o qual em 1884 tinha sido nomeado Bispo auxiliar de Turim e tinha deixado tudo nas mãos do Cônego Marello. Depois de alguns anos, Dom Bertagna quis libertar-se também do título civil, e o deixou a um sacerdote da Pequena Casa de Turim, e nisto foi imitado por Dom Sardi, que também tinha se afastado de Asti, tendo sido nomeado Bispo de Pinerolo. A esta altura não podemos excluir que tanto Dom Bertagna como Dom Sardi tivessem a intenção de doar tudo a Pequena Casa. Mas, com qual autoridade? Mais tarde Dom Ronco irá dizer que nunca o consultaram a respeito disto e que de qualquer forma não existia nada por escrito a este respeito. Infelizmente a indecisão de Dom Ronco colocava em grave dificuldade Dom Marello, que não encontra nele um apoio convicto na defesa dos próprios direitos.
5. Consequentemente a questão tinha caído em cima de Dom Marello, que com os seus Oblatos, parecia agora verdadeiro obstáculo à avidez da Pequena Casa de Turim. Nas condições atuais o problema não era mais somente uma discussão sobre quem era o proprietário da Casa de Santa Chiara; a questão envolvia os Oblatos que estavam na Casa e que aumentavam cada vez mais. Era necessário evitar tudo isto, o que poderia ser feito de duas maneiras: afastando-os ou incluindo-os a fazer parte da família do Cottolengo. É a respeito disto que surgiram

as maiores preocupações do Fundador, que permaneceu sempre decidido a defender a plantinha da Congregação, mesmo quando ele vivia longe como Bispo de Ácqui. Ele poderia entregar tudo, mas não ao ponto de anular a Congregação, fazendo-a passar como uma espécie de filial da Pequena Casa do Cottolengo. Num clima assim tão hostil, qualquer contraste com as Irmãs Vicentinas se tornava uma faísca capaz de acender o fogo que se escondia debaixo das cinzas. Por exemplo Dom Marello, antes de partir de Asti, havia entregue a Medalha de São José à algumas jovens, encontradas graças à atividade apostólica do Pe. Barata. O ato foi interpretado como uma tentativa de querer passar para trás as Irmãs Vicentinas na assistência aos doentes, enquanto o Marello tinha uma simples intenção de instituir um ramo feminino na Congregação dos Oblatos de São José. Assim que ele partiu de Asti, a Superiora das Irmãs tirou a Medalha daquelas jovens [o Marello nas cartas as chamava de “Probandas”] e do ramo feminino não se falou mais nada. No dia 23 de novembro de 1889, ele assim escrevia de Ácqui: “O mal entendido a respeito das Irmãs, como Deus quis, já acabou. Percebemos de perto que do nosso lado existe boa disposição para ir de encontro ao Padre [Bosso] atendendo todos os seus desejos e que nós estávamos bem longe [distantes] de querer humilhar as Vicentinas” [L. 173].

6. Todavia, enquanto viveu o Pe. Bosso, as coisas caminharam com calma e prudência, porque ele era um homem de grande santidade, que estimava o Marello e recebia em troca a mesma estima e grande afeto. Depois da sua morte, que aconteceu no dia 05 de março de 1891, a fogueira se acendeu com o seu sucessor, o Pe. Roetti e aumentou em 1893, após a compra do Castelo de Frinco. Essa compra foi julgada como uma ação autônoma por

parte da Congregação e de Dom Marello, como se tivessem usado o dinheiro dos pobres de Santa Chiara sem consultar antes a Pequena Casa de Turim. Na realidade o Castelo tinha sido comprado com dinheiro advindo das apólices do Pe. Carandino, que tinham sido depositadas na Cúria Diocesana para constituir o dinheiro indispensável para chegar às Ordens Sagradas: tratava-se agora de investi-las em bens imóveis, dos quais ficava proprietário pelo menos com o primeiro nome o próprio Pe. Carandino [que foi também sempre o Reitor daquela casa]. O problema era aquele de sempre: queriam absorver a Congregação, mas como esta começava a ampliar-se fora, além de Santa Chiara, isto se tornava muito difícil. “O patrimônio dos homens de Deus é a cruz, comentava a este respeito o Pe. Cortona, e debaixo dela não nasce nenhuma flor que não seja regada pelas lágrimas e pelo sangue”.

7. O encontro entre o Superior da Pequena Casa e Dom Marello aconteceu em Asti no dia 20 de setembro de 1893, mas não se tirou nenhuma conclusão, como aparece numa carta do Pe. Cortona a Dom Marello: “Depois da palestra que Vossa Excelência teve com o padre [da Pequena Casa], este disse que se nós quiséssemos colocar os Irmãos em Frinco, ele teria apresentado novas queixas. O que são estes Irmãos, perguntou ele? Se são clérigos, que vão ao Seminário; de outra forma, que vão para a própria casa”. Estas palavras foram escutadas pelo novo Pró-Vigário Geral, o Cônego G. Gamba, que as contou ao Pe. Cortona. Ele mesmo tendo mais tarde sido nomeado Arcebispo de Turim, declarará nos processos: “Os Irmãos de São José compraram o Castelo de Frinco, onde foi aberto um outro Colégio Interno, sem que a Pequena Casa fosse informada disso. Daqui surgiram as discórdias” [SSV, doc.pg 353].

8. A proposta de anexar os Irmãos de São José à Congregação do Cottolengo apareceu clara num outro encontro que aconteceu em Turim, entre o Pe. Cortona e o Pe. Ferrero, Vigário do Pe. Roetti. Segundo Pe. Cortona, o Pe. Ferrero propôs “que seria uma coisa ótima se eles se juntassem; e que se poderia fazer o bem em grande escala; Que já possuía vários lugares onde colocá-los [...], um bem imenso que se poderia fazer se estivessem juntos”. O Pe. Cortona informou Dom Marello também sobre a sua resposta: “Eu ouvi tudo dizendo que nós éramos filhos da obediência, dispostos a fazer aquilo que Vossa Excelência pensasse que fosse o bem”. Mas enquanto isso o Pe. Ferrero tinha conseguido de Pe. Cortona a promessa imprudente de lhe apresentar todas as contas da administração de Santa Chiara e Dom Marello se queixa disso assim: “Publicar as contas da Casa, especificadas em todos os detalhes e expostas permanentemente ao exame de pessoas pelas mãos das quais passará o escrito onde estão contidos é uma coisa que a prudência geralmente não sugere ou permite apenas com muitas cautelas. E nas nossas circunstâncias há outras razões especiais para sermos reservados que a Providência nos impõem ao querer deixar conhecer a outros a situação da casa” [L. 262].
9. Em maio de 1894 morreu também o Pe. Roetti, e o Pe. Ferrero tornou-se cada vez mais duro nas suas exigências. Além disso parecia que Dom Ronco estava do lado da Pequena Casa com a intenção - dizia o Cônego Gamba - de desfazer tudo. Dom Marello previa já há tempo que o barquinho da Congregação estava em perigo, e como primeira coisa passou o título da propriedade civil ao Pe. Cortona e pensava ainda naquilo que poderia fazer para salvar a Congregação do naufrágio. Foi então que se reuniram em Frinco, longe de olhares indiscretos

Dom Marello, Mons. Pagella seu Vigário Geral, o Pe. Peloso seu secretário, com os sacerdotes Oblatos, para estudar se era possível proceder a Aprovação da Congregação. Tendo examinado o caso, Mons. Pagella, que era perito em direito, concluiu que era necessário antes de mais nada possuir uma sede estável, não disputada e que teria sido conveniente também abrir alguma casa fora da Diocese de Asti. Era então necessário esperar e ainda dialogar. No dia 26 de outubro de 1894, Dom Marello escrevia assim ao Pe. Cortona: “A respeito dos Irmãos de São José, a escuridão vai aumentando cada vez mais; escuridão que quase nos impede de caminhar com segurança. E benditas sejam também estas terríveis trevas, se as condensa a vontade de Deus. Caminharemos com confiança no escuro, pensando que os anjos nos guardam e não nos deixam tropeçar. Se não pudermos correr e nem caminhar a passo de homem, caminharemos às apalpadelas, mas certamente ficaremos em pé. Mas quando vai chegar a luz? Este é o segredo de Deus. Podemos suspirar esta luz como se suspira a aurora do novo dia, mas como está, nós não podemos acelerá-la nem um instante. Todavia devemos manter o olhar vigilante para o oriente, exatamente para aquele ponto de onde pode aparecer a luz da manhã, para que não a troquemos com a aurora boreal que engana o peregrino” [L. 272].

10. Houve um tempo em que voltou o diálogo entre o Pe. Cortona e o Pe. Ferrero, num encontro em Turim no dia 11 de novembro. A proposta do Pe. Ferrero era a mesma: [o Padre] procurava saber “qual fosse o desejo de Vossa Excelência. Eu lhe respondi que a vontade exata de V. Excia eu não a conhecia, mas que julgava que V. Excia queria antes de tudo, ouvir a sua proposta e depois ver se poderia ser aceitar ou se

convinha fazer outra. Enquanto isso ele me pediu qual era a finalidade da Congregação, e tendo a minha resposta, disse que era impossível obter-se essa finalidade em forma absoluta, impossível por causa dos mestres, por causa dos ecônomos e por causa dos vice-párocos nos dias de festa. Ele me falou das dificuldades quase insuperáveis para conseguir a aprovação da Congregação, e gastou mais ou menos duas horas para me convencer que teria sido melhor formar os irmãos para serem enfermeiros e os padres ordenar somente 7 ou 8, quantos fossem necessários para casa. Disse ainda que teria sido melhor em Santa Clara acrescentar ainda 2 famílias, uma para os surdos e outra para os cegos natos. Creio que nestes conselhos que ele me deu está evidente a sua intenção, que por outro lado já esperávamos”. De acordo com esta proposta a Congregação deveria mudar de finalidade: tornar-se uma Congregação de irmãos enfermeiros, como os irmãos do Cotlengo, para cuidar do asilo e abrir-se para atividades de assistência às crianças com defeitos, de acordo com as finalidades da Pequena Casa; 7 ou 8 sacerdotes para as necessidades da comunidade, portanto, os outros não seriam sacerdotes. Este era o plano que o Pe. Ferrero queria apresentar.

11. A esta altura D. José Marelló mexeu-se pessoalmente. Antes foi a Asti para se aconselhar com D. Ronco. Em seguida foi a Turim onde se encontrou com Monsenhor Bertagna e depois com Pe. Ferrero. O encontro com o Pe. Ferrero teve o êxito de colocar sobre a mesa com clareza a proposta da fusão das duas Congregações. D. Marelló recusou com veemência a proposta. O Pe. Ferrero então propôs que D. Marelló compensasse a Pequena Casa pelas despesas que tiveram em

Asti, pagando 50 mil liras, e ele deixaria livre os irmãos e a própria casa. D. Marelló concluiu que sobre este assunto conversaria com D. Ronco e depois lhe daria a resposta. Sempre titubiante, D. Ronco propôs mais uma vez a mediação de Monsenhor Bertagna. D. Marelló sempre obediente voltou a conversar com Monsenhor Bertagna. Ouviu as mesmas coisas: ou seja, a alternativa entre a fusão das duas Congregações e a compensação à Pequena Casa. Mas percebeu que a segunda proposta era somente para ganhar tempo e que Mons. Bertagna estava do lado da primeira solução.

12. No dia 11 de janeiro de 1895 encontraram-se em Asti, ao lado de D. Ronco, o nosso Fundador, Mons. Bertagna e o Pe. Marchisio na qualidade de novo titular civil das duas partes da Casa de Santa Clara [as partes de Mons. Bertagna e de Mons. Sardi]. Faltou o Pe. Ferrero. D. Marelló tinha chegado antes em Asti para pedir a D. Ronco de ajudá-lo a salvar a Congregação. Vendo que o Bispo exitava sempre, ele se ajoelhou a seus pés, ele, Bispo, diante de outro Bispo, suplicando-lhe de tomar uma posição. A questão não havia melhorado em nada enquanto se repropunha o mesmo dilema já tratado em Turim, com a preferência sobre da união dos irmãos. D. Marelló respondeu: “este bem maior de que se fala eu mesmo deveria conhecê-lo e vê-lo, pois eu sou o encarregado de governar a Congregação. Ora, eu nesta união, não só não vejo o bem maior da Congregação, que me custa muitos sacrifícios e à qual eu devo pensar, mas prevejo a sua destruição. Muito dificilmente os irmãos se adaptarão a renunciar aos próprios estudos para se tornarem enfermeiros. A Congregação tem uma finalidade muito nobre, isto é, aquela

de cuidar diretamente da salvação das almas; e por isto Deus a abençoou abundantemente até hoje. Ao contrário, com a união aconteceria com ela aquilo que acontece com o Rio Pó, que na força da correnteza ao entrar no mar conserva por um pouco as suas águas, mas depois estas se confundem com o próprio mar”. D. Ronco começava a comover-se com a calorosa explicação de D. Marelllo e dirigindo-se a D. Bertagna lhe disse: “Você ouviu? A comparação é bem clara”. E D. Marelllo continuou: “se eu buscasse a minha comodidade diria aos irmãos que se unissem pois assim eu tiraria de mim qualquer pensamento, qualquer preocupação, tendo eu já uma grande Diocese para administrar; mas exatamente por ser muito cômodo este projeto, não parece que venha de Deus”. A vontade de Deus era exatamente aquilo que guiava o nosso Fundador e o tornava corajoso para defender a existência e a finalidade da Congregação. Concluiu-se assim a discussão sobre a hipótese da união das duas Congregações. Então começou a conversa sobre a segunda hipótese, e D. Marelllo se declarou disposto a ressarcir à Pequena Casa as despesas que esta dizia ter feito na Casa de Santa Clara.

13. Saudaram-se então com a hipótese da segunda solução: D. Marelllo se comprometia a ressarcir à Pequena Casa e esta desistia das suas exigências sobre Santa Clara. Enquanto isso, porém o Cônego Bellino “outro assinante de Santa Clara”, escreveu uma carta de fogo ao Pe. Ferrero, exultando-o a não desistir; e assim tudo voltou como antes. No dia 8 de fevereiro D. Marelllo estava de novo em Asti para encontrar o Pe. Ferreiro: esta era a sua última viagem a Asti antes de morrer. Ele começou por se queixar que não tivesse sido aceito o acordo da convenção anterior e fez uma contra-proposta: ele

retiraria de Santa Clara os irmãos se a Pequena Casa endossasse as despesas da Casa e o ressarcisse do dinheiro pessoal que ele aí havia colocado: [era o dinheiro da herança Savio]. O Pe. Ferreiro não aceito esta proposta e reunião foi inútil. O único acordo foi de confiar daqui para frente os entendimentos a dois representante que foram o Pe. Marchisio para a Pequena Casa e Pe. Peloso em nome de D. Marelllo. Enquanto isso, durante a reunião, tinham sido escutadas palavras fortes contra D. Marelllo, acusado como se quisesse apropriar-se de coisas que não eram suas. Ele soube manter a calma como fazia sempre, e na reunião com a comunidade à noite, antes de voltar a Asti falou com todos com muita serenidade, como se nada tivesse acontecido. Somente depois os irmãos ficaram sabendo que o haviam tratado como um ladrão! Somente no caminho para a estação ele repetia aos irmãos que o acompanhavam: “ agora chegou o tempo de insistir na oração” (SSV, 816).

14. Era verdadeiramente muito grande a aprovação à qual Deus submetia o seu servo fiel, mas ele nunca queria ter motivos de atrito e divisão com ninguém, alheio como ele era por natureza e por virtude a discutir com quem fosse, e somente o fazia por razão de caridade e de justiça. Com a Pequena Casa da Divina Providência ele tinha tido sempre relações de estima e de amizade, começando pela devoção que tinha para com o Santo Cotollengo até chegar a confiança que tinha colocado em seu sucessor, o Cônego Anglesio, ao qual se tinha dirigido para aconselhamento antes de fundar a Congregação. O Cardeal Gamba declarou: “nas ligações que teve com os superiores da Pequena Casa ele usou sempre honestidade e ainda respeito e estima, embora mantendo-se

firme no direito que em consciência não podia abandonar. Não excluiu que esta firmeza fosse aumentada pelo medo que a Congregação dos Oblatos, por ele fundada, e sustentada pelo Bispo, terminasse por morrer. Sei por conhecimento próprio que o servo de Deus ao falar ou escrever a outras pessoas sobre o assunto recomendava sempre prudência e caridade, insistindo que o problema devia ser tratado e resolvido pelos superiores” (SSV, 735). Como prova daquilo que afirmava o Cardeal Gamba, podemos ler a carta de D. Marelló ao Pe. Cortona no dia 4 de março de 1895, a última que ele escreveu aos Oblatos antes de morrer: “ a carta que acabo de receber do irmão Imaculado demonstra verdadeiramente que os Irmãos de São de José nos mês dedicado ao seu padroeiro, mais do que em outro qualquer tempo do ano, ao imitá-lo “misturam alegrias e dores”: alegrias no espírito (...), lágrimas no coração ferido por tantos espinhos. (...) Fiquem todos de alma tranqüila debaixo do manto paterno de São José, lugar seguro nas atribulações e nas angústias, também para o vosso José Bispo” (L. 278).

15. Diretamente D. Marelló não se ocupou mais com este grave problema. Não teria sido capaz também por causa de sua saúde que piorava sempre mais sob o peso de tantas angústias. Ele guardava tudo para si; mas os seus familiares, no Paço Episcopal de Ácqui começaram a preocupar-se e lhe recomendavam o descanso. O golpe mais duro para ele foi a publicação no Jornal Corrieri Astigiano de 2 de abril de 1895, de um artigo infamante contra ele, escrito, soube-se mais tarde, por alguns professores do seminário de Asti. Um Pe. Barnabita de Asti tinha preparado um artigo forte para defender D. Marelló, mas quando este o soube não quis que

fosse publicado. Também Mons. Pagella e o advogado Graglia queriam processar os autores, mas ainda mais uma vez ele se declarou contrário. Somente a Providência devia intervir para iluminar e fazer justiça. E a Providência interveio, mas somente após a sua morte. Na terra ele não chegou a ver a conclusão deste grave problema, mas do céu o acompanhou e conseguiu de Deus que a resposta fosse toda a favor da Congregação. A sua morte foi um sacrifício para a sua Congregação. Escreveu o Pe. Cortona: “Naqueles dias ele vivia constantemente rezando e pensando um modo de descobrir o segredo para desenrolar aquela intriga, e como para males finais costuma-se buscar remédios extremos, veio-lhe na cabeça de tentar um último golpe para obrigar a Divina Providência a vir em nosso socorro. E ele acreditou por bem em oferecer a própria vida, e num momento muito aflitivo manifestou este desejo ao seu secretário. E este que amava muito o seu Bispo: “Não, Excelência, isto nunca! Esperemos que Deus nos ajude sem que Vossa Excelência tenha que fazer o sacrifício da própria vida”. Este depoimento dá luz à epopéia da sua santa morte. Também o teólogo Rastero, seu confessor, confirmou o fato que D. Marelló tinha oferecido a sua vida para salvar a Congregação.

16. O parecer final que dava razão a D. Marelló chegou de Roma no dia 13 de abril de 1897, dois anos após a sua morte. D. Ronco ficou muito feliz com isso, porque ele tinha feito sua causa da Congregação. Mais contentes ficaram os Oblatos; e a Páscoa daquele ano, que aconteceu no dia 18 de abril, foi ocasião de grande alegria para as famílias de Santa Chiara. O Pe. Carandino declara que não quiseram fazer festa exterior para não perturbar aquela paz que procedia da grande graça

que haviam obtido. Estas são as suas palavras que manifestam o bom espírito josefino que havia aprendido do Marelló: "... por respeito à Pequena Casa, pela qual D. Marelló tinha no coração uma grande reverência, e ainda por respeito aos sacerdotes [contrários à Congregação], nós não celebramos a nossa vitória, menos ainda nunca deixamos transparecer nem à Pequena Casa e nem aos sacerdotes [que estavam do lado dela] palavras de pouco respeito. Procurávamos imitar o nosso pobre Pai". Haveria conclusão melhor? Procuremos nós também imitar o nosso Pai, o Bem-aventurado José Marelló.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

XVI - A PROVA SUPREMA

- 1 - Em que sentido Mons. Marelló foi chamado Mártir da caridade?
- 2 - Os termos da questão com a Pequena Casa do Cotelengo.
- 3 - O mal entendido das Irmãs Filhas de São José.
- 4 - O Bem-aventurado nos ensina a amar a Congregação também com sacrifício.
- 5 - As provas sinais da sua santidade. E da nossa?

Capítulo XVII .

O PADRE CORTONA E OS PRIMEIROS OBLATOS

*“Pobre filhos, morreu o vosso pai...
daqui para frente vosso pai serei eu...”*
(Mons. J. Ronco).

1. Quando D. Marelló morreu, no dia 30 de maio de 1895, a Congregação era composta por 7 sacerdotes [4 em Asti e 3 em Frinco], 15 irmãos coadjutores [10 em Asti e 5 em Frinco], 24 irmãos estudantes [em Asti], 176 alunos em Asti e 46 em Frinco, alguns dos quais eram irmãos estudantes. Ao todo, a Congregação contava com 63 membros. Era uma plantinha robusta mais ainda não auto-suficiente. Não possuía uma Constituição jurídica própria, nem na Diocese, onde no máximo era considerada como uma Pia Associação mas sem nenhum documento escrito que a qualificasse como tal. Como organização, portanto, dependia de tudo do Bispo de Asti, o qual não se interessou por ela enquanto estava vivo o Marelló, reconhecendo honestamente que era ele o fundador e o superior

responsável. Às vezes surgia algum pequeno problema, como por exemplo, a questão na época de alguma importância, da precedência nas procissões religiosas. Os irmãos deveriam estar com os seminaristas ou com as confrarias? A isto respondia D. Marelo em abril de 1892: “como não se tratava de cônegos para os quais a resposta vem dos seminários, o assunto poderia ser resolvido sem dificuldade. Agora era preciso examiná-la com autoridade do Bispo. Qual o lugar dos irmãos? Antes dos clérigos e com a cruz capitular? Depois das confrarias e com cruz própria? Há muitos interessados nesta decisão sem o apoio da autoridade. Mas é esta que deve dar a resposta, aquela resposta, que uma vez outra, é de obrigação pedir para a nossa orientação (como é de nossa regra)”(L. 234). E alguns dias depois: “a respeito da questão da presença do grupo dos irmãos nas procissões e nos funerais, decidiu a Providência Divina, e isto é melhor para todos” (L. 236). Não nos interessa por ora saber a solução, mas entender que o fato era emblemático, pois estabelecia uma certa insegurança sobre o *status* da Congregação. De fato uma vez o Pe. Cortona tinha se sentido autorizado a dizer na frente de D. Ronco: “ nós na Congregação fazemos assim”. Com a sua costumeira rudez, o Bispo lhe cortou a palavra: “ O que é que você diz? Nós, Congregação? Mas vocês não são nada, não são mesmo nada...”. Se era esta a situação na época da morte do Fundador, a situação se agravou com a questão da Pequena Casa, como já vimos. Devemos então perguntar-nos como é que pôde sobreviver a Congregação e firmar-se nos anos do fim de século XIX e depois nos primeiros anos do século XX.

2. E eis a resposta: Dom Marelo morrerá mas a sua presença foi sentida desde o primeiro dia com uma série de graças que

foram prodigiosas. Enquanto o Pe. Cortona corria para Savona para assistir ao enterro, o Pe. Carandino e o Pe. Medico foram visitar o Bispo de Asti, D Ronco. Este os antecipou e saiu com estas exclamações: “Pobres filhos! Morreu o vosso Pai! Tenho a impressão de estar ainda vendo aquele pobre homem, ajoelhado aos meus pés, com as lágrimas nos olhos! Daqui para frente eu serei o vosso Pai! Isto os deixa contentes? Ajudem-me com as vossas orações”. Em seguida, um pouco mais alegre, acrescentou: “Fiquem tranquilos, eu dou murros fortes e não me pouparei. Pobres filhinhos, se eu não vos defender, quem vos irá defender?”. Depois de ter lembrado este fato, o Pe. Carandino comenta: “Nós saímos da sala e nos dissemos um ao outro: “Mudou a mão direita do Altíssimo; e atribuímos ao nosso bom Pai uma tal mudança em D. Ronco”. Este foi considerado o primeiro milagre feito por D. Marelo depois de sua morte. Havia razões para nos animarmos, pois havia outras pessoas que eram hostis a Santa Chiara durante a vida de D. Marelo, e pensavam que tivesse chegado o momento de concluir a questão de maneira apressada. Mas D. Ronco havia assumido as suas responsabilidades e os Oblatos podiam ficar tranquilos. Juntamente com ele mexeu-se também o seu próvigário Gamba. De Ácqui vieram a Asti para conversar com o Bispo, os cônegos Pegella e Peloso, porque este último era e executor testamentário do Marelo. Todos assumiram com responsabilidade a questão da Pequena Casa e a levaram adiante até a vitória final. Podemos até afirmar que a Congregação ganhou com isso. Nenhum dos Oblatos se mexeu, porque se movimentavam outros em seu favor. Esta grande graça era devida à estima que todos tinham por D. Marelo. A solução final foi uma prova da sua assistência do céu, uma

assistência ainda mais poderosa do que se ele ainda estivesse vivo no meio de deles.

3. Em Asti a Congregação continuava o seu caminho como sempre havia feito. Agora muitas diretrizes chegavam de Ácqui, porque o Pe. Peloso sentia que era encarregado de ajudar os Oblatos naqueles primeiros momentos de sofrimento. Por outro lado ele era o executor do testamento de D. Marelló em favor da Congregação. Ele chamara para Ácqui os dois irmãos acquienses, os irmãos Pedro Bianco e Antonio Mazzetti, para se prepararem aos exames das ordens que deviam receber, pouco depois, na própria Diocese. Ele mandara a Alba o irmão Casimiro pelo mesmo motivo, depois de ter conversado com o Bispo D. Re. Portanto o Pe. Peloso se preocupava com estes problemas, como teria feito D. Marelló se ainda estivesse vivo; e esta colaboração se tornava recíproca, porque os irmãos procuravam tornar-se úteis à Diocese de Ácqui como podiam. O irmão Benedito foi para Ácqui para organizar o apartamento de D. Marelló; o irmão Antonio, ao contrário foi para Strevi para pôr em ordem a vinha do Bispo. Aos poucos a ação do Pe. Peloso e do cônego Pagella se concentraram na ajuda ao Bispo de Asti para organizar e defender a causa de Santa Clara que a Pequena Casa tinha enviado para Roma, para a Congregação dos Bispos e dos Regulares.
4. As várias famílias da Casa de Santa Chiara estavam todas sob a orientação do Pe. Cortona, uma orientação aprovada também porque ele tinha atingido a idade de 40 anos. D. Ronco era o superior do qual os Oblatos tomavam as ordens como sempre haviam feito, mas agora de uma maneira toda especial. Ele protegia a Congregação e a guiava realmente. Foi ele quem nomeou o Pe. Cortona diretor das obras de Santa Chiara e “para

eliminar qualquer dúvida a respeito de quais fossem as obras Pias fundadas em Santa Clara, com a sua total colaboração”, publicou uma disposição que mandou fixar à porta do instituto durante três dias e depois guardar no arquivo. Nela se dizia: “declaramos que as obras Pias presentemente fundadas no Instituto de Santa Chiara, segundo a norma do rescrito da Congregação dos Bispos e dos Regulares no dia 11 de maio de 1883, são as seguintes”; e apresentava a seguir a lista de todas as famílias que ali moravam: homens e mulheres idosos; órfãos e órfãs; irmãos de São José; sacerdotes e leigos; o colégio de Santa de Chiara e a sucursal de Frinco; as Irmãs de Nossa Senhora da Piedade [que substituíram as irmãs Vicentinas]. Colaboravam, com o Pe. Cortona, o Pe. João Medico como seu vigário e ecônomo; o Pe. Carandino como secretário, encarregado dos estudos e reitor em Frinco; o Pe. Baratta para os serviços prestados à Diocese nas paróquias sem pároco.

5. Acrescenta o Pe. Carandino numa sua nota: “O sacerdote, Pe. João B. Cortona governou a Congregação de 1883 até 1895 como Vice-Reitor, e de 1895 até 1921 como Reitor-Mor. Ao todo governou durante 38 anos”. Seria muito interessante possuir uma história detalhada dos anos da Congregação após a morte do Fundador. O que podemos dizer é que uma figura assim tão importante, como foi o Pe. Cortona, não a podemos deixar na sombra, sem perder de vista os grandes progressos que a Congregação fez nos anos da sua orientação. Aqui eu me contento de apresentar um pouco esta figura que gostaria de comparar àquela do Bem-aventurado Miguel Rua ao lado de D. Bosco, ou do Pe. Eugênio Reffo ao lado de São Leonardo Murialdo, ou ainda de D. Anglesio ao lado do Santo Cotollengo. Estes e outros casos semelhantes nós poderíamos

recordar aqui também de outras Congregações, onde se vê que a obra iniciada com as marcas carismáticas de um santo Fundador, foi depois levada adiante e consolidada e até às vezes salva por um discípulo fiel e forte que, vivendo à sombra e na escola de tal mestre, se tornou capaz de ser o continuador e o válido organizador. E [que] não se pense que seja indispensável encontrar afinidades de caráter entre o mestre e o discípulo: o Pe. Rua certamente não tinha o caráter de D. Bosco, pois era de caráter forte e austero. Mas aqui o que conta não é tanto o caráter quanto o valor espiritual; aliás podemos até afirmar que o método do Pe. Rua ajudava a paternidade de D. Bosco [quando ele ainda estava vivo] e que a presença do Pe. Reffo substituíria “a irriquietude apostólica” do Murialdo; e que o espírito de organização de Monsenhor Anglesio serviu para consolidar as múltiplas e até caóticas fundações do Cotollengo. O Senhor havia colocado, ao lado de D. Marelo, aquele jovem alessandrino muito diferente dele, no temperamento e caráter e até preparação intelectual, mas sincero, pio e zeloso ao extremo, que se deixou moldar à sua escola e se tornou, por divina disposição, o braço direito e o continuador devoto de sua obra.

6. Assim o Pe. Carandino resume a vida e a obra do Pe. Cortona: “chamado ao sacerdócio de uma maneira que tem sabor de prodígio, como neo-sacerdote ele entrou na Congregação que tinha sido apenas iniciada, e por causa dela enfrentou muitas fadigas para formar os candidatos à piedade e ao estudo, para pregar a palavra de Deus e para administrar as paróquias vazias que o Bispo lhe confiou. A sua seriedade e operosidade serviram para propagar o bom nome da Congregação nas aldeias e nos subúrbios, para suscitar vocações, para conciliar a

simpatia dos Bispos e de muitas outras pessoas. Quando morreu D. José Marelo ele assumiu a responsabilidade suprema na qual se ocupou sempre com muito esmero. Por isso quando terminou a sua tarefa em 1921, deixou a Congregação um grande exemplo de filho e de pai trabalhador e muito amado”. Este quadro pode ser completado por um outro panorama do Pe. Carandino, que assim se referia a alguns traço da sua dedicação: “ele cuidou ao máximo da beleza das funções sagradas e das cerimônias, seja na nossa Casa, seja nas paróquias a ele confiadas. A isto acrescentou um grande fervor de piedade para com Deus, para com a Santíssima Virgem, para com os Santos e para com a Santa Comunhão. Trabalhou incansavelmente, seja na escola como também na pregação [na qual tinha grande sucesso] e na administração de paróquias, especialmente das mais pobres, de que cuidou com muita dedicação”.

7. São opiniões cheias de muita estima e de elogios para com um homem da estatura espiritual do Pe. Cortona. Acima de todos os julgamentos que se refere à sua pessoa, parece-me importante uma constatação: o fato de ter levado adiante a Congregação por tantos anos, fazendo-a crescer, expandindo-a em muitas regiões da Itália, nas Filipinas e no Brasil. Isto por si só é um fato que confirma o grande louvor a seu respeito e o coloca dignamente ao lado do Fundador, antes como seu representante e depois como continuador da obra iniciada por ele. Para ajudar no estudo de síntese mais aprofundada, a quem o quiser fazer no futuro, eu vou citar alguns juízos críticos que sobre ele foram feitos, sem negar a sua grande retidão e o grande esforço que fez pela Congregação. O Pe. L. Garberoglio afirma que alguns o julgavam “muito exagerado [na piedade];

claro que saia do ordinário”. De fato ele tinha uma atitude exterior “muito diferente daquela de D. Marelló: mas ambos eram Santos e edificavam a todos”. Ele tinha um caráter por vezes impetuoso, sempre animado por um indiscutível desvelo, mas nem sempre iluminado pela reflexão. Uma vez, por exemplo, quando ainda vivia D. Marelló em Asti, ele tinha castigado dois “caríssimos”, obrigando-os a rezar o terço poucos minutos antes do almoço. Os dois pobres garotos, com o risco de perderem o almoço, combinaram entre si: um diria “Ave-Maria” e o outro responderia “Santa-Maria”, e assim em poucos minutos terminaram a penitência e estavam prontos para ir ao refeitório. O Pe. Cortona, bravo, na presença de Dom Marelló os interrogou: E a penitência? “Já a fizemos”. Como é que a fizeram em tão pouco tempo? E então explicaram o truque. Dom Marelló começou a rir muito contente e disse ao Pe. Cortona: “Veja, a culpa é sua: você não devia dar tal penitência e de tal modo...”. Por ora não vamos entrar em outros detalhes que se referem à Congregação.

8. Vamos acrescentar somente que o século XIX se concluía com estas posições e que o novo século via finalmente as aprovações oficiais da Congregação, antes com a aprovação Diocesana em 1901 e depois com aquela Pontifícia em 1909. Também aqui devemos ver a mão de Deus, que suscitou para Asti um sucessor de D. Ronco que tinha todas as qualidades e as experiências para conduzir a Congregação a estes resultados. D. Jacinto Arcangeli chegou a Asti da cidade de Bergamo, com a idade de 65 anos, e já havia ajudado uma Congregação feminina a preparar os documentos para a aprovação Pontifícia. Com esta experiência e cheio de amor à Congregação, ele preparou todos os passos indispensável para a Congregação, até

o ponto de perder a saúde. De fato ele morreu em San Remo, cidade em que se retirara, voltando de Roma a onde tinha ido para tratar da causa da Congregação. Como, então, não agradecer a Deus por toda a assistência que deu à Congregação nos anos que se seguiram à morte do Fundador?

9. Na meia-noite entre 1899 e 1900, o Pe. Cortona, na presença de toda a comunidade reunida na igreja, agradeceu a Deus pelos dons recebidos no século que se concluía e celebrou a “missa em honra do Sagrado Coração de Jesus” com esta intenção marcada no registro: “por dilecta Congregatione - pela amada Congregação”, para pedir desta forma as bênçãos do Sagrado Coração de Jesus para toda a Congregação durante o novo século. Também depois celebrou em honra do Sagrado Coração de Jesus em todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, como se pode ver no registro das missas da sacristia. No começo do século XX a Congregação tinha 16 sacerdotes, 31 irmãos estudantes, 14 coadjutores, 19 noviços, 32 aspirantes e 110 colegiais internos. A Casa de Santa Chiara continha, ao todo, cerca de 400 pessoas. Comparados, também com os dados de 1895, estes números demonstram a grande vitalidade da Congregação que crescia num ritmo verdadeiramente impressionante, embora tendo ainda uma única casa com a sucursal de Frinco. Agora havia necessidade de expansão fora da Casa de Santa Chiara, e o novo século via esta nova vitalidade com a abertura da casa de Alba em 1901, de Pontremoli em 1903, de Canelli em 1904 e assim de seguida com uma média de uma nova casa a cada ano até acontecer a Primeira Guerra Mundial, em 1914.

10. Já estava maduro também o tempo para expansões maiores fora da Itália, e a abertura das missões nas Filipinas e depois no

Brasil foi uma conseqüência natural e necessária de espírito de adaptação e de serviço que devia assinalar os Oblatos de São José. Não é fácil, todavia, conjugá-la imediatamente com este princípio, e antes de tomar uma decisão foi necessário ouvir a voz da Autoridade Suprema, para ter a certeza de fazer algo agradável a Deus, segundo o espírito da Congregação. Afirma o Pe. Carandino: “Dito isto, a Congregação possuía, na opinião do abaixo assinado, a plena certeza moral de que as duas missões [das Filipinas e do Brasil] são coisas que Deus quer para ela”. O Pe. Carandino foi um dos mais qualificados intérpretes do espírito do Fundador e o seu testemunho é muito precioso. Ele o convalida com as palavras do Papa quando partiram para as Filipinas: “se forem, deixam-me muito feliz”; e quando foram para o Brasil: “Vão, isto é a voz de Deus”. E ele conta depois: “Senhor, o que queres que eu faça? Foi a expressão que o Espírito Santo colocou na boca de Saulo que tinha sido milagrosamente convertido. Portanto também o Reitor-Mor, antes de aceitar a missão das Filipinas, quis acertar-se de que fosse esta a vontade de Deus e foi conversar com o Sumo Pontífice. O Pe. Cortona levou consigo este abaixo assinado. O Santo Padre [Bento XV] recebeu-nos com grande afabilidade. Esteve antes, com o Santo Padre, o Monsenhor Petrelli, delegado apostólico naquelas regiões. A um certo momento nós fomos introduzidos. Apenas o Papa nos viu, dirigiu-nos estas exatas palavras: “Se vocês forem, vão me fazer um grande favor”. Eu não sei que dia da semana fosse, nem me lembro o dia do mês. Lembro-me que estávamos no começo de maio de 1915. Os missionários partiram na segunda metade de julho, logo a seguir”. Parece que pouco tempo depois, o Pe. Caradino completou esta anotação com uma

reflexão: “buscar a glória de Deus, mas de acordo com a sua vontade, [dizia] Mons. Pai nas suas cartas”.

11.É claro que o trabalho fora da Casa de Santa Chiara devia atingir não somente as várias regiões italianas, mas também estender-se ao exterior para responder plenamente ao carisma de ir ao encontro às necessidades dos sacerdotes diocesanos, aliás, de substituí-los. Aonde eles faltam, sem olhar para as dificuldades e escolhendo para si os lugares e as condições de maior pobreza e necessidade. Desde 1877, no esboço da Regra Fundamental, o Fundador tinha lembrado esta necessidade de pobreza para ajudar a desenvolver o espírito religioso entre os irmãos; e as aberturas missionárias eram o terreno ideal para renunciar totalmente a si mesmos e colocar-se, desinteressadamente, ao serviço ministerial. Este espírito de renúncia e dedicação foi expresso muito bem pelo primeiro Bispo missionário josefino, D. Marco Libardoni, o qual, numa carta que escreveu ao Superior Geral da Cordilheira dos Andes, no Perú, dizia: “Eu nasci pobre, vivi sempre entre os pobres, fui educado numa Congregação pobre, com um padroeiro pobre como São José, e trabalhei entre os pobres, na Itália e entre os mais pobres, no Peru, e espero e desejo morrer pobre e ficar sempre entre os pobres”. D. Marco Libardoni foi enterrado entre os pobres, na pobre Catedral de Huari.

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

XVII - DON CORTONA E OS PRIMEIROS OBLATOS.

1 - O Bem-aventurado assiste do Céu a Congregação (O milagre da Congregação!).

2 - Mons. Ronco e a Congregação: durante a vida do Fundador e depois.

3 - Don Cortona: a sua figura e a sua importância na história da Congregação.

4 - Desenvolvimentos impressionantes da Congregação depois da morte do Fundador.

“A Casa de Santa Chiara possui abundância de tudo: pregadores, confessores, catequistas, professores, amadores das belas artes, sem contar ainda os procuradores, os ecônomos, os chefes de laboratórios, os operários, etc.”

1. Já vimos juntos a vida e o ensinamento do nosso Fundador e Pai, o Bem-aventurado José Marelló. Fizemos isso tratando de alguns temas mais importantes que aparecem na sua Biografia. Mas escrevendo-a eu não podia parar e fazer muitas considerações sintéticas, sendo eu ligado rigorosamente à sucessão histórica dos acontecimentos. Porém nestes encontros pudemos explorar os aspectos que sobressaem com maior evidência nele e também procuramos tornar atuais os temas que tratamos, aplicando à nossa vida. Espero assim de ter dado a todos motivos para a reflexão para conhecer melhor o Bem-aventurado José Marelló e compreender as orientações que ele deu à Congregação. Se as minhas palavras foram insuficientes para traduzir a riqueza dos ensinamentos que ele nos deixou, a vossa participação, sobretudo no trabalho de grupos, certamente contribuiu para esclarecer e aprofundar a sua doutrina, uma doutrina que não é fácil, que não é superficial e que exige muito esforço por nossa parte. Para poder compreendê-la melhor, é necessário considerá-la sempre à luz da Palavra de Deus, seja quando nos apresenta a figura de São José nos Evangelhos, seja quando consideramos o conceito bíblico de escondimento [lembrar São Paulo: “A vossa vida esteja oculta com Cristo em Deus”] ou o significado do abandono no Pai na vida de São José e na vida pública de Jesus [“Sim, ó Pai, porque assim te agradou”]. Assim pudemos concluir que os temas da vida fraterna na “Casa de São José”, do

Capítulo XVIII.

A NOSSA IDENTIDADE DE OBLATOS

escondimento [e recolhimento] e do abandono, a imitação de São José, constituem a base da nossa identidade josefino-marelliana, seja na parte espiritual, seja no carisma apostólico que nós manifestamos na frase do Fundador de “fazer dia-a-dia aquilo que a Providência nos mostra”.

2. Em poucas palavras este é o resumo do nosso carisma josefino; mas devemos ter cuidado com aqueles que eu chamo de “curto circuitos”; ou seja, de não reduzir estes grandes temas a pequenas propostas moralísticas, onde o escondimento é trocado por pobreza de idéias e de ações e o abandono na Providência se traduz em generalidade ministerial sem um substrato cultural que nos permita nos especializarmos e de nos tornarmos competentes nos vários campos de trabalhos que fazemos. Duas palavras de esclarecimento, porque não é fácil compreender bem uma espiritualidade deste tipo que olha para São José um santo amado, mas também muito desconhecido. A ocultação em São José não se deve confundir com aquele servo infiel que “ocultava” a moeda sem fazer com que frutificasse. Ainda da metáfora podem surgir idéias erradas sobre o verdadeiro espírito de ocultação como aquela que o Pe. Francisco João Viola denunciava nos Processos de Beatificação: “Muitos consideravam [em nome do espírito de ocultação] como contrária ao espírito da Congregação, qualquer manifestação exterior”, como aquelas que colocam em luz o Fundador ou a Congregação, ou que favorecem a boa orientação vocacional “exclusivamente porque essas coisas eram consideradas exterioridade e não conformes ao espírito que havia sido inculcado por Dom Marelllo. Em seguida compreendeu-se que isto não ofendia por nada aquele espírito bem compreendido, ou seja, que o espírito de ocultação não é espírito de sufocação e

que se pode com as devidas cautelas dar glória a Deus através dos seus servos sem prejudicar a humildade e o esforço da perfeição” [Pr. Suppl. Ácqüi, pg. 180]. Falando de maneira positiva nós devemos adquirir um forte sentido de identidade josefina que nos distinga no trabalho como na vida. Não é necessário vangloriar-nos com as nossas obras, mas nem escondê-las apresentando-nos mais como sacerdotes diocesanos do que como religiosos, ou colocando em primeiro lugar a nossa pessoa e não a Congregação. Estes defeitos nos impedem de projetar em nível amplo a Congregação e mortificam a força da comunidade que permanece paralisada e empobrecida. Nesse caso acontece aquele “curto circuito” que bloqueia as iniciativas comunitárias e não evidencia a beleza da nossa vida e do nosso trabalho de conjunto. Dom Marelllo nos ensina a vencer toda forma de individualismo; ele nunca falava de si e o seu lema era “Honra e glória somente a Deus: e toda a sua vida estava impregnada por esta verdade. Nunca se ouviu que ele falasse de si mesmo” [Pr. Suppl de Ácqüi, pg. 223]. As suas virtudes eram totalmente interiores. Mesmo os prodígios que realizou [e realizou muitos] são de ordem espiritual como profecias, compreensão das almas, graças místicas especiais; somente algumas vezes realizou curas físicas propriamente ditas, mas sempre com discrição e humildade. O seu espírito de ocultação era a prova mais evidente da sua santidade e as pessoas olhavam para ele e o proclamavam santo. Deus exalta os humildes. De maneira análoga a nossa Congregação poderá gozar de estima e prestígio quando os seus membros compreenderem em profundidade as riquezas da espiritualidade josefina e souberem imitar o Bem-aventurado José Marelllo na vida e na plenitude da santidade.

3. Aludimos também ao nosso modo de trabalhar fazendo “dia por dia aquilo que a Providência indica”. Trata-se de um projeto muito atual e aberto aos “sinais dos tempos” que nós devemos saber compreender com espírito de generosidade. É um projeto que nos torna disponíveis às necessidades dos pobres, que nos abriga a trabalhar nos lugares de maior necessidade, que nos impulsiona ao sacrifício de nós mesmos para nos entregarmos aos outros. Trata-se de um projeto que motivou a Congregação para escolher os lugares mais pobres e distantes nas Filipinas, onde não havia clero no início do século e logo depois no Brasil, no litoral de Paranaguá, e também nos Andes do Peru e na Bolívia, exatamente há 50 anos. Este projeto nos fala hoje de inculturação, porque ninguém como nós deveria ter um espírito de adaptação às pessoas, aos lugares e as culturas em que nos encontramos a trabalhar. Identificar um tal projeto assim tão fantástico com um comportamento insignificante de ser “pau para qualquer obra”, que nos tornaria empregados gerais sem entusiasmo e sem qualificação específica no nosso trabalho seria criar de novo aquele “curto circuito” com a conseqüência de um retorno sobre nós mesmos por falta de sentido eclesial e missionário: exatamente o contrário do bom carisma marelliano. Vivemos no mundo da globalização, onde os interesses de uma população são os interesses de todos, porque os povos se encontram, as idéias de confrontam e se confundem como nunca na história passado, mas acontece também o contrário, porque crescem os particularismos, os regionalismos, os nacionalismos e se tornam causa de divisão, de incompreensão e de violência. Num mundo assim tão complexo é importante tornar-nos simples, capazes de autenticidade no quotidiano e fazer nosso o lema do Fundador e sermos extraordinários ao realizar as ações mais comuns da vida de cada dia. Não seria esta

a “pequena via” que Dom Marellino traçou para nós que é muito semelhante àquela da sua contemporânea Santa Tereza do Menino Jesus, a qual indicava para todos o caminho ou a via da simplicidade e do amor que une e que perdoa? Com esta “pequena via” Santa Tereza abraçou o mundo inteiro, colocando-se no coração da Igreja. Com este caminho de simplicidade evangélica também nós nos tornaremos capazes de fazer o bem a todos, seja qual for o lugar onde Deus nos chamar através da obediência.

4. Um outro aspecto que eu gostaria de tratar falando da nossa identidade é aquele da formação em todos os níveis, desde aquele inicial até aquele da formação permanente. Nós Oblatos somos grandes trabalhadores e todos o reconhecem, mas devemos também ter o coração e a mente abertos àquilo que acontece ao nosso redor: devemos conhecer os documentos da Igreja, e não contentar-nos de uma cultura feita de leitura de revistas leigas e superficiais ou das notícias de televisão. Devemos acompanhar os grandes temas eclesiais, conhecer o desenvolvimento da Teologia, sermos numa palavra pastores iluminados que sabem dar alimento substancial aos fiéis, na catequese aos jovens e na pregação aos adultos, etc. Isto não significa que devemos todos nos tornar especialistas; mas que todos devemos estar preparados para desenvolver com dignidade as nossas tarefas. Já escrevia Dom Marellino no dia 06 de março de 1893: “A Sagrada Congregação dos Bispos e dos Regulares no final do ano passado deu orientações severas às Corporações Religiosas a respeito dos estudos e a consciência dos membros a serem admitidos as Ordens Sagradas, e isto em vista da muita facilitação usada até agora e da facilidade com que os Bispos impunham as mãos sobre os ordenandos apresentados pelos

Superiores Religiosos. Esta exagerada indulgências e facilidade podia certamente causar prejuízo à Igreja, sobretudo nestes tempos em que aumentou a cultura dos seus adversários que lhe dão constante e obstinada batalha no campo científico” [L. 248]. Hoje em dia os adversários mais perigosos são os adeptos das seitas Testemunha de Jeová e o assunto portanto, é mais do que atual: é indispensável estar preparados para dar respostas satisfatórias, seja para combater os erros, seja para orientar os cristãos para que não se deixem convencer por esses pregadores de fumaça e de vaidade.

5. Nós começamos estes encontros falando desde o primeiro dia de competência e de criatividade. Agora já é tempo de dizer que a verdadeira competência exige criatividade e que a criatividade seria perigosa e ou inútil sem uma boa competência. Houve uma época, e não faz muitos anos em que se acreditava que o estudo era snobismo e que era necessário dar precedência às experiências concretas. Justamente o Concílio afirmou que o estudo da Teologia deve ser orientado para a pastoral; mas isto não significa que se possa fazer um bom trabalho pastoral sem um estudo sério, que deve continuar mesmo depois do currículo da Teologia fundamental, exatamente porque temos necessidade de pastores competentes, e os peritos não surgem de repente e sem estudo e quando necessário, sem os indispensáveis diplomas universitários. Mais uma vez Dom Marelllo nos dá as orientações necessárias. Falando com os alunos que entraram na Casa Mãe em novembro de 1889, ele se queixava pela falta de qualidade intelectual e assim escrevia: “Percebo a qualidade ínfima e uma verdadeira ignorância... como a experiência nos ensinou os refratários [expulsos] do Dom Bosco [dos Salesianos] ou de outros Institutos devem ser vigiados com cuidado. É

desagradável que também os bons se vão embora [mesmo que seja para o seminário] e que fiquem os medíocres e os atrasados [aqueles que abaixam o nível da comunidade]. [...] No final das contas chegamos a um resultado que não é muito animador nem para a Diocese e nem para a Casa [de São José]” [L. 170]. Este texto [e outros que poderíamos citar] nos autoriza a chegar à conclusão que Dom Marelllo queria sujeitos bons e inteligentes que pudessem honrar a Congregação e a Igreja, antes de tudo com a própria santidade de vida, e em segundo lugar com a preparação humanística, filosófica, teológica e pastoral. A Congregação teve sempre grandes peritos nas várias matérias teológicas e pastorais. Mas eles se desenvolveram enquanto a Congregação permaneceu centralizada na Itália. Agora que surgiram novas e importantes realidades regionais como a de vocês, não seria possível refazer aquele caminho que perdemos quando tínhamos grandes professores de Filosofia e Teologia, grandes mestres e formadores, grandes músicos, etc.? Espero que vocês dêem respostas a esta pergunta que comprometam os vossos projetos de formação inicial e permanente.

6. Alguém poderia questionar: mas tudo isto não vai contra o nosso espírito de humildade e de ocultação? E eu respondo:

- Não parece que fosse contra o espírito de humildade aquilo que escrevia Dom Marelllo no dia 23 de fevereiro de 1891, aos Irmãos de Asti: “Louvado seja o bom Deus pelo resultado excelente dos exames de Filosofia. Aos candidatos; eu digo: muito bem, coragem! Adiante, muito bem ao Pe. Baratta, que vai adquirindo novos diplomas com o Breve de Missionário Apostólico. Santa Chiara agora tem em abundância todas as coisas: pregadores, confessores, catequistas, professores, amantes das belas artes sem contar os procuradores, os ecônomos, os chefes de laboratórios, os operários,

etc.” [L. 206]. Talvez sejamos nós que compreendemos mal o espírito do Fundador, o qual ao contrário, tinha a coragem e desejava coisas grandes a favor do Reino de Deus; como quando ele escrevia a respeito do número dos colegiais: “84 !!!! já é um bom número e ficam bem ao seu lado os quatro pontos de exclamação. Mas São José quer que ele cresça ainda mais” [L. 167]. Ou então quando ele falava do sucesso das missões em Ácqui: “Aqui nós terminamos a santa missão com grande número de comunhões: cerca de 700 homens [incluindo as comunidades] receberam os sacramentos. Seria como dizer cerca de 2000 na cidade de Asti. Louvado seja Deus! No último dia do ano eu recebi a serenata da Banda musical; esta era uma despesa a mais que eu não calculava. Na hora do “Te Deum” e do “Veni Creator” na Catedral havia muitíssima gente. Também as santas comunhões foram muito numerosas. Por outro lado vamos adiante dia a dia como Deus quer. E Deo gratias de tudo aquilo que dispõe em Ácqui e em Asti e em todos os lugares” [L. 176]. Também neste caso o humilde Marelló não se envergonhava de contar as numerosas comunhões e a grande participação às funções na Catedral de Ácqui, sem por isto faltar à sua proverbial modéstia e humildade. O mesmo ele desejava para os seus Oblatos: “Ó quantas coisas eu teria que acrescentar para os queridos irmãos, noviços e aspirantes, especialmente para os sacerdotes. O trabalho cresce não é verdade e o Pe. João atrai gente para o confessionário? E o Pe. Carandino como Secretário? E como vai a saúde do Pe. Barata, nas suas inúmeras peregrinações pastorais?” [L. 176]. Digo mais uma vez: devemos ter cuidado com os “curto circuito” para que não nos aconteça de trocar o espírito de ocultação com a nossa indolência espiritual. Dom Marelló louvava os atos de zelo dos confrades como quando ele animava o Pe. Baratta com estas palavras: “... quinta-feira passado falamos bastante dele e dos moradores de

Revignano. Veja como a sua fama está se esta alargando: Turim, Ácqui, Biella e outros lugares no futuro com a ajuda de São José” [L. 171]. No texto a seguir ele louvava toda a comunidade pelo interesse demonstrado em honrar Jesus no Sacramento da Eucaristia: “Alegro-me mais uma vez com todas as famílias de Santa Chiara pela competição na diligência em promover a manifestação de fé a Jesus no Santíssimo Sacramento: extraordinariamente esplêndida manifestação de fé, capaz de gerar os mais íntimos atos de amor. Ó, que triunfo de luz, de cantos, de perfumes e de cem coisas maravilhosas que ajudaram a circundar por uma hora o Rei da Glória, e que são símbolo das festas triunfais com que Jesus é eternamente glorificado por uma alma escolhida” [L. 190].

7. É bem verdade que algumas vezes ele moderava o excesso de zelo como quando se preocupava pela saúde do seu amado amigo Pe. J. Gamba: “Todos lastimam que ele se torne vítima da sua dedicação e que de todos os lados o trabalho lhe caia nos ombros, todos concordam em dizer que a indiscrição nesta maneira de agir de um só que acumula a fadiga e que não bastaria o esforço [capacidade] de muitos juntos para fazer o mesmo trabalho; enquanto isso cada um por sua parte não tem escrúpulos em carregá-lo todos os dias como lhe parece bem com aquele peso que gostaria que os outros lhe tirassem das costas. [...] Se o grande Atanásio escreveu um livro para justificar a fuga da perseguição, outros santos não só escreveram mas ainda mandaram os próprios filhos espirituais fugir desta espécie de perseguição. Ó, quanto maior foi o bem realizado nas Congregações Religiosas exatamente porque os fundadores com a Regra e com a descrição dos Superiores animados pelo próprio espírito conseguiram moderar com autoridade os ímpetus de zelo de cada religioso” [L. 176]. Na verdade Dom Marelló era um

homem de grande equilíbrio, que sabia estimular e incitar a fazer o bem, mas também moderar quando havia necessidade. Tudo isto faz parte da lógica da virtude perfeita que é aquela animada pela caridade e regulamentada pela prudência evangélica. Dom Marelo chamava a virtude da prudência “ a abadessa das virtudes”, citando São Tomás de Aquino e também o Papa Leão XIII, que a tinha recomendado aos Bispos no momento da sua Ordenação Episcopal.

8. Concluindo os nossos encontros, eu também gostaria de ser capaz de fazer as palestras que Dom Marelo dirigia aos primeiros Oblatos, por um lado estimulando-os ao trabalho, e por outro louvando-os e moderando-os nos excessos de zelo quando isto fosse necessário. A vida apostólica caminha sobre estes trilhos, como acontece com quem dirige um carro e deseja ir mais depressa, mas não pode esquecer as regras da prudência. Também para vocês existem normas de saúde que devem ser respeitadas e outros motivos que devem ser considerados. Por isso, é necessário ter muito tino, também para salvar os princípios da vida comunitária e as próprias práticas de piedade. Recorrendo a estas regras, é possível conviver em paz com os vários compromissos da vida diária lembrando [com Dom Marelo] que “neste mundo caminham juntos a alegria e o sofrimento. E a vida de São José não foi ela também uma alternativa de consolações e de temores? Portanto [...] na Casa de São José, no meio de dúvidas e ansiedades, que os ânimos tenham sempre confiança e estejam certos e que se repita por parte de todos o que disse São Paulo: Eu me alegro nos sofrimentos pelo Cristo” [L 198]. A grande admiração que tenho por vocês e pelo seu trabalho me autoriza a dizer-lhes as mesmas coisas para anima-los na sua missão. O futuro que

vocês têm pela frente promete muito, e eu concluo com o nosso Fundador: “*Queira Deus que possamos nos manter sempre dignos de pertencer a esta família bendita e merecedores de receber das mãos do seu Chefe o alimento quotidiano*” [L 206].

REFLEXÃO SOBRE AS CONFERÊNCIAS

XVIII - A NOSSA IDENTIDADE DE OBLATOS.

1 - A espiritualidade marelliana não é fácil de praticar. Por quê?

2 - O perigo dos "corti circuiti", como: a superficialidade das ideologias; uma espiritualidade moralística e não bíblica; a superficialidade no apostolado (fazer no dia a dia aquilo que a Providência propõe nos torna superficiais?); o escondimento entendido como fuga das responsabilidades que nos são próprias...

3 - As potencialidades que derivam da espiritualidade josefina: atenção aos "sinais dos tempos"; a pequena via "do cotidiano; criatividade e profundidade (= competência) no agir.

4 - Necessidade também de discrição pois prudência , repetia Don Marelo, é a "abadessa das virtudes".

Roma , 06 de junho de 1998.

Tradução verbal feita pelo Pe. Álvaro de Oliveira, OSJ

<i>XII . A comunidade Josefina</i>	
<i>XIII. Formador e Catequista</i>	
<i>XIV Bispo e Pastor</i>	
<i>XV As Regras</i>	
<i>XVI Aprovação extrema</i>	
<i>XVII O Pe. Cortona e os primeiros Oblatos</i>	
<i>XVIII A nossa Identidade de Oblato</i>	

ÍNDICE

<i>I. Quem era José Marelllo</i>	
<i>II. O nosso encontro com ele</i>	
<i>III. A sua formação</i>	
<i>IV. José Marelllo Presbítero Diocesano</i>	
<i>V. As origens laicais da Congregação</i>	
<i>VI. A prática dos conselhos evangélicos</i>	
<i>VII. As finalidades ministeriais da Congregação</i>	
<i>VIII. A espiritualidade da Congregação</i>	
<i>IX. A ícone de São José</i>	
<i>X. O abandono em Deus</i>	
<i>XI O espírito de escondimento</i>	